

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM GEOGRAFIA**

DHERWERTON DOS SANTOS SILVA

**A TERRITORIALIDADE CAMPONESA NO ASSENTAMENTO SUL
BONITO EM ITAQUIRAÍ - MS**

**MARECHAL CÂNDIDO RONDON
2016**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM GEOGRAFIA**

DHERWERTON DOS SANTOS SILVA

**A TERRITORIALIDADE CAMPONESA NO ASSENTAMENTO SUL BONITO EM
ITAQUIRAÍ - MS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Dinâmica territorial e conflitos sociais em espaço de fronteira.

Orientador: Prof. Dr. Mauro José Ferreira Cury.

Co-Orientador: Prof. Edson Dias

**MARECHAL CÂNDIDO RONDON
2016**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM GEOGRAFIA**

DHERWERTON DOS SANTOS SILVA

**A TERRITORIALIDADE CAMPONESA NO ASSENTAMENTO SUL
BONITO EM ITAQUIRAÍ - MS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

Prof. Dr. Mauro José Ferreira Cury - Orientador
UNIOESTE – FOZ DO IGUAÇU

Prof. Dr. Edson Dias – Co-Orientador
UNIOESTE - MARECHAL CÂNDIDO RONDON

Prof. Dr. Tarcísio Vanderlinde
UNIOESTE - MARECHAL CÂNDIDO RONDON

Prof. Dra. Rosângela Custódio Cortez Thomaz
UNESP - ROSANA – Membro Externo

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho para Nathani Fernandes Alves Silva, Dherwerson Nathan Fernandes Silva, Maria Amâncio dos Santos, Devenil da Silva, Deivit Angelo dos Santos Silva e Mara Dhulhe dos Santos Silva, minha família que sempre me apoiou ao longo de toda a vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus.

À UNIOESTE e ao curso de Pós-graduação de Mestrado em Geografia, aos companheiros do Mestrado e a todos os professores do Mestrado em Geografia da UNIOESTE – Marechal Cândido Rondon – que transmitiram conhecimentos essenciais para a minha formação acadêmica.

Agradeço ao meu orientador, Professor Dr. Mauro José Ferreira Cury e co-orientador Professor Dr. Edson dos Santos Dias, assim como aos professores Tarcísio Vanderlinde e Rosângela Custódio Cortez Thomaz, pelo auxílio, apoio, incentivo e dedicação com que me orientaram no desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço, acima de tudo, pela paciência e companheirismo ao longo desta caminhada.

Aos assentados de Sul Bonito pelo carinho ao me acolherem em suas casas e compartilharem comigo momentos e histórias de suas vidas.

À minha esposa Nathani Fernandes Alves Silva, meu filho Dherwerson Nathan Fernandes Silva, minha mãe Maria, meu pai Devenil, meus irmãos Deivit e Mara que, no decorrer desses dois anos, sempre demonstraram seu apoio, paciência e amor.

A todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

RESUMO

A Geografia, como ciência, trouxe consigo um novo pensar acerca do homem e da natureza; assim como as variadas formas do homem territorializar o espaço a fim da manutenção do seu processo de vida, como também para a reprodução das relações capitalistas de produção. Neste contexto, o território aparece como representação de poder para a identificação do sujeito, de modo que este produz sua territorialidade. Essa reprodução capitalista provocou um repensar sobre classes sociais menos favorecidas, como a dos camponeses, que foram discriminadas pelas classes dominantes. Esta prática exploratória foi e continua, até os dias atuais, acontecendo no território nacional. A Geografia é uma forma de leitura do mundo, e nesta perspectiva, busca-se compreender o mundo camponês e suas especificações. A expansão recente das relações capitalistas no campo levou à expropriação dos meios de produção dos pequenos agricultores, dos quais se destaca a terra, este fato fez com que muitos camponeses se deslocassem para as cidades. Com esse processo de desterritorialização, coube aos movimentos sociais a tarefa de organizar essa população despossuída de território a fim de promover uma reforma agrária no Mato Grosso do Sul. A conquista de um território de assentamento levou as famílias a darem especial atenção para a organização da produção de subsistência de base familiar, organização de cooperativas, grupos coletivos, etc. Ao analisar o assentamento Sul Bonito, em Itaquiraí/MS, o objetivo principal deste estudo foi destacar a territorialidade camponesa e sua economia de policultura como parte das estratégias de resistência.

Palavras-chave: Geografia; Território; Territorialidade; Sul Bonito.

ABSTRACT

Geography as a science has brought with it new thinking about man and nature; as well as various forms of man territorialize space to the maintenance of the process of life, but also to the reproduction of capitalist relations of production. In this context, the area appears as a representation of power to the identification of the subject so that it produces a territorial. This capitalist reproduction led to a rethinking of lower social classes, like the peasants, who were discriminated against by the dominant classes. This exploratory practice has been and continues to the present day, taking place in the country. Geography is a way of reading the world, to that end, we seek to understand the peasant world and its specifications, in this sense, the recent expansion of capitalist relations in the field led to the expropriation of the means of production of small farmers, among which the earth. This fact has caused many farmers from traveling to the cities. With this process of dispossession, it was up to the social movements the task of organizing this dispossessed population of territory in order to promote agrarian reform in Mato Grosso do Sul. The achievement of a settlement of territory led families to pay special attention to the organization production of family-based livelihoods, organization of cooperatives, collectives, etc. In South Beautiful settlement in Itaquiraí / MS, the aim of this study is to highlight the peasant territoriality and its mixed farming economy as part of strategies of resistance. In this context, this research is relevant to present a way of life that even inserted into a capitalized economy, has typically rural characteristics, which shows an alternative way of life that is contrary to the subordination of the capital.

Keywords: Geography; Territory; Territoriality; Sul Bonito.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Localização de Itaquiráí, Mato Grosso do Sul	13
FIGURA 02 – Mapa do Estado do Mato Grosso do Sul – Geografia dos assentamentos rurais (1984 – 2007)	41
FIGURA 03 – Mapa do Município de Itaquiráí-MS.....	44
FIGURA 04 – Imagem de satélite do assentamento Sul Bonito	49
FIGURA 05 – Programa de Inseminação Artificial	80
FIGURA 06 – Policultura praticada no grupo coletivo Chico Mendes	83
FIGURA 07 – Praia da Amizade	99
FIGURA 08 – Itaquipesca	100

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – Conceituação da agricultura familiar segundo autores.....	30
QUADRO 02 – Conceituação da agricultura camponesa segundo autores.....	31
QUADRO 03 – Assentamentos rurais do município de Itaquiraí-MS.....	47
QUADRO 04 – Laticínios que comercializam o leite do Assentamento Sul Bonito.....	87

LISTA DE GRÁFICO

GRÁFICO 01 – Projeto de assentamentos rurais em Mato Grosso do Sul (1984 – 2008).....	40
GRÁFICO 02 – Atividades produtivas no assentamento.....	86

LISTA DE SIGLAS

AGRAER – Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural
CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento
CONCRAB – Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária
COOPERLEITE – Cooperativa dos Pequenos Produtores Agropecuários de Itaquiraí
COPASIL – Cooperativa de Consumo e Produção dos Criadores de Pequenos Animais
COPAVI – Cooperativa de Produção Agropecuária
COPRESUL – Cooperativa Agrícola Sul Mato-grossense
CPA – Cooperativas de Produção Agropecuária
CPS – Cooperativas de Prestação de Serviços
CPSR – Cooperativas de Prestação de Serviços Regionais
CPT – Comissão Pastoral da Terra
CUT – Central Única dos Trabalhadores
EMPAER – Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural
FETAGRI – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Mato Grosso do Sul
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
ITAQUILEITE – Projeto de Desenvolvimento da Qualidade de Leite do Município de Itaquiraí
MERCOSUL – Mercado Comum do Sul
MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
PDRMI – Plano Nacional de Desenvolvimento Rural do Município de Itaquiraí
PIB – Produto Interno Bruto
PJR – Pastoral da Juventude Rural
PNRA – Plano Nacional de Reforma Agrária
PROCERA – Programa Especial de Crédito para Reforma Agrária
PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SCA – Sistema Cooperativista dos Assentamentos
TERRASUL – Departamento de Terras e Colonização de Mato Grosso do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
Aportes metodológicos	16
1– A GEOGRAFIA, O TERRITÓRIO, AS TERRITORIALIDADES E O HOMEM DO CAMPO	19
1.1 – O homem e o espaço.....	19
1.2 – Território, territorialidade e identidade.....	22
2 – A QUESTÃO AGRÁRIA NO BRASIL E MATO GROSSO DO SUL.....	28
2.1 – Diferenciações de agricultura capitalizada, camponês e agricultor familiar.....	29
2.2 – A conquista das terras em Mato Grosso do Sul.....	34
2.3 – A territorialização da terra em Itaquirai	42
3 – A ECONOMIA E AS RELAÇÕES TERRITORIAS EM ITAQUIRAÍ-MS, ASSENTAMENTO SUL BONITO.....	68
3.1 – Histórico da produção leiteira no Mato Grosso do Sul.....	69
3.2 – O assentamento e a organização junto ao MST no contexto do camponês em Itaquirai - MS.....	71
3.3 – A produção camponesa de leite e seus projetos.....	79
3.4 – A economia de policultura e a produção camponesa de leite no assentamento Sul Bonito.....	82
3.5 – Possibilidades de novas configurações territoriais para o assentamento Sul Bonito de atividades não agrícolas.....	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS.....	106
APÊNDICE.....	110

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda a territorialização camponesa no assentamento Sul Bonito, no município de Itaquiraí-MS, (conforme localização apresentada pela Fig.1, com destaque em vermelho), e sua economia de policultura e produção leiteira como parte das estratégias de resistência camponesa para permanência no campo. Neste contexto, objetiva compreender este território, sua territorialidade e a identificação desta população.

Figura 1 – Localização de Itaquiraí, Mato Grosso do Sul



Fonte: Google Imagens, 2015

A partir desta perspectiva, a Geografia contribui como uma ciência que interage e interpreta as ações humanas e a materialidade. A construção do território se arquiteta pelas ações humanas e, desta forma, atribui-se uma nova visão ao contexto social em que o homem busca alternativas para sobreviver, entre elas destaca-se o campesinato e sua economia de policultura presentes em Itaquirai.

A escolha desta temática surgiu do interesse de observar a convivência e as atividades desenvolvidas no assentamento e, com um olhar diferenciado, conhecer o modo de vida e as técnicas de produção estabelecidas nos assentamentos.

O primeiro contato no assentamento é que nos motivou a escolha deste tema e a pesquisa teve início em 2009, com a Iniciação Científica e culminou em um trabalho monográfico de conclusão de curso em 2011. Foi desta forma que se deu a sequência para chegar a esta dissertação no decorrer de 2014 a 2016, todavia, com uma nova perspectiva direcionada para o território e territorialidade.

O objetivo geral do estudo é compreender o processo de territorialização camponesa no assentamento Sul Bonito, em Itaquirai-MS.

- Esta territorialização se constituiu pela economia de policultura e produção leiteira, o que favorece a permanência do camponês em Sul Bonito, e garante a reprodução material e social desses agricultores.
- Por objetivos específicos destacam-se: Compreender a relação da Geografia com o homem do campo, o território e as territorialidades e a identidade camponesa;
- Identificar e analisar as diversas atividades econômicas praticadas no assentamento Sul Bonito, em Itaquirai-MS.

O capitalismo traz como consequência uma nova estrutura de classes sociais, baseada em seu modo de produção que visa a acumulação de riquezas na forma de capital.

A classe social camponesa resulta da contradição entre a produção de capital e as relações não capitalistas de produção. Esta classe social se destaca pela busca de autonomia sobre seus meios de produção e caracteriza-se por não usar mão-de-obra assalariada, portanto, não sobrevive da extração de mais-valia, um dos elementos centrais na caracterização das relações capitalistas.

No espaço, enquanto propriedade, o camponês garante sua manutenção de vida e estabelece a sua territorialidade. A territorialidade é constituída como modo de resistência no meio rural e a busca de melhores condições de vida.

Durante esse processo, “O território se firma no espaço, mas não é o espaço, é uma produção a partir do espaço. No entanto, a produção, por causa de todas as relações que envolvem, se inscreve num campo de poder.” (RAFFESTIN, 1993, p.144). Percebe-se que o território é composto por ação e poder que se manifestam por pessoas ou grupos, apresentando-se durante o processo de produção e reprodução material e social.

O camponês reproduz seu próprio espaço e, nesse espaço, reproduz suas relações de poder, assim como argumenta Raffestin:

Não se trata, pois do “espaço”, mas de um espaço construído pelo ator, que comunica suas intenções e a realidade material por intermédio de um sistema sêmico. Portanto, o espaço representado não é mais o espaço, mas a imagem do espaço, ou melhor, o espaço visto e/ou vivido. É em suma, o espaço que se tornou o território de um ator, desde que tomado numa relação social de comunicação. (RAFFESTIN, 1993, p.5).

O assentamento se torna uma unidade territorial onde ocorre uma reorganização das relações sociais. Há uma unidade social local de identidade e de pertencimento que acontece pela troca de vivências e de experiências comuns. Seu processo é complexo e a atenção na construção de caminhos metodológicos e analíticos é fundamental para sua compreensão.

Dherwerson dos Santos Silva (2011) argumenta que a autonomia dos moradores do assentamento Sul Bonito está voltada para a organização e a produção de gado bovino leiteiro. Um conjunto de condições ecológicas, geográficas, econômicas e tradição contribuem para que os assentados invistam na produção de leite, pois visualizam a possibilidade de geração de renda financeira mensal e de excedente de animais criados no próprio lote e que poderão ser comercializados no mercado regional.

As famílias deste assentamento além da produção leiteira praticam a policultura destinada ao comércio, como feijão, arroz, milho, mandioca e outros destinados à subsistência. Porém, estas famílias encontram dificuldades em razão da pobreza do solo e do baixo preço da produção no mercado (SILVA, 2011). O turismo também está presente no assentamento conferindo maior visibilidade e representatividade ao campesinato. Constituindo um lugar de lazer aos camponeses, este turismo praticado é gratuito e atrai pessoas de vários Estados a fim de conhecer

o assentamento.

Com o objetivo de atender as necessidades de beneficiamento da produção leiteira e de frutas produzidas no assentamento, foi instalada a Associação Dezesesseis de Maio, composta por uma cozinha industrial, com registro e autorização de funcionamento. Esta produção camponesa, formada predominantemente por mulheres, trabalha de maneira artesanal com os derivados do leite como a produção de queijos e requeijão, e doces em compotas, geleias e outros. A renda auferida auxilia na manutenção das famílias na terra, pois além do consumo de subsistência há um pequeno comércio que garante rendimentos extras às famílias. (SILVA, 2011)

A estrutura desta dissertação organiza-se da seguinte forma: como primeiro capítulo, abordamos A GEOGRAFIA, O TERRITÓRIO, AS TERRITORIALIDADES E O HOMEM DO CAMPO, que discute o território e o campesinato, aborda também o papel da geografia e as relações com o homem do campo, território e territorialidade e a construção da identidade camponesa a partir da territorialidade. O segundo capítulo, A COMPOSIÇÃO TERRITORIAL PELA POSSE DA TERRA, enfoca as lutas pela posse da terra, historiciza a conquista desta em Mato Grosso do Sul, a apropriação pela terra em Itaquiraí, assentamentos e a produção camponesa no Brasil. O terceiro, A ECONOMIA E AS RELAÇÕES TERRITORIAS EM ITAQUIRAÍ-MS, ASSENTAMENTO SUL BONITO, trata a produção de leite no Brasil, em Mato Grosso do Sul e Itaquiraí, faz-se um histórico da produção leiteira no país e Mato Grosso do Sul, o assentamento e a organização junto ao MST no contexto do camponês.

APORTES METODOLÓGICOS

Para alcançar os objetivos propostos no trabalho, os procedimentos envolvem a revisão bibliográfica, documental e de campo. A consulta ao referencial teórico compreendeu os seguintes temas: o campesinato, a agricultura familiar, cooperativismo nos assentamentos, a apropriação pela terra em Mato Grosso do Sul e Itaquiraí, a produção de leite e a policultura no assentamento Sul Bonito.

Severino (2002, p. 36) destaca que “o saber constitui-se pela capacidade de reflexão no interior de determinada área do conhecimento, a reflexão exige, no entanto uma série de informações.” Neste sentido é necessária a pesquisa de campo como meio de recolher informações e para isto se segue o método científico.

Referente à pesquisa social, Gil destaca:

Como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico, o objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos, neste sentido a pesquisa social é entendida como o processo que utiliza a metodologia científica que permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social. (GIL, 2008, p.49).

Dessa forma, método é destacado pelo meio que se chega a determinado resultado e, sendo assim, a pesquisa de campo tem o objetivo de fazer um levantamento de informações de caráter empírico, como um dos meios de compreender a vivência dos assentados.

A hipótese que norteia esta pesquisa está baseada na importância da economia de policultura e produção leiteira como geradora de empregos e renda para o assentamento selecionado nesse estudo. Estas atividades são relevantes pelo uso de mão-de-obra familiar, que representa o sustento de inúmeras famílias que vivem no meio rural, o leite funciona como a principal fonte de renda estável.

No trabalho de campo no assentamento Sul Bonito, em Itaquirai-MS, pode-se analisar a resistência camponesa. As narrativas dos assentados complementaram e confirmaram que esta territorialização está pautada na economia de policultura e na produção de leite, garantindo a permanência desta população no assentamento. Neste sentido, se utiliza dos relatos do assentado Sr. Antônio Alves de Lima descritas de forma a detalhar o processo para chegar à conquista do assentamento, ele foi uma das lideranças do movimento, com papel estratégico nesse processo e por isso seus relatos ganham ênfase sobre as demais entrevistas.

A pesquisa é elaborada de modo a interpretar essa materialidade e relação social presentes no assentamento Sul Bonito, em que se utiliza de dados quantitativos e qualitativos.

O procedimento qualitativo foi aplicado para avaliar a evolução dos lotes e sua produtividade, infraestrutura e qualidade do rebanho, aumento da produção leiteira e de subsistência.

Entrevista pode ser entendida como procedimento que o investigador emprega frente ao investigado, cabe ao investigador executar perguntas a fim de obter respostas para sua problemática (GIL, 2008). Nesse sentido, a entrevista com o Sr. Antônio representa a ideologia pautada no assentamento. Este personagem se destaca por ser uma das lideranças do

assentamento, participa de reuniões e eventos estratégicos realizados pelo MST. O que é debatido nestas reuniões é repassado à comunidade existente no assentamento Sul Bonito. O Sr Antônio foi escolhido pela sua história de vida e por sua experiência. Este assentado participou de movimentos sociais desde sua juventude, inicialmente pelas pastorais da Igreja Católica e teve seu amadurecimento com as questões que envolveram o campo a partir de sua militância no MST. Participou desde a mobilização em acampamentos até chegar à efetivação do assentamento Sul Bonito.

Este personagem participou da demarcação dos lotes, assim como do direcionamento das famílias para seu devido lugar. Com seu aprendizado enquanto militante cogitou a criação de um grupo coletivo no assentamento denominado de Chico Mendes. Este grupo coletivo permanece até hoje com boa produtividade e infraestrutura. Antônio representa a força política e social do assentamento. Neste sentido, suas falas são utilizadas para representar a dinâmica existente no assentamento Sul Bonito.

A pesquisa qualitativa é quando o pesquisador vai a campo investigar o fenômeno em estudo e, a partir da perspectiva das pessoas envolvidas, considera as informações importantes procedendo a uma análise dentro de uma perspectiva integrada. Foi desta forma que se determinou a entrevista, que constitui uma técnica alternativa para a coleta de dados não documentados sobre determinado tema. (GIL, 2008).

A pesquisa qualitativa pode ser considerada fundamental para a construção do conhecimento e para a conclusão deste trabalho.

1. A GEOGRAFIA, O TERRITÓRIO, AS TERRITORIALIDADES E O HOMEM DO CAMPO

1.1. O HOMEM E O ESPAÇO

A Geografia evoluiu ao longo do tempo como ciência, assim como a forma de se explicar a vida do homem, o modo pelo qual ele interage com o ambiente, seja este natural, social, político, econômico ou cultural. As bases sobre o espaço e o lugar se destacam como um dos conceitos centrais da ciência geográfica e não podem ser definidos separadamente. Dessa forma Tuan (1983, p. 6) argumenta que: “O que começa como espaço indiferenciado se transforma em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.” Assim, o lugar pode adquirir sentido pelo acúmulo de sentimentos ao longo dos anos, e é nesta perspectiva que se pensa sobre o homem do campo e o seu domínio de produzir no solo uma diversidade de alimentos para o sustento de sua família.

Gomes (2008, p.20) descreve que “O lugar está no mundo e o mundo se reproduz nos lugares de diferentes maneiras [...]”. Ou seja, o homem constrói sua própria história em determinados momentos e de várias formas, porém esta história também pode ser direcionada, exemplificando a saída de muitos camponeses do campo para a cidade. Assim surge a necessidade de construir uma nova história, esta que dará frutos com a reforma agrária e oportunizará a volta desta população de origem rural para o campo.

O lugar aparece na Geografia como uma parte do espaço deliberadamente familiar, seja na condução das relações pessoais, delineadas como: ler, comer, conversar, entre outras. A Geografia aparece como a ciência do elo das relações homem – natureza, do homem com o campo, ao passo que se utiliza do espaço e, ao mesmo tempo, é o lugar para sobreviver.

O espaço é compreendido como um conjunto de formas representativas de relações sociais tanto do passado quanto do presente, também pode ser entendido como todos os segmentos da sociedade. O espaço precisa ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e formas apresentadas historicamente. Também está sujeito a mudanças ao longo da história e do tempo, mudanças estas que darão nova ressignificação no modo de entender o indivíduo presente nele. (SANTOS, 2004)

Santos (2004) acredita que o espaço é o habitado, sendo socialmente construído no contexto das atividades dos homens, os quais produzem suas relações sociais, econômicas, políticas, deixando no espaço sinais que caracterizam a ação humana sobre ele.

O espaço produzido é uma estrutura criada, comparável a outras construções sociais, precisamente no mesmo sentido que a história humana representa uma transformação social do tempo. Em outros meios, o território está intimamente ligado ao espaço, sendo que o território pode ser considerado como delimitado, construído e desconstruído por relações de poder, assim como sociais, que envolvem uma grande parte dos atores que territorializam suas ações com o passar do tempo. (SANTOS, 2004).

Neste sentido, constata-se a importância do papel da Geografia nas relações da vida do homem. Por muito tempo a sociedade brasileira se identificou com o meio rural, por ter sido este o espaço das primeiras relações entre os grupos que formavam populações e também por ser onde se encontravam as raízes do arranjo social.

Com a nova configuração espacial mundial ocorrida a partir de 1930, foi definida uma nova organização do espaço geográfico, apresentando uma divisão territorial entre o campo e a cidade. Antes de 1930, o campo já era notado como autossuficiente, pois além de garantir a subsistência da população e o abastecimento das cidades, possuía um modo de vida específico, voltado apenas para a produção. O campo se destaca como local onde se realizava a produção e a cidade era o centro político, administrativo e fornecedor de produtos artesanais e de serviços (HESPANHOL, 2006).

A Geografia teve papel preponderante no levantamento de características e na consolidação do Estado-Nação, geralmente essas características do território estavam relacionadas ao relevo, clima, vegetação, hidrografia, economia, população e cultura. Hoje, a Geografia como ciência vai além destas diretrizes, envolvendo as relações sócio-espaciais, analisando o todo para se chegar ao particular, de modo que estas diretrizes por si só não se explicam, existindo outras interações que as alteram e dando um novo contexto e uma inter-relação dos elementos sociais e naturais (SANTOS, 2004)

O conhecimento do espaço é importante para o ser humano e se torna essencial para manutenção da vida. Neste contexto, a Geografia ganha ênfase como ciência não apenas relacionada à natureza, mas sim com as relações sociais que se desenvolvem em seu entorno.

Rodrigues (1998, p.23) sucinta que não se “separa a natureza da sociedade, o que significa compreender a diversidade social e as formas pelas quais a sociedade se apropria e transforma esta natureza e produz o espaço social.” Neste sentido o homem necessita da natureza a sua volta. Essa natureza remete ao espaço geográfico a ser ocupado pelo ser humano que, dessa maneira, será transformado de acordo com suas necessidades.

Para o camponês, o território é fundamental para sua reprodução social, desta forma, estará inserido no modo de produção. Rodrigues destaca a importância do espaço geográfico como fundamental na manutenção da vida do homem, tanto no meio urbano quanto rural.

O espaço, objeto de estudo da Geografia, é mais poderoso do que a capacidade que temos de analisá-lo e das formas retóricas e discursivas que tentam ocultá-lo, pois o poder de intervenção ou atuação no espaço depende da apropriação e propriedade (terra, capital, meios e força de produção) que garantem o poder em vários matizes. O poder do espaço e da Geografia que o analisa, são demonstráveis pela tentativa de ocultar a importância do espaço e dos Geógrafos. (RODRIGUES, 2004, p. 105).

Santos (1996, p.21), ao definir o espaço como um “conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações”, entende a importância crucial da reprodução do espaço na manutenção do modo de vida do homem, seja no contexto urbano ou do campo. É dessa forma que se constitui o campesinato no Brasil, de modo que o homem interpreta o espaço a sua volta e, sobre ele, define o que se torna mais viável para produzir, sempre direcionado pelo que a natureza lhe confere. A produção do espaço está direcionada pelo trabalho, o homem modifica este espaço a fim de ocupá-lo, dessa forma o camponês reproduz seu próprio espaço e, nesse espaço, reproduz suas relações de poder. Raffestin contribui para esta reflexão:

Não se trata, pois do espaço, mas de um espaço construído pelo ator, que comunica suas intenções e a realidade material por intermédio de um sistema sêmico. Portanto, o espaço representado não é mais o espaço, mas a imagem do espaço, ou melhor, o espaço visto e/ou vivido. É em suma, o espaço que se tornou o território de um ator, desde que tomado numa relação social de comunicação. (RAFFESTIN, 1993, p. 5).

Para entender a importância do território e da Geografia faz-se necessário discutir a complexidade do mundo nos dias atuais, de modo que ocorre uma interdependência do homem sobre o meio que ocupa e age como manutenção das suas relações sociais.

Gomes (1996, p.10) descreve que “[...] a ciência de uma época se inscreve necessariamente na representação do mundo atual, a geografia tem justamente como principal tarefa apresentar uma imagem renovada do mundo [...]” de modo que cabe a esta ciência interpretar e descrever os fatos existentes no mundo.

Na Geografia é fundamental discutir o papel do campo, assim como do camponês que ocupa esse espaço geográfico, pois a história brasileira se originou nos moldes do campo, destacando os diferentes sujeitos sociais que nele vive, de diferentes comunidades camponesas, pesqueiras, ribeirinhas, caboclas, de assalariados, quilombolas, povos indígenas, entre outros, que são reconhecidos na categoria de camponeses e, na atualidade, podem também ser entendidos como agricultores familiares.

A Geografia se torna um arcabouço de informações a ser analisada. A espacialidade ocupada pelo camponês se define como um território ou como um fragmento do território, associa-se a sua territorialidade como um local em que o camponês irá suprir suas necessidades de habitação e alimentação rumo a uma construção identitária. Neste sentido, a Geografia busca explicar esta totalidade que é construída pela evolução humana.

1.2. TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE E IDENTIDADE

O território surge como um dos conceitos fundamentais da ciência geográfica, ao qual está estabelecido um conjunto de relações e processos e apresentou-se, no desenvolver da história do pensamento geográfico, com diferentes abordagens.

Neste contexto, “O território se firma no espaço, mas não é o espaço, é uma produção a partir do espaço. No entanto, a produção, por causa de todas as relações que envolvem, se inscreve num campo de poder.” (RAFFESTIN, 1993, p.144). Percebe-se que o território é composto por ação e poder que se manifestam por pessoas ou grupos, apresentando-se, durante o processo de produção e formação, de inúmeras formas.

O território é entendido como o recorte espacial definido por relações de apropriação, de poder e de controle sobre recursos e fluxos aperfeiçoados em aspectos políticos, econômicos e culturais. (HAESBAERT, 2006).

Entender o território consiste em relacionar a sua territorialidade, que é constituída quase que ao mesmo tempo pelas ações humanas. Desta forma, território e territorialidade se entrecruzam.

O uso do território frente a ações governamentais dá condições aos processos políticos, com vistas a equilibrar a incapacidade de o mercado atuar sobre todos. Por sua vez, apenas existirá território se houver relações de poder. Este implicará o domínio de determinado lugar que define o território. De acordo com Haesbaert o território oferece uma identificação ao sujeito que sobre ele está inserido.

O território deve ser visto na perspectiva não apenas de um domínio ou controle politicamente estruturado, mas também de uma apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, dependendo do grupo ou classe social a que estivermos nos referindo. (HAESBAERT, 1997, p.41).

O camponês assentado reproduz suas relações de poder e se destaca por produzir seu próprio território, que se define como um espaço concreto com limites definidos, “em graus diversos, em momentos diferentes e lugares variados, somos todos atores sintagmáticos que produzem territórios.” (RAFFESTIN, 1993, p.152).

Território deve ser entendido pela existência dos objetos e sujeitos, o que pressupõe pensar num espaço que se constrói, destrói e reconstrói.

A Geografia busca pensar em territórios que se constroem e se desconstroem a partir da dinâmica social do trabalho e das relações de produção e circulação do capital.

Desterritorialidade é entendida como perda do território apropriado e vivido em razão de diferentes processos derivados de contradições capazes de desfazerem o território. Novas territorialidades ou reterritorialidades, por sua vez, dizem respeito à criação de novos territórios, seja através de reconstrução espacial, in situ, de velhos territórios, seja por meio de recriação parcial, em outros lugares, de um território novo que contém, entretanto, parcela das características do velho território: neste caso os deslocamentos espaciais como as migrações, constituem a trajetória que possibilita o abandono dos velhos territórios para os novos. (CORRÊA, 2002, p. 252).

A desterritorialização é um termo utilizado para designar fenômenos que se originam num espaço e que acabam migrando para outros. Tendo apenas sentido se for associado ao de

reterritorialização, pois as ideias e os costumes saem de um lugar, mas entram noutra ao qual se adaptam e se integram (OLIVEN, 2006).

O processo de desterritorialização é resultado de uma reterritorialização, seja na dimensão econômica, política ou cultural. Desterritorialização, portanto, antes de significar desmaterialização, dissolução das distâncias, deslocalização de firmas ou debilitação dos controles fronteiriços, é um processo de exclusão social, ou melhor, de exclusão socioespacial.

Na sociedade contemporânea, com toda sua diversidade, não resta dúvida de que o processo de “exclusão”, ou melhor, de precarização socioespacial, promovido por um sistema econômico altamente concentrador, é o principal responsável pela desterritorialização. (HAESBAERT, 2006, p. 67).

A territorialidade é o próprio conteúdo do território, relações sociais do dia a dia que destacam o sentido, o valor e a função dos objetos espaciais. Essas territorialidades são agregadas aos diferentes tipos de usos do território, desta forma, só existirá territorialidade se houver ação humana.

A territorialidade é mais do que uma simples afinidade homem-território, visto que, para além da demarcação de parcelas individuais existe a relação social entre os homens. A territorialidade trata de um conjunto de relações entre os homens que pertencem a uma sociedade. Os territórios intrínsecos à territorialidade não dizem respeito apenas aos territórios concretos, mas também com os territórios abstratos (RAFFESTIN, 1993, p.160).

A territorialidade, neste momento, é um meio de ação institucional no âmbito de um território, uma espacialidade econômica e política e, tem como base, além de sustentar a integridade do território, também extrair recursos do estoque ecológico-social. O território é delimitação e a territorialidade é controle. A territorialidade se torna um complexo de estratégias institucionais para produzir e distribuir recursos a partir da apropriação da espacialidade (RAFFESTIN, 1993, p.160).

Com esse entendimento pode se conceituar a territorialidade como a forma pela qual determinados indivíduos vivenciam e utiliza-se de definidos territórios. Em outro sentido, é da sua construção social e identitária que o homem faz a territorialidade no espaço (SILVA, 2007, p. 52).

Carvalho afirma que a territorialidade camponesa se destaca como:

Uma encruzilhada social, um agregado heterogêneo de grupos sociais constituídos por famílias de trabalhadores que antes não possuíam terra e, dessa forma, se apossam formalmente das mesmas. Assim, a partir do momento, passam a se encontrar face a face nesse espaço físico, social, político, ambiental e econômico em que irão reproduzir seus meios de vida e trabalho. (CARVALHO, 2010, p.16).

O camponês constrói seu modo de vida, suas relações sociais de maneira identitária com o seu território, sua propriedade, propriamente dita, ou seja, para o camponês sua propriedade possui delimitações, que podem ser fronteiriças, por limites físicos e sociais, e este último se destaca pela separação da agricultura camponesa da agricultura capitalizada, neste sentido a propriedade se torna um território. Para o camponês, a sua identidade expressa o amor pela terra, a qual lhe garante o alimento da sua família. Para os assentados de Sul Bonito, a sua permanência na propriedade está relacionada à sua identidade.

A territorialidade é a ocupação do lugar. É uma necessidade da sociedade para estabelecer suas relações e, para o camponês, significa seu elo com a natureza e sua garantia de sobrevivência no mundo capitalizado. Raffestin destaca que:

A territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do vivido territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. (RAFFESTIN, 1993, p.158).

A territorialidade é constituída, no assentamento, por um grupo de pessoas que passaram a viver neste espaço, não por se identificarem com aquele lugar, mas porque adentraram em uma organização cuja identidade é ser camponês e lutar por um pedaço de terra para a manutenção do seu modo de vida.

A identidade é um processo de construção de significados fundamentados em características culturais ou num conjunto de qualidades culturais inter-relacionados que vão prevalecer sobre outras fontes de significados (CASTELLS, 1999). Por identidade, entende-se o conjunto das características e dos traços próprios de um indivíduo ou de uma comunidade e ela é construída socialmente e desenha escolhas políticas de grupos humanos.

De acordo com Santos (1993, p.31), as identidades culturais “não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação,

escondem negociações de sentido, identidades são, pois, identificações em curso”, de modo que a identificação camponesa se torna uma cultura em desenvolvimento.

Ao constituir o assentamento, os camponeses sem-terra constroem uma nova concepção de espaço, criando uma identidade de culturas, processos de organização, produção, novas relações com o mundo, entre as pessoas e com a sua história.

Fabrini (2001, p.34) argumenta que “o camponês assentado possui consciência construída no processo de seu trabalho e uma forma de conceber a produção no campo diferente daquela vivida pela agricultura capitalizada.” Neste processo de construção de sua identidade, o camponês está pautado no seu modo de produzir uma policultura que, muitas vezes, é caracterizada pela subsistência de sua propriedade, contrapondo a lógica mercadológica da agricultura capitalizada.

No campesinato esta identificação está relacionada com a luta pela terra, que se destaca como local em disputa, compreender essa luta pela terra é espelhar como o espaço é vivido, o espaço se torna o território camponês, sendo vital para produzir suas relações sociais e culturais, onde a identidade camponesa está em curso.

Os assentamentos rurais não são apenas lugares dedicados à produção agrícola e pecuária, mas também o lugar do debate político sobre a conquista da terra e a permanência sobre ela, permitem que as famílias alimentem esperanças de que construirão um novo tempo, mas não longe de conflitos e de dificuldades que, em certos momentos, fogem ao controle do projeto familiar que vai sendo gestado e modificado constantemente (FABRINI, 2000).

O campesinato retrata os conflitos pela posse da terra, que se renova a cada período, ou seja, o camponês está inserido em uma sociedade capitalizada que, a todo o momento, busca dominar sua força de trabalho tornando-a assalariada e, assim, o camponês luta para se manter dono da sua força de trabalho, renova não apenas a luta, mas também o seu modo de lutar, renova sua própria esperança de dias melhores. (FABRINI, 2001).

Embora o camponês participe do modo de produção atual, isso não o torna um capitalista, pois as relações sociais de produção que ele estabelece enquanto classe social difere das relações tipicamente capitalistas.

A reprodução da cultura camponesa aparece no seio da sociedade moderna como um movimento contraditório e que se torna possível a partir de sua inserção periférica em relação à lógica social dominante (MARQUES, 2004).

Os movimentos sociais surgem neste contexto e, na busca de mediar tais explorações e dominações entre o oprimido e o opressor, faz com que os sujeitos apareçam. Dessa forma, junto com as classes subalternas, ganharam força e importância pelas manifestações e expressões imediatas da acumulação e da dominação que hoje tem por objetivo a luta contra o poder representado pelo Estado, que tenta estabelecer negociações (MARQUES, 2004).

Foi a partir do ano de 1980 que os camponeses se organizaram e abraçaram, como forma de luta, as ocupações de terra e acampamentos nos latifúndios. Foi também uma forma de pressionar o Estado, questionar a problemática da terra e, assim, promover a realização da reforma agrária. Nos acampamentos os camponeses almejam chegar à chamada “terra prometida” que, para eles, é o assentamento, em que lutam não apenas para entrarem na terra, mas para nela permanecerem.

A fundamental forma de organização dos camponeses se destaca em aderir a um movimento social, foi assim que, no final do período que abarca 1970 e início de 1980, o MST ganha sua maior amplitude, sendo o movimento social que luta pelos direitos do camponês em território brasileiro.

O processo de territorialização do MST ocorre com a espacialização da luta pela terra. Neste contexto, os camponeses rejeitaram a proletarização e, pela luta e organização, passaram a ocupar grandes propriedades improdutivas.

A realização do assentamento, etapa posterior à ocupação, se constitui na materialização, construção do território camponês. De modo que, ao conquistar seu território, este sujeito constrói a sua territorialidade, que se materializa fundamentalmente nos assentamentos rurais de Reforma Agrária. No campo de Mato Grosso do Sul ocorreu o processo de territorialização, ato que veio com a reforma agrária, dessa forma, os camponeses despossuídos de terras tiveram a oportunidade de possuir um lote, determinado de acordo com as organizações de movimentos sociais.

O próximo capítulo resultante da pesquisa destaca a composição territorial pela posse da terra; com isso, pretende-se chegar à conquista dos assentamentos existentes no Mato Grosso do Sul e no município de Itaquiraí.

2. A QUESTÃO AGRÁRIA NO BRASIL E NO MATO GROSSO DO SUL

Este capítulo destaca diferenciações de agricultura capitalizada, camponês e agricultor familiar, a conquista das terras em Mato Grosso do Sul e a territorialização da terra em Itaquiraí, territorialização essa que culminou na criação dos assentados de Sul Bonito.

A posse da terra significa a conquista pelo lugar de morada, almejada por muitos e adquirida por poucos. É nesse momento que surgem os conflitos. A terra tem seu valor histórico, sentimental e monetário, em que um pode ultrapassar o outro, dependendo do sujeito que a possui. Almeida destaca que:

Os homens e as mulheres conquistam a terra e definem as estratégias de permanência, fortalecendo e/ou reconstruindo a história de vida e o objetivo de reprodução familiar. Percebe-se, assim, a experiência se refazendo cotidianamente. (ALMEIDA, 2008, P.176)

Para permanecer no trabalho ligado à terra é necessário que ela seja utilizada da melhor forma possível, para que a mesma gere recursos para a sobrevivência da família. Todavia, no contexto agrário brasileiro a posse da terra está nas mãos de poucos latifundiários. É neste sentido que movimentos sociais se organizam para reivindicar melhor distribuição dessas terras, para poder cultivá-la e não somente torná-la fonte de especulação rentista.

O campesinato luta para que haja uma melhor distribuição das terras para que as pessoas que tiveram sua origem no campo possam voltar a ocupá-lo, lembrando que essa população fez o processo de migração para a cidade, no chamado êxodo rural.

Com a organização para conquistar um lote, os camponeses vislumbram uma nova perspectiva de vida, que os levam a acreditar em dias melhores. A esperança almejada se dá pelo valor produtivo que a terra ocupa e não pelo seu valor de mercado.

2.1 – DIFERENCIAÇÕES DE AGRICULTURA CAPITALIZADA, CAMPONESA E AGRICULTOR FAMILIAR

Apontar algumas características da produção camponesa é essencial para construir o processo de territorialização pela efetivação dos assentamentos. A agricultura brasileira pode ser subdividida de acordo com as características socioeconômicas e tecnológicas. Tem-se distinguido a agricultura camponesa de agricultura empresarial, também pode se entender a agricultura familiar como uma evolução do campesinato, destacando novos métodos e novas tecnologias na propriedade camponesa (FERNANDES, CLIFFORD, 2014).

A agricultura empresarial pode ser entendida pelo agronegócio e muito se diferencia da produção camponesa.

O agronegócio representa as corporações capitalistas que constituíram um conjunto de sistemas para a produção de commodities, por meio do monocultivo em grande escala, principalmente para exportação enquanto os camponeses organizam sistemas baseados na diversidade, pequena escala e mercado local, formando, portanto, outra lógica. (FERNANDES, CLIFFORD, 2014, p. 61)

A agricultura familiar no interior das sociedades capitalistas mais desenvolvidas pode ser entendida como uma forma que pouco se difere do campesinato.

Fernandes e Clifford argumentam sobre a agricultura familiar que:

A agricultura familiar está definida pela Lei n. 11.362, de julho de 2006, em que considera como agricultor familiar as pessoas que administram e trabalham com mão de obra da própria família nas atividades de seu estabelecimento, que não pode ser maior que quatro módulos fiscais, compreendidos como unidades territoriais determinadas pelos tipos predominantes de exploração de renda obtida em escala municipal. (FERNANDES, CLIFFORD, 2014, p. 61)

Sobre a agricultura familiar destacada pela caracterização de Fernandes e Clifford, percebe-se uma tentativa de formulação de base teórica para a definição de camponeses. Desta forma pode se destacar que atualmente o agricultor familiar é uma evolução do camponês de um passado não muito distante, ou seja, deve-se entender o agricultor familiar e o camponês como indivíduos próximos com características que se confundem e se aproximam. Em outros termos, o camponês também pode ser entendido como agricultor familiar.

O Quadro 1 refere-se à conceituação de agricultura familiar e traz uma visão comparada de Abramovay; Guanziroli & Cardim e Fernandes.

Quadro 1 – Conceituação da Agricultura Familiar segundo autores

AUTOR	ANO	CARACTERIZAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR
Abramovay	1992	Está altamente integrada ao mercado, sendo capaz de incorporar os principais avanços técnicos e de responder às políticas governamentais.
Guanziroli e Cardim	2000	Direção dos trabalhos no estabelecimento exercida pela família; mão-de-obra familiar superior ao trabalho contratado, área da propriedade dentro de um limite estabelecido para cada região do país (no caso da região sudeste do Brasil, a área máxima por estabelecimento familiar é de 384 ha).
Fernandes	2001	Utiliza os recursos técnicos e está altamente integrado ao mercado não se determina um camponês, mas sim um agricultor familiar.

Fonte: Silva, D. S. 2015.

O Quadro 1 destaca a conceituação de Guanziroli e Cardim (2000) sobre os agricultores familiares, de modo que o trabalho familiar deve ser uma das características centrais deste agricultor e superior à mão de obra externa; incorporando novas técnicas e maquinários no seu modo de produzir, neste sentido adquirindo uma nova visão mercadológica.

Os agricultores familiares são os que atendem às seguintes condições: direção dos trabalhos nos estabelecimentos é sempre exercida pela família, mão de obra familiar superior ao trabalho contratado, área da propriedade dentro de um limite estabelecido para cada região do país, a área máxima por estabelecimento familiar é de 384 ha (GUANZIROLI, 2000).

Portanto, as definições de agricultura familiar baseiam-se na mão de obra utilizada, no tamanho da propriedade, na direção dos trabalhos e na renda gerada pela atividade agrícola. Em todas há um ponto em comum: ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, a família assume o trabalho no estabelecimento. A agricultura familiar de regiões mais desenvolvidas, ou seja, onde se tem um trabalhador relativamente próspero, ele é o proprietário da terra, ele produz e não vende sua força de trabalho para sobreviver e nem tem condições de colocar assalariados a seu serviço (ROMERO, 1998).

Por sua vez, a agricultura camponesa possui especificidades, que pouco difere desta forma de agricultura familiar. Sendo assim, a agricultura familiar pode ser entendida como uma evolução da agricultura camponesa, baseando-se nos itens a seguir: a economia dos camponeses

se caracteriza por formas de ocupação autônoma (ou seja, trabalho familiar), pelo controle dos próprios meios de produção e pela economia de autoconsumo.

O camponês difere do indivíduo assalariado puro do campo, que trabalha constantemente sob as ordens de um proprietário capitalista. Em uma forma de representação, pode-se afirmar que o camponês está unido à terra como se estivesse ligado por um cordão umbilical. Portanto, cabe nesta análise a conceituação de camponês na visão dos autores Abramovay; Carvalho; Molina Filho e Fabrini.

O Quadro 2 apresenta a conceituação da agricultura camponesa no Brasil em uma evolução conceitual cronológica.

Quadro 2 – Conceituação da Agricultura Camponesa segundo autores

AUTOR	ANO	CARACTERIZAÇÃO DO CAMPONÊS
Molina Filho	1974	A unidade camponesa é operacionada pelo trabalho familiar e que proporciona a subsistência da família.
Carvalho	1978	Agricultura camponesa no Brasil esta destacada pela pequena participação no mercado, pela policultura, tecnologia simples, mão-de-obra geralmente familiar, pequena área total da unidade, pequena área explorada.
Abramovay	1992	Sociedades parciais com uma cultura parcial, integrados de modo incompleto a mercados imperfeitos.

Fonte: Silva, D. S. 2015.

A agricultura camponesa realça especificamente o verdadeiro significado da produção camponesa, embora este sujeito possa ser caracterizado de outras maneiras. O que um autor descreve sobre uma propriedade camponesa pode ser entendido de maneira distinta em outros locais do Brasil, onde o camponês está associado à policultura, subsistência e mão de obra familiar (CARVALHO, 1978).

O camponês pode ser definido como o cultivador de pequenas extensões de terra, em que tem domínio e controle da família, ou seja, o tamanho da sua propriedade é determinada de acordo com a mão de obra disponibilizada pelos integrantes de sua família. Tratando-se de terras que não foram propriamente apropriadas, ou seja, terras livres, os camponeses que residem nestas são denominados de posseiros e trabalham para sua sobrevivência.

Há, também, o caso dos camponeses não proprietários, conhecidos como arrendatários, este toma a terra por empréstimo para produzir, pagando uma parcela da produção pelo uso do

solo. A parceria surge da ausência de força de trabalho ou terra, já que o arrendatário não tem a posse da terra. Dessa forma, o camponês escolhe um parceiro para dividir os custos e os ganhos da produção. O camponês arrendatário utiliza a terra como se fosse sua, mas não é o proprietário. A utilização da terra ocorre mediante o pagamento de aluguel, a renda da terra pode ser paga na forma de renda de trabalho, em produto ou em dinheiro.

A condição de proprietário e da posse da terra representa para o camponês a sua liberdade e autonomia sobre o seu trabalho e produto. Desta forma, a propriedade da terra é importante para a existência camponesa, como também a garantir a subsistência da família. Para o camponês, a propriedade e os instrumentos de trabalho são fundamentais no desenvolvimento de sua atividade. O capitalismo não atua de forma igualitária em todos os setores da agricultura, de modo que, depende da forma com que o capital se apropria da terra, podendo a renda ser mais elevada. Silva argumenta que:

No modo de produção capitalista a terra é mercadoria, mas não apenas em sua forma de solo. Como o capitalismo tende sempre à universalização, ocorre que a Terra, o Globo, se põe, ante o capitalista como mercadoria. No entanto, o objetivo do capitalista só é produzir a mercadoria enquanto meio de realizar o capital. Para chegar a isso precisa transformar a terra em solo e o possuidor independente da terra em assalariado. Então, a propriedade privada é a forma geográfica de produção e reprodução do capital. A propriedade privada, porém é espaço produzido como mercadoria pelo trabalho assalariado. Então, o capitalista precisa da força de trabalho do operário para produzi-la (SILVA, 1991, p33).

O espaço capitalista de produção se torna um espaço concentrado por ser um espaço acumulativo de mais-valia. Ainda citando Silva:

O capitalismo possui uma dimensão espacial que se manifesta como espaço geoeconômico – espaço de produção, de troca, de circulação e de consumo. Como a produção e reprodução do capital dependem da união dos assalariados, com da organização dos meios de trabalho em um só lugar, assim como objetos de trabalho, o espaço geoeconômico do capitalismo é um espaço concentrado. É concentrado no campo e é concentrado na cidade. O espaço do capitalismo se concentra quando aumenta e quando se concentra. Por isso, tende a um universo concentrado. No entanto, essa concentração é desigual, porque ela é uma decorrência da ação individual e grupal dos capitalistas que, além disso, defronta-se com uma desigual existência de distribuição espacial dos recursos naturais e sociais (SILVA, 1991, p.33).

O camponês está sujeito à subordinação do capital, porém se difere à do operário. O camponês, mesmo submetido a mecanismos de exploração por parte do capital, é destacado diferentemente do operário, que pode ser descrito no assentamento Sul Bonito, onde o camponês não sofre uma exploração perceptível na utilização da sua força de trabalho, a exploração se torna evidente na circulação dos produtos do trabalho exercido, ou seja, a partir da comercialização da sua produção.

Tanto o camponês quanto o operário são pessoas livres, embora o trabalho do operário seja dependente. O camponês, enquanto dono da terra, não se torna totalmente livre, mas também não está totalmente submisso ao seu trabalho. A subordinação camponesa ao capital não é pela força de trabalho, que é vendida como mercadoria aos capitalistas. O trabalho não aparece como algo a ser comercializado. O camponês possui conhecimento e os instrumentos de produção, sendo o mais importante para a terra e, desta forma, assegura o caráter parcialmente independente de seu trabalho.

Cada família de acordo com sua faixa de idade, constitui em suas diferentes fases um aparato de trabalho completamente distinto, de acordo com a sua força de trabalho, a intensidade da demanda de suas necessidades, a relação consumo-trabalho e a possibilidade de ampliar os princípios da cooperação complexa, neste contexto cada indivíduo assumirá papéis diferentes, desta forma assumindo as atividades da propriedade de acordo com sua idade e força de trabalho.

A unidade camponesa organiza-se pelo trabalho familiar, que proporciona a subsistência da família. Nesta produção existe um pequeno excedente, que é comercializado no mercado e, proporciona à família, os meios para atender suas necessidades básicas. Para Bombardi:

Os camponeses se reconhecem uns aos outros por meio dessa identidade, ou seja, não é o tamanho da propriedade que indica quem é ou não camponês, mas o modo de vida que nela se dá que se plasma no espaço, transformando-o em uma fração diferente do território, que pode até mesmo ser apreendida com o olhar (BOMBARDI, 2004, p.61).

A unidade produtiva camponesa não pode ser confundida com a empresa familiar, pois suas bases são diferentes em termos de nível dos fatores de produção, das relações de produção, do volume de produção destinado ao mercado e da própria condição socioeconômica dos responsáveis e suas famílias.

O camponês tem a necessidade de converter parte da sua produção em tecidos, alimentos, açúcar, ferramentas, medicamentos entre outros, tratando a produção como valor de troca, quanto ao valor de uso, dependendo das necessidades. Neste contexto, o camponês tem sua autonomia sobre sua propriedade, da força de trabalho e de sua produção, a policultura tem garantido a sua subsistência no campo, sendo necessário comprar apenas o que não se produz na roça.

Sobre a posse da terra para o camponês Fabrini e Roos descrevem que:

A condição de proprietário ou de posse definitiva da terra representa para o camponês a sua liberdade e maior autonomia sobre o produto de seu trabalho. Assim, a propriedade da terra é um meio necessário para a existência da produção, como também é a garantia de trabalho e subsistência da família camponesa. (FABRINI, ROOS, 2014, p.39)

A posse da terra, para o camponês, proporcionou o meio de se manter em meio ao sistema capitalista, produzindo o que é essencial para a sobrevivência de sua família. Neste sentido, é importante destacar o que representa a conquista da terra em Itaquiraí (MS) para os assentados.

2.2 – A CONQUISTA DAS TERRAS EM MATO GROSSO DO SUL

O estudo do assentamento Sul Bonito, em Itaquiraí (MS), onde os camponeses constroem estratégias de existência e resistência, como é o caso da economia de policultura e a produção camponesa de leite, surgiu do resultado da conquista dos movimentos sociais, mais especificamente do MST. Trata-se da organização de trabalhadores que antes despossuídos da terra se organizaram para reconstruir a sua condição camponesa, que se difere da concentração latifundiária.

Para entender a produção e reprodução da territorialidade camponesa é necessário antes perceber a produção das relações de gênero, de reciprocidade presente na sociedade, que entre território definido e a desterritorialização vai caracterizando outro contexto socioeconômico e político, uma vez que é nesta produção que se confirma ou se desconfigura as relações de poderes.

Os territórios são construídos pelo conflito, neste sentido o processo histórico do campesinato oportuniza a construção identitária do camponês, indivíduo que sofre, ao longo do tempo, a exclusão do modo de vida no campo, tendo como causa a concentração fundiária. A posse da terra significa para o camponês a sua inclusão no meio social.

A possibilidade de desenvolvimento da atividade pecuária contribuiu para que fazendeiros paulistas fossem em busca de terras no Sul de Mato Grosso do Sul e, principalmente, impulsionou a apropriação concentrada da terra nessa região.

Assim, a concentração fundiária tem contribuído para os conflitos em Mato Grosso do Sul, que se constitui no segundo Estado em que as terras estão mais concentradas e desigualmente distribuídas no Brasil. A apropriação desigual da terra e, não necessariamente a exploração do trabalho na terra, constitui-se o centro do problema agrário no Brasil e em Mato Grosso do Sul. Almeida destaca que:

A concentração de terras no Sul de Mato Grosso do Sul não é necessariamente resultado da expropriação e aglutinação de pequenas propriedades no processo de expansão das relações capitalistas de produção. A estrutura fundiária altamente concentrada deve-se ao processo de ocupação das terras, ou seja, quando o Estado promoveu a transferência/venda de grandes áreas de terras públicas para proprietários fundiários. Portanto, a estrutura fundiária no Sul de Mato Grosso do Sul nasceu concentrada. (ALMEIDA, 2008, p. 54)

De acordo com os dados, a concentração fundiária em Mato Grosso do Sul tem se tornado um problema na questão agrária, verifica-se que 54,6% dos estabelecimentos com menos de 100 hectares ocupam apenas 2,2% da área total, sendo que os estabelecimentos superiores a 1000 ha representam 14% e, por sua vez, controlam 78,4% da área total dos estabelecimentos. (IBGE, 1995/1996)

Os dados apresentados revelam o entendimento sobre as questões fundiária e agrária de Mato Grosso do Sul, o processo histórico revela problemas da desigualdade e dominação desde a exploração dos primeiros povos indígenas aos dias atuais. Neste entorno, os conflitos pela terra envolveu as populações indígenas a partir da década de 1950. Posteriormente, na década de 1980, surgiram as lutas dos trabalhadores rurais sem terra, colonos, peões, brasiguaios, dentre outros.

Antes da conformação territorial do Mato Grosso do Sul, foram marcantes os movimentos migratórios oriundos do Sul e do Sudeste do país com o avanço das frentes

pioneiras para o Centro-Oeste, com objetivo de desmatar grandes áreas e trabalhar na formação da pastagem para a pecuária e, posteriormente, o cultivo e monocultura da soja. No decorrer da década de 1980, a pecuária extensiva já era a atividade econômica tradicional na região.

A concentração fundiária se destacou como a principal característica do território de Mato Grosso do Sul, delineando a apropriação desigual da terra e conseqüentemente colocando os camponeses dessa região em estado degradante de pobreza e infortúnio. De forma que pode ser analisada esta concentração desigual conforme indica a Tabela 1, ver página seguinte.

Mais tarde, as famílias sem-terra, diante das violências sofridas e da omissão do governo frente aos problemas envolvendo conflitos entre os migrantes e latifundiários, e contando com a ajuda da Comissão Pastoral da Terra - CPT e dos sindicalistas, passaram a se organizar e a fazer reuniões, iniciando um trabalho de base nas comunidades locais, tendo como objetivo principal organizar as ocupações de terras no Mato Grosso do Sul (ALMEIDA, 2003). Este foi um período marcado pela continuação dos avanços de resistência pela terra no Estado, foram diversas ações de ocupação que aconteceram e deram origem à formação de vários acampamentos como meio de resistência para a conquista da terra.

A mecanização da agricultura foi um dos fatores que ocasionou a expulsão de camponeses, pois a mão de obra foi substituída pela mecânica. O Brasil passa a ser mais urbano que rural nos anos de 1970. Os indivíduos excluídos reivindicavam seus direitos junto aos movimentos sociais na forma de resistência pela terra. Silva (2004, p.64) afirma que “ocorreu a mecanização da agricultura em Mato Grosso do Sul e os campos foram tomados pela monocultura da soja, que ocupou também o espaço de arrendamento que vinha sendo usado para cultura de subsistência, desalojando milhares de famílias”.

Com a implantação da monocultura e da produção de exportação, o Mato Grosso do Sul começou a se transformar no “celeiro do Brasil”, com auxílio de políticas de créditos agrícolas e incentivos fiscais para os grandes latifundiários. O governo militar de Emilio Garrastazu Médici (30/10/1969 a 15/03/1974) estimulou a modernização da agricultura para o desenvolvimento econômico, o que gerou grande concentração de terras.

Tabela 1: Estrutura Fundiária Comparada – Brasil e Mato Grosso do Sul – 1995/1996

Classes por (ha)	Brasil				Mato Grosso do Sul			
	Nº de Estabelecimentos	%	Area (ha)	%	Nº de Estabelecimentos	%	Area (ha)	%
Menos de 10	2.402.374	49,66	7.882.194	2,24	9.170	18,6	39.681	0,1
10 a menos de 100	1.916.487	39,61	62.693.586	17,73	17.753	36	637.163	2,1
100 a menos de 1000	469.964	9,71	123.541.517	34,93	15.423	31,4	5.992.676	19,4
Acima de 1000	49.358	1,02	159.493.949	45,10	6.902	14	24.273.252	78,4
Total	4.838.183	100	353.611.246	100	49.248	100	30.942.772	100

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário 1995/1996

A política de modernização do campo levou as terras ao processo de acumulação capitalista, surgindo grandes propriedades vinculadas a empresas de capital norte-americano, como é o caso da CARGIL e da MONSANTO, empresas multinacionais de agricultura e biotecnologia, líderes mundiais de herbicidas e sementes geneticamente modificadas. Os latifundiários passaram a produzir soja, trigo, cana-de-açúcar, milho e sorgo, que necessita de menor número de trabalhadores, utilizando-se da mecanização agrícola como forma de substituição da mão de obra.

A luta pela terra se desencadeou no início dos projetos de colonização implantados, em que ocorreu a concentração fundiária e a desigual distribuição da terra no Mato Grosso do Sul. Assim, surgiram os impasses entre os camponeses, latifundiários e os órgãos governamentais, que deram origem à conquista e à implantação dos assentamentos no Estado. Os conflitos pela posse da terra se intensificaram no Mato Grosso do Sul a partir do final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, envolvendo latifundiários e os arrendatários, posseiros, trabalhadores assalariados e brasiguaios.

Os primeiros sinais de conflitos entre arrendatários e fazendeiros no Estado, evidenciando o problema fundiário, ocorreram no final do ano de 1979 e relacionam-se com os acontecimentos ligados ao rompimento do contrato de arrendamento nas fazendas Entre Rios, Água Doce e Jequitibá, no município de Naviraí-MS (FABRINI, 2001).

Em 1979, segundo os dados da CPT (1993), 240 famílias de arrendatários entraram na Justiça contra os proprietários da terra - eles denunciavam as constantes ameaças de agressão e o despejo feitas por parte dos fazendeiros e reivindicavam a permanência no lote por mais três anos. A reivindicação baseava-se no Estatuto da Terra, constituído pela Lei nº 4.504 de 30/11/1965.

As metas determinadas pelo Estatuto da Terra eram duas, sendo a primeira a execução de uma reforma agrária e a segunda o desenvolvimento da agricultura. Até meados dos anos noventa, após 30 anos, pode-se destacar que a primeira meta ficou nas escritas, de modo que a segunda recebeu grande atenção do governo, sobretudo no que diz respeito ao desenvolvimento capitalista da agricultura (COELHO, 1996).

Em 1980, a Justiça deu ganho de causa aos arrendatários da fazenda Jequitibá, em consequência da repressão por parte dos fazendeiros. Não aceitando a decisão da Justiça, o proprietário da fazenda mandou derrubar a cerca da lavoura e soltou cinco mil cabeças de gado

na roça, que provocou a perda total da plantação. O conflito aumentou no momento em que os arrendatários pediram indenização pela lavoura destruída e a desapropriação da terra para fins de Reforma Agrária. Uma das respostas foi o aumento da violência, houve expulsão e despejo dos arrendatários pelos jagunços dos fazendeiros. A situação se desdobrou na morte do advogado Joaquim das Neves Norte, em 1981, que estava encarregado da defesa dos interesses dos arrendatários na Justiça de Mato Grosso do Sul (FABRINI, 2001).

A partir da violência e da omissão do Estado diante do conflito, as famílias sem-terra tiveram o apoio da CPT e de sindicalistas; começaram a participar de reuniões que objetivavam a organização das ocupações de terra no Estado. Entre os anos de 1981 e 1983, foi o período das lutas de resistência pela terra no Mato Grosso do Sul, quando várias ocupações aconteceram. No ano de 1984, ocorreu a primeira ocupação de terras no Estado, com a liderança da CPT e contou com a participação de movimentos sociais (FABRINI, 2001).

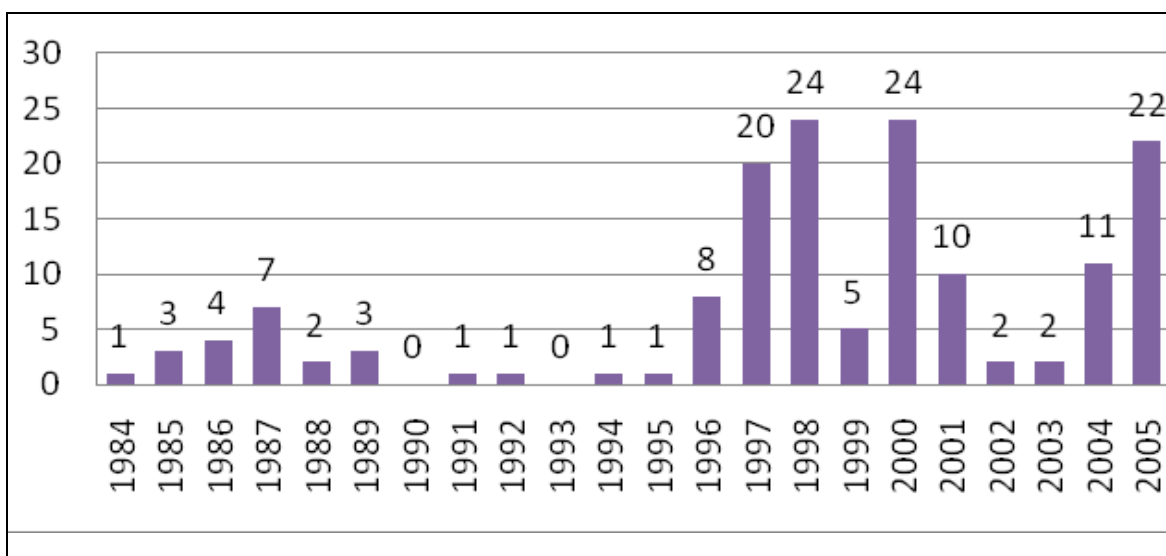
A área ocupada foi a gleba Santa Idalina, no município de Ivinhema (MS), a ocupação deu-se a partir da violência e pelo conflito gerado pelos latifundiários e o governo estadual. Os trabalhadores sem-terra não conseguiram permanecer na área e foram despejados de forma violenta. Depois deste fato, camponeses foram direcionados, provisoriamente, ao assentamento Padroeira do Brasil, em Nioaque-MS.

A luta pela terra no Mato Grosso do Sul evolui e se divide em quatro fases. A primeira se caracteriza pelo período de 1980 a 1985, quando foram conquistados seis assentamentos. A segunda fase compreende o período de 1986 a 1990, com a implantação do Plano Nacional de Reforma Agrária - PNRA. Sendo esta a fase em que os trabalhadores rurais tiveram o maior acesso a terra, houve a consolidação de dezesseis assentamentos. A terceira fase corresponde ao período de 1991 a 1995, marcada por um período trágico por causa da redução da política de assentamentos no Estado de Mato Grosso do Sul. Apenas seis projetos foram realizados nessa época. As ocupações dos trabalhadores sem terras foram combatidas pela ação do Estado e pela repressão do latifúndio. A quarta fase compreende os anos de 1996 a 2000, que estão representados pela retomada da luta pela terra e a conquista de assentamentos, nesta fase são criados 67 projetos e 97 assentamentos (ALMEIDA, 2003).

Nesta última fase, sob o governo de Fernando Henrique Cardoso, o MST passou a ocupar um lugar de destaque nos meios de comunicação e no discurso político-partidário e a luta pela Reforma Agrária ganhou projeção nacional e internacional.

A luta dos sem terra resultou em uma série de conquistas, dentre as quais se destaca a terra de assentamento. O Gráfico 1 permite verificar o número de assentamentos que foram realizados no período de 1984 a 2005, em Mato Grosso do Sul.

Gráfico 1 – Projeto de assentamentos rurais em Mato Grosso do Sul



Fonte: Plano Nacional de Desenvolvimento Rural do Município de Itaquiraí, 2005.

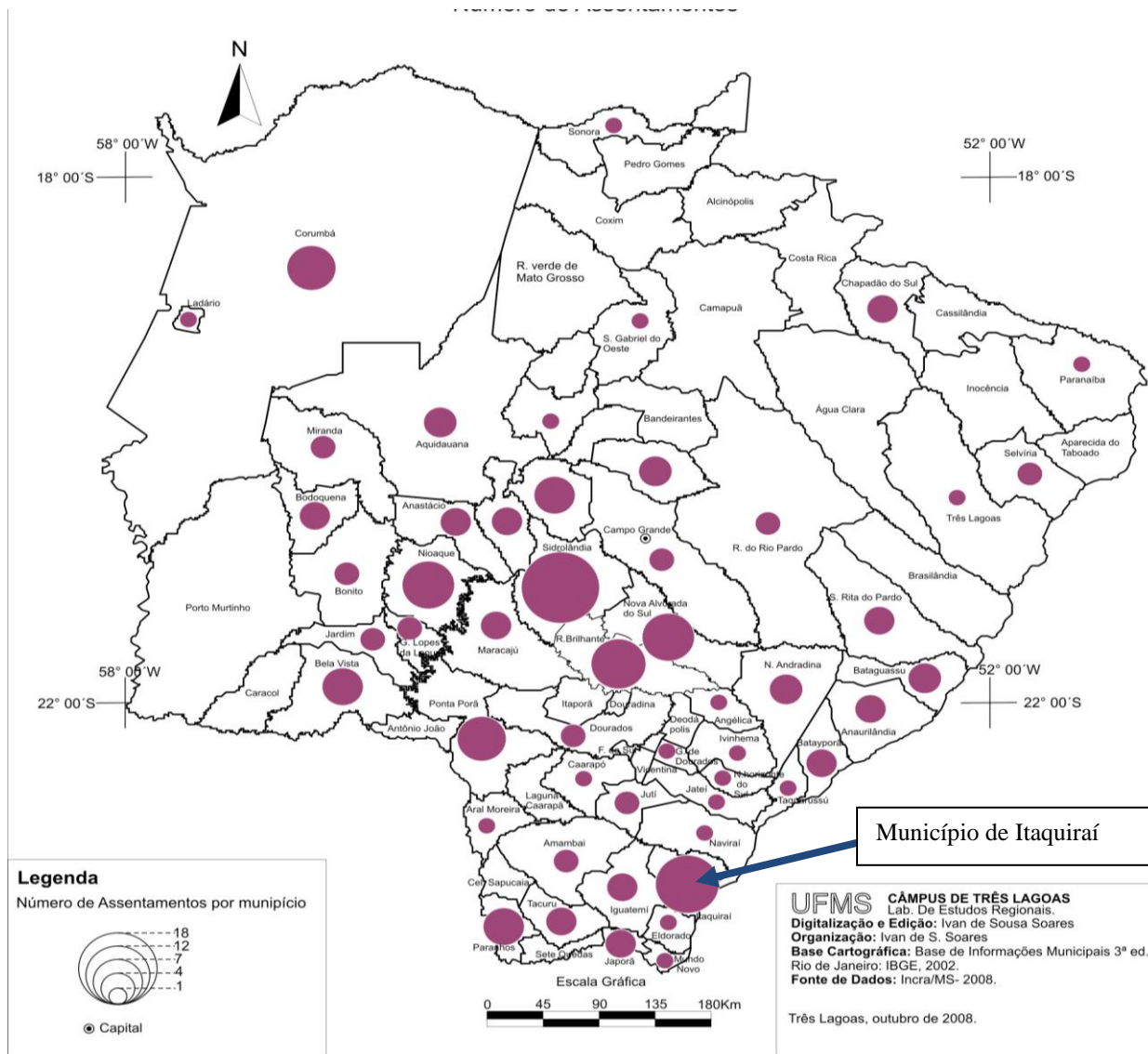
No Gráfico 1 verifica-se um aumento considerável em relação aos números de assentamentos em todo Estado de Mato Grosso do Sul, dessa forma, destaca-se a criação do assentamento Sul Bonito, em 1996. Os anos de 1997, 1998, 2000 e 2005 foram os que apresentaram o maior número de projetos de assentamentos rurais, sendo acima de 20 assentamentos, proporcionando ao Estado a constante atuação na reforma agrária, o que possibilitou o crescente desenvolvimento de suas cidades.

O município de Itaquiraí, nestes períodos, contou com a implantação de mais oito assentamentos, neste contexto, o município passou a totalizar 12 assentamentos, aumentando gradativamente o número da população, assim como o melhor posicionamento de sua economia e diversidade produtiva.

As conquistas dos assentamentos e a implantação dos projetos tiveram como base a resistência e os conflitos entre camponeses, latifundiários, empresas nacionais, internacionais e os órgãos governamentais.

O assentamento Sul Bonito, objeto principal desta pesquisa, constitui-se numa das conquistas dos sem terra e foi realizado com a desapropriação da “Empresa Água Mansa Ltda.,” no município de Itaquiraí. O projeto assentou 421 famílias numa área de 6.375 hectares em 1996.

Figura 2 – Mato Grosso do Sul – Geografia dos Assentamentos Rurais – 1984-2007



Fonte: IBGE, 2002.

O assentamento representa o ressurgimento desses indivíduos à sociedade como destaca Almeida:

Observa-se que essas pessoas preferem o campo e não a cidade e, por isso, procuram um lugar para ser o seu e que possa ainda ser um espaço de reconstrução, do ressurgimento das relações perdidas no caminho e da construção de outras inteiramente novas. (ALMEIDA, 2008, p.184)

Foi no campo que uma parcela da população procurou melhores condições de vida, como pode ser analisado na figura 2, que destaca os assentamentos em Mato Grosso do Sul.

Na Figura 2 pode-se verificar a quantidade dos assentamentos que foram criados em suas respectivas cidades, podendo ainda analisar a maior concentração no centro e sul do Estado. Esta concentração nestes municípios se deu pelas políticas públicas e aceitação das forças políticas dos municípios, que visualizavam o aumento de pessoas nestes municípios, dessa forma garantindo necessidade de mais recursos provindo do Estado, para infraestrutura, saúde e educação. Porém de início houve resistência a esses assentamentos por parte da população desses municípios o que foi relatado pelo assentado Antônio Alves de Lima - "De início nós fomos muito discriminados, acusados de sermos banderneiros." (Antônio, Sul Bonito, 2015).

Em Mato Grosso do Sul o confronto dos trabalhadores frente à incessante exploração, expropriação e violência, desencadeada pelos latifundiários, empresas e grupos econômicos e pela omissão governamental do Estado, tem sido travada por inúmeras famílias camponesas, que se articulam pela terra, encontrando-se organizadas no âmbito dos movimentos sócio-territoriais como: MST, Federação dos Trabalhadores da Agricultura – FETAGRI-MS e Central Única dos Trabalhadores – CUT.

2.3 – A TERRITORIALIZAÇÃO DA TERRA EM ITAQUIRAÍ (MS)

Localizado na região Sul do Estado de Mato Grosso do Sul, o município de Itaquiraí se caracteriza por ter uma economia de base agropecuária. Sua ocupação ocorreu, originariamente, pela colonização dos bandeirantes e sertanistas que buscavam ouro, caçavam índios e se aventuravam na conquista de novas riquezas no século XVIII. Ao longo dos anos 1950 a 1970, consolidou-se a microrregião, dotando-se de certa heterogeneidade que se expressa na produção de bens econômicos a partir da agricultura e da pecuária, atividades econômicas que ainda hoje impulsionam as demais, como o comércio.

Em 1989, Itaquiraí viveu um momento histórico que mudou o perfil socioeconômico do município com o processo de Reforma Agrária, que se originou com o confronto dos trabalhadores rurais sem terra que estão atualmente assentados. Esse processo de organização pela terra, no município, teve início na década de 1980, com a ocupação das fazendas Bulle e Baunilha, desencadeando conflitos entre lideranças do governo e trabalhadores sem terras, como foi destacado anteriormente. Com o decorrer dos anos, a luta pela terra se intensificou e, assim, trouxe novas características ao município.

A criação dos assentamentos mudou todo o curso de desenvolvimento do município. A nova estimativa de população para Itaquiraí – MS é de 19.920 habitantes, conforme publicação no Diário Oficial da União do dia 28/08/2014 pelo IBGE. A publicação anterior previa uma população de 18.614 (urbana: 7 600 – rural: 11 014), e a densidade demográfica é de 9,02 hab/km² (Fonte: Censo do 2010 do IBGE).

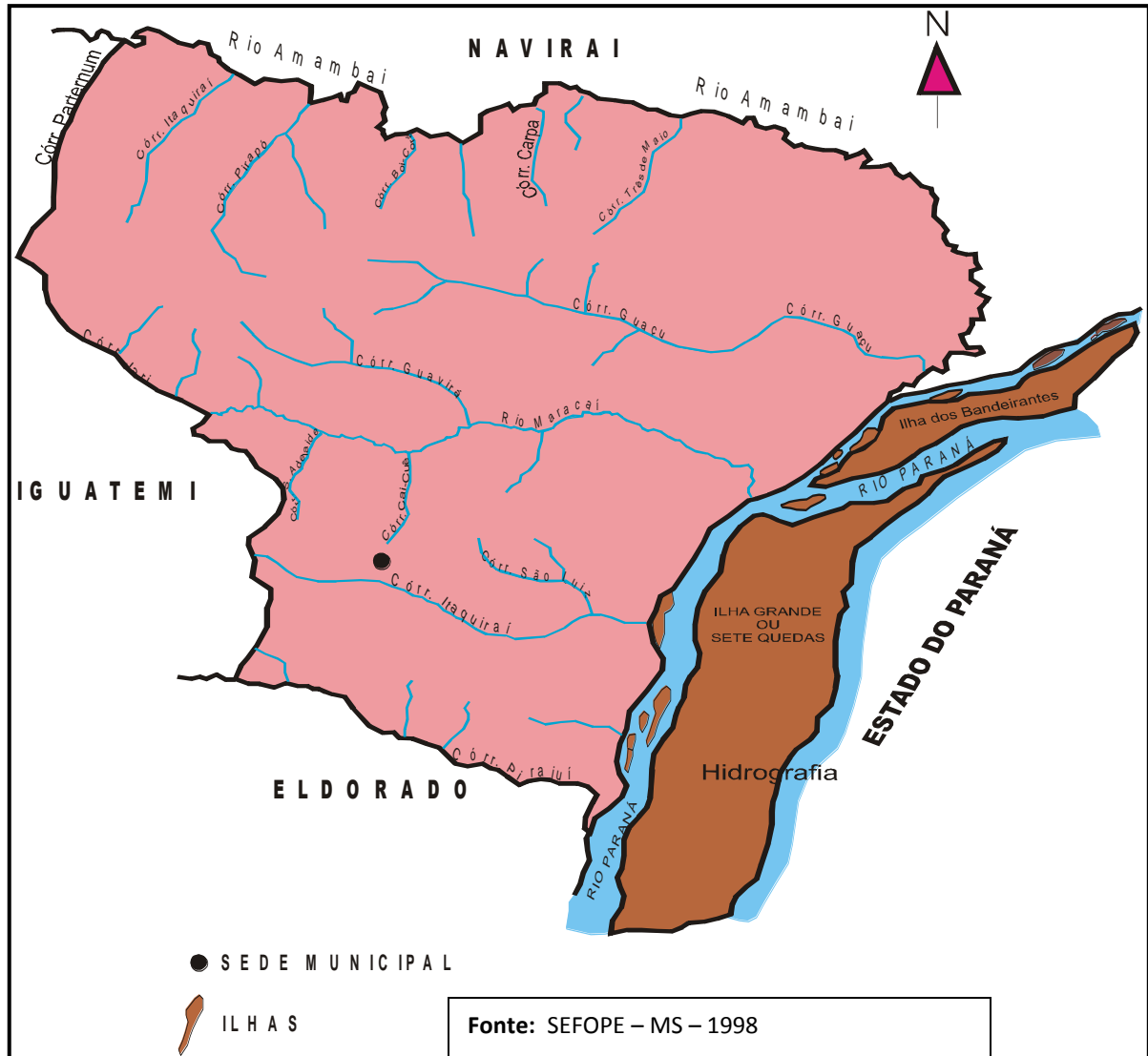
De acordo com os dados representados pelo IBGE (2010) para Itaquiraí, o campo tem representado melhores condições de vida para essa população que ali reside, desta forma Almeida destaca:

Nota-se que o desejo de mudar de vida, de conquistar um lugar como morada incentiva as famílias a procurarem no campo um novo lugar. (ALMEIDA, 2008, p.185)

As ocupações ocorridas no município de Itaquiraí (Fig. 3) se desenvolveram de maneira igualitária ao território sul-mato-grossense, relacionadas às transformações, ligadas aos percursos dos conquistadores e as suas viagens arriscadas no interior do país. Durante todo o século XVIII, houve a necessidade de pontos de parada para que os desbravadores pudessem descansar durante as longas viagens, com o passar do tempo esses pontos tornaram-se pequenas vilas.

No século XIX, a economia que deu origem às cidades no Sul do Estado foi a extração da erva-mate, que ganhou ênfase na região, pois desenvolveu não apenas a economia regional, mas também a nacional, pois era produzida em escala comercial e destinada à exportação.

Figura 3 – Mapa do município de Itaquiraí



Com a extração da erva-mate houve a implantação da Companhia Mate Laranjeira, que ocupou uma expressiva porção do território, sua delimitação abrange as margens do Rio Brilhante e do Rio Ivinhema, ao Norte; o Estado do Paraná, a Leste; o município de Iguatemi, a Sul e o Rio Dourados e a Serra do Amambai, a Oeste.

O município de Itaquiraí, como todo o Sul do Estado de Mato Grosso do Sul, foi ocupado a partir da expansão pioneira da década de 1970, o município possuía poucos trabalhadores rurais sem terras. Isso se deve à forma com que a terra foi apropriada nessa região, que não permitiu o acesso e a fixação do homem a terra, pois a maior parte deles eram parceiros,

arrendatários, peões e não proprietários. Após a derrubada das matas e formação das pastagens deveriam deixar o lote (FABRINI, 1996).

As pequenas propriedades em Itaquiraí eram poucas, muitos dos trabalhadores foram expropriados e suas propriedades foram sufocadas e adquiridas pelos latifundiários. Após esta expropriação, os camponeses de Itaquiraí junto a outros companheiros vindos de municípios vizinhos se organizaram, passando a ocupar a área de terras entre as fazendas Baunilha e Bulle, a partir do ano de 1980, com a suspeita de que as terras eram devolutas.

Com a nomeação de Pedro Pedrossian, que correspondeu ao período de 1966 a 1971, para governador do Estado de Mato Grosso do Sul, é lançado o Projeto Guatambu, com objetivos de melhorar a rentabilidade e a organização da produção agrícola, com assistência técnica, mecanização, fornecimento de insumos, facilidade de créditos, garantia de preço mínimo, etc. A ação foi integrada, entre a Empresa Mato-Grossense de Pesquisa Assistência e Extensão Rural - EMPAER, e direcionada ao pequeno proprietário, procurando diminuir o êxodo rural em Mato Grosso do Sul (FABRINI, 1996).

Com a anúncio do projeto Guatambu, vários sem-terra utilizaram-se do projeto como estratégia para ocupar a área entre a fazenda Bulle e Baunilha, no município de Itaquiraí. O projeto não tinha fins de tocar na estrutura da posse da terra e, nem tampouco, a questão fundiária. Mesmo assim os ocupantes da área utilizaram a bandeira do projeto, o que fez com que fazendeiros e empresários culpassem o Governo do Estado pela ocupação. Segundo Fabrini:

As ocupações de terra são ponto de partida do processo de construção do território camponês. O território conquistado surge com base para outras lutas. As ocupações de terra estão no centro desse processo de espacialização e territorialização camponesa dos sem terra porque é por meio delas que eles conquistam a terra de assentamentos (FABRINI, 2014, p. 133,134).

Diante deste contexto de afronta, o Governo do Estado retirou os sem terra da área, que foram despejados às margens da BR-163. Os soldados que participaram da retirada dos camponeses permaneceram no município durante todo o tempo em que os camponeses permaneceram às margens da rodovia. Uma das medidas de segurança em relação ao acampamento foi o isolamento, com arame farpado, pela polícia e a montagem de um posto policial na área, o que impedia a entrada de pessoas estranhas. Foi proibida, até mesmo, a celebração de missa no local, em repreensão às reuniões ligadas aos movimentos sociais que eram articuladas no decorrer da celebrações das missas.

Com o isolamento e o pouco apoio do Governo, as famílias foram deixando o local. Posteriormente, após um ano de luta, das 800 famílias que estavam acampadas restaram apenas 64 no acampamento. Estas famílias estavam numa área que não oferecia condições de sobrevivência. Em 1983 foi elaborada uma proposta pelo governo, pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA e pelo Departamento de Terras e Colonização de Mato Grosso do Sul - TERRASUL, com isso, 59 famílias foram transferidas para o projeto Braço Sul, em Colíder-MT.

As famílias foram assentadas em uma área improdutiva, por apresentar baixa fertilidade, além de não receber quaisquer recursos e créditos. Os camponeses foram esquecidos, não tendo condições de financiar utensílios agrícolas para correção do solo e adubação, como consequência, houve uma péssima colheita e baixa produtividade. Situação que agravou as condições de sobrevivência desses trabalhadores camponeses (FABRINI, 1996).

De acordo com o técnico da Secretaria de Estado da Agricultura de Mato Grosso, que estava junto à execução do projeto, um dos problemas que levou ao insucesso foi que os camponeses do município de Itaquiraí estavam acostumados a uma agricultura em áreas de matas, terras consideradas produtivas e foram colocados em áreas de campos, tendo problemas com a produtividade, o que levou ao fracasso do projeto e, partir daí, foram enviados à Gleba Celeste no Norte-MT. Cabe ressaltar que, não foram oferecidas pelo projeto governamental as condições mínimas necessárias para que houvesse uma adaptação dos camponeses à nova área e, nem foi dado apoio, subsídios para que os camponeses conseguissem iniciar o processo de produção ou tornando a área produtiva, ou seja, eles foram abandonados à própria sorte (FABRINI, 1996).

No início da década de 1970, a microrregião iniciou um processo de transformação da sua economia agropecuária com a entrada de colonos agricultores que se deslocaram dos estados do Sul do Brasil em busca de novas áreas para o cultivo da agricultura comercial, período em que se verifica o início do processo de mecanização das atividades produtiva nas áreas de campos e cerrado, local que despertava interesse pela produção de soja.

No município de Itaquiraí existem 12 assentamentos, como demonstra o Quadro 3: Indaiá, Sul Bonito, Santa Rosa, Tamakavi, Guaçu, Boa Sorte, Lua Branca, Santo Antônio, Itaquiraí, Caburey, Foz do Rio Amambaí e Aliança.

Quadro 3 – Assentamentos rurais do município de Itaquiraí-MS – 1989 - 2007

Assentamento Rural	Área (ha)	Número de Estabelecimentos	Data de criação	Fazenda
Indaiá	7.340,67	633	20/10/89	Itasul
Sul Bonito	6.375,93	421	09/10/96	Sul Bonito
Guaçu	2.678,97	134	29/12/97	Zé Mano
Santa Rosa	4.048,16	200	29/12/97	Jatobá
Tamakavi	3.383,56	120	04/12/98	Tamakavi
Boa Sorte	1.498,03	65	23/12/98	São Judas Tadeu
Aliança	1.101,69	38	29/12/00	Aliança
Lua Branca	2.425,39	124	03/04/01	Paraíso
Santo Antonio	9.527,0244	813	17/07/07	Santo Antonio
Caburey	1.800	163	17/07/07	Caburey I
Itaquiraí	3.210	258	17/07/07	Caburey II
Foz do Rio Amambai	2.390	216	17/07/07	Caburey III

Fonte: PDRMI, 2007.

No ano de 2007 ocorreu a criação de um complexo de assentamentos que se originaram das fazendas Caburey I, II e III, dando origem aos assentamentos Caburey, com 163 famílias; Itaquiraí, com 258 famílias e Foz do Rio Amambai, com 216 famílias. Os maiores assentamentos do município são: Sul Bonito, com 421 famílias assentadas e o Indaiá, com 633 famílias assentadas, que é um dos assentamentos mais antigos do Estado do MS e já foi emancipado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA. Os assentamentos Santa Rosa, Boa Sorte, Lua Branca, Aliança, Tamakavi, Guaçu e Santo Antônio surgiram mais recentemente, somando um total de 1735 famílias. Entretanto, constata-se que a maioria das unidades produtivas está à margem do desenvolvimento, tanto os mais antigos e emancipados como os mais recentes.

A área do Sul Bonito fica na fronteira do Estado de Mato Grosso do Sul com o Estado do Paraná. Do assentamento é possível avistar o Rio Paraná, que separa os dois estados. O Assentamento Sul Bonito localiza-se no município de Itaquiraí, estado de Mato Grosso do Sul, distante cerca de 400 quilômetros da capital Campo Grande. Em relação à cidade de Itaquiraí, está a mais ou menos oito quilômetros e a 200 quilômetros de Dourados, a cidade de maior

influência na região, onde está localizada a Unidade Avançada do INCRA, responsável pelos assentamentos da região. Neste assentamento há a presença de dois movimentos que lideram os assentados, a FETAGRI (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do MS) e o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

No município de Itaquiraí verifica-se a predominância de latossolo de textura média e, acompanhando as principais linhas de drenagem, nitossolos de textura arenosa-média, ambas com baixa fertilidade natural; além de algumas áreas de neossolos. Desse modo, o solo dos assentamentos é pouco propício para a agricultura, sendo mais utilizados para a agropecuária.

Levando em consideração a altitude, o município se encontra a 340m do nível do mar, possuindo áreas planas entremeadas com relevos tabulares. As áreas planas de acumulação predominam ao longo dos rios principais, representada por larga faixa próxima ao rio Paraná e, ao norte, com o rio que lhe serve de limite. O município de Itaquiraí encontra-se na Região dos Planaltos Arenítico-Basálticos Interiores, com duas unidades geomorfológicas: Divisores das Sub-Bacias Meridionais e Vale do Paraná (ITAQUIRAÍ, 2014).

O município está sob a influência do clima subtropical do sul de Mato Grosso do Sul. A temperatura média dos meses mais frios está entre 14°C a 15°C. As precipitações variam de 1.400 a 1.700 milímetros anuais (ITAQUIRAÍ, 2014).

A hidrografia tem influência da Bacia do Rio da Prata, os principais rios são: Rio Amambai, afluente pela margem direita do rio Paraná; limite entre os municípios de Naviraí e Itaquiraí. Pertence à Bacia do Rio Paraná. Possui 340 quilômetros de extensão, sendo 90 quilômetros navegáveis. Rio Maracaí; afluente pela margem direita do rio Paraná, banha o município Itaquiraí, limite entre os municípios de Iguatemi e Itaquiraí. Rio Paraná; formado pela confluência dos rios Paranaíba (nasce em Goiás) e o Grande (cujas cabeceiras ficam na Serra da Mantiqueira, em Minas Gerais), a uns 10 km a nordeste da cidade de Aparecida do Taboado; daí até o ponto extremo de Mato Grosso do Sul faz divisa entre este Estado (município de Itaquiraí) e o Estado do Paraná.

Como potencial de desenvolvimento o assentamento Sul Bonito possui a praia da Amizade, que se concentra em dois lotes, esta possui potencial turístico e de lazer, está localizada às margens do rio Paraná e é procurada por turistas e moradores da região. No assentamento ainda destaca-se a Itaquipisca, sendo uma das maiores festas do município de Itaquiraí. A festa é destinada à pesca esportiva, que atrai o público regional para o local por cerca

de 3 a 5 dias e, desta maneira, proporciona certa visibilidade turística para o assentamento.

A vegetação do município de Itaquiraí apresenta predominância da Floresta Estacional Semidecidual, com áreas de pastagem plantada. Aparecem, em menor percentual, distribuídas pelo município, a Floresta Estacional e Floresta Sub-Montana.

Neste contexto, os assentados ainda vivem em um processo de resistência, como forma de permanecerem no lote, o que ocorreu em décadas atrás ainda continua a ocorrer, o que se descreve aqui é o que culminou no êxodo rural, onde boa parte da população rural se destinou para as cidades. Os camponeses encontram dificuldades de manter sua produção, não pelo fato de ter domínio sobre ela, mas sim pela grande concentração de agrotóxicos utilizados nos latifúndios que, com a concentração dos ventos, adentram sobre os lotes camponeses prejudicando gravemente sua produção de policultura, levando à morte muitos animais domésticos. Neste sentido, a proximidade aos latifúndios tem prejudicado constantemente a produção camponesa.

Figura 4 – Imagem de satélite do assentamento Sul Bonito



Fonte: Google Earth, 2015.

Na Figura 4, pode-se observar a vista aérea do assentamento Sul Bonito em comparação com o latifúndio, de modo que o assentamento está representado por espaços fragmentados de

pequena proporção, representado pela linha vermelha. No seu entorno é possível distinguir espaços com grandes proporções, sendo estes os latifúndios que adquirem formas geométricas de grandes dimensões.

No município existem produtores que possuem uma baixa produtividade, levando famílias a dependerem de programas sociais, de transferência de renda que, para a sociedade como um todo, implica em retrocesso, já que a reforma agrária é um programa de geração de emprego e renda; enquanto que os programas que transferem renda são para trabalhadores que estão à margem do trabalho.

No ano de 2009, o INCRA implantou mais um assentamento no município, o Santo Antônio, com mais 1.500 famílias. Assim, Itaquiraí deverá se tornar um dos municípios com mais assentamentos do Estado e, até mesmo, no âmbito nacional.

A conquista do lote no assentamento, conforme relato do assentado Darci Pino Garcia, foi um dos momentos mais difíceis para se chegar a terra, foi um processo que envolveu várias afrontas e resistências. A propriedade camponesa é destacada não apenas como algo que foi conquistado pela organização dos movimentos sociais, mas sim pela união de um povo que busca melhorar sua condição de vida, sair da periferização das cidades e a volta às origens, pois todos os assentados de Sul Bonito tiveram sua origem no meio rural.

Desta maneira, os assentados entrevistados, que residem desde o início no assentamento, argumentam que estão em seus lotes há cerca de 20 anos. O camponês Antônio Alves de Lima menciona que:

No assentamento, assentamento aqui... foi dezenove de dezembro de noventa e seis, que definiu a área né, mas aqui na... na região, nos viemo em noventa e quatro pra acampa, dia 24 de junho de noventa e quatro... (Antônio, Sul Bonito, 2015)

O acampamento representou o início da conquista pelo seu território, assim como destacou o assentado Antônio foram dois anos e meio de resistência para se chegar a efetivação do assentamento, período que estes camponeses sofreram diversas ameaças de agressão e opressão. Sobre a posse da terra, o Sr Antônio conta que:

Na época, em noventa e cinco, noventa e quatro, noventa e cinco... até noventa e oito, eu diria até que foi um momento forte do

MST, em termo das luta no Brasil né... Então, nós vinha aí num período difícil, onde as força política se definia tudo. Então, nós tivemos dois ano, praticamente dois ano e meio de acampamento aqui, então, pra chega na terra não foi simplesmente uma decisão política do povo da época, então se não tivesse esse... essa ofensiva do movimento social, eu diria dos movimentos sociais, mas naquele momento mais forte expressão o MST, ninguém chegava a terra, entendeu? ... Então, tipo assim, essa área aqui, área de seis mil.... seis mil e trezentos e trinta e seis hectares, aqui o Sul Bonito. Em oitenta e nove, tinha definido o assentamento próximo; essa área era a mesma, a mesma área chamada Itasul, certo!? Depois formaram uma empresa, não definiram a área em oitenta e nove, toda e ficaram essa parte, isso por acordos político aqui do município, certo. Tá... desse período eles cederam o município Itasul, chamado Indaiá, hoje o assentamento mais antigo daqui de Itaquiraí, e sobrou essa parte da área, como o MST tinha ajudado no processo da Itasul no começo, então ficou uma; eu diria assim... com constrangimento entre as luta do MST, do porquê não tinha saído o restante da área aqui, então levantou que havia, tinha havido um esquema político na época, inclusive com alguns recursos que era pra te investido no Indaiá na época, foi investido aqui pro fazendeiro, certo, que era programa aí do Terra Sul de micro bacia, então as curva de rio ficou nessa parte. Então, baseado nisso, o MST organizou na época, em noventa e três... é... noventa e quatro, fechando um trabalho de base muito forte em noventa e quatro, em de junho de noventa e quatro, dia vinte e quatro de junho nós ocupamo aqui. Tá. Qual era a visão da época pra... pra faze esse assentamento!?

(Antônio, Sul Bonito, 2015)

A vinda para o município partiu de reuniões estabelecidas pelo MST, o que resultou da politização destes assentados, que possuíam em mente a ideia de vir a Itaquiraí para reforçar os recém-assentados do assentamento Indaiá, ao mesmo tempo que procuravam um local para se firmarem frente a reforma agrária.

A criação de mais assentamentos no município representava o fortalecimento dos movimentos sociais e principalmente o desenvolvimento local. Porém, para que isso se efetivasse ocorreu impasses contra fazendeiros e forças políticas como relata o Sr. Antônio.

O que nois buscava era o desenvolvimento local do município, da região e ajuda reforça, até os companhero antigo que tinha assentado em oitenta e nove, o pessoal aqui do... do Indaiá né, então viemo pra cá. Claro que quando nós viemo pra cá, tinha um grupo coordenado pelo prefeito da época. É próximo da prefeitura, na época era o Renato Tonneli, que manipulava um grupo de pessoa ali que não deixava faze a ocupação, até porque eles tinha feito uns acordo político pra saí a área do Indaiá, então nós viemo pra cá, o MST venho e coloco uma cunha de

novo aqui, entendeu, querendo tenta segura aqui, uma área produtiva, tentá segura o restante da fazendo Itasul. Na época que nós entro, o memo grupo de fazendeiro que tinha no passado havia montado uma empresa, chamado Água Mansa, que era questão do rolo da fazenda, é Fazenda Sul Bonito era o nome. Tá, ficamo acampado aqui, então não foi fácil chega a terra aqui, por antes tinha acordo político, de antes. Havia pistolage, contra a ocupação, eles ponhava uma pistolage pra ameaça, dá tiro, queima a barraca, essa forma mais o menos. E...então, não foi fácil aqui,; então essa área aqui nos tivemos praticamente não concluído, né, mas sim... de intervenção judicial nós tivemos em média oito despejo aqui, não concluíram o despejo, que era negociado, e nós durante o período, nós conseguimos, primeiro... primeiro passo nos conseguimos reversão lote do Indaiá., acabo, acabo o cara se vendendo pro esquema da fazenda, um que era mais próximo ao prefeito atual da época, Renato Tonneli, então acabou se vendendo, que aí nós teve que volta próximo da cidade, como nós saímo a primeira vez próximo a cidade, sendo hoje o barracão que nós paremo hoje, isso na época, hoje é o barracão da secretária de obra aqui do município, naquela época era um barracão que tinha abandonado, aproximamo lá, fizemo o acampamento próximo, na primeira... primeira desocupação, depois então nós voltamo... pra área, depois então tivemos que volta pra esse sítio e o dono desse sítio se vendeu pros esquema da fazenda e os esquema políticos que tinha aqui. Tivemo que volta de novo pra cidade... fomo despejado... pro ocê te uma ideia, nós fomo despejado, nós não fomos despejados aquela época da... da fazenda, nós tivemos que saí por intervenção judicial, até do lote que nós tinha negociado pra nós muda pra lá, no caso o Indaiá; depois então teve seu Américo aqui do Indaiá, foi da segunda vez que nós tivemos que volta pra fazenda, foi que arrumou o lote pra nós, que aí nós teve que fica saindo ali do... do riozinho Itaquirazinho que se fala, saindo... ficava no sítio, passava uns dias na ação de despejo... Então nós ficamo no vai e volta nos pinguelo que nos fizemo no riozinho de madeira de coqueiro, pra pode i caminhando o processo da área, então... essa área aqui pra consegui, no Mato Grosso do sul aqui, foi uma das... muito difícil, certo! Foi uma das que desencadeou toda uma luta aqui do estado em termo de depressão que o pessoal passava, nós cansamo de passa uma semana aqui e te duas semana, três semana em Campo Grande fazendo as ação que precisava, no Incra, tendeu? Fazendo protesto, fazendo caminhando em vários municípios de famílias tinha acampado aqui é... fazendo recadastramento de mais sem-terra que na época pra te mais o reforço da luta, pra cê te uma ideia nos tinha uma marcha de... que não era a pé, mas tipo assim, nós fizemo durante o processo aqui no dia da luta aqui, nós fizemo uma dia em cada município até chega em Campo Grande é... com um ônibus de gente, quando chegando... chegando lá, acabamo chegando com dois só daqui, mas das outra região do estado encontra lá, então que Bataiporã, pessoal ali de Nioaque, participava das ação mais forte... o pessoal aqui de Tacuru de um grupo forte de sem-terra na época,

que sempre dentro do MST eles se unificaram pra... pra fazer a ofensiva né. Então, daqui nós conseguimos sair com um grupo de famílias e de Dourados que se encontrou, que saiu sem nada, tendeu!? Só com um fogão dentro do coisa e um butijão de gás seco dentro do ônibus... e ficava um dia em cada município, o que que nós fazíamos na época. (Antônio, Sul Bonito, 2015)

O período de acampamento representou grandes dificuldades para as famílias acampadas, principalmente as famílias que possuíam crianças. As afrontas com despejos eram frequentes, em vários momentos eram necessários desocuparem o local, porém persistiram no potencial da reforma agrária com o desejo da conquista de um lote.

Todo o processo que resultou no assentamento não foi fácil, porém contaram com apoio de entidades e pessoas que auxiliavam com doações de alimentos e água para dar continuidade às manifestações. Antônio descreve o seguinte:

De dia uma comissão ia pra dentro da cidade, outra comissão ia organiza o ato público pra de noite, outra comissão ia levanta o local, onde ficava a comida, então hoje pra chegar na terra tivemos o apoio de várias pessoas, principalmente da igreja Católica, a igreja Católica do município e algumas entidades, sindicato de professor, sindicato de bancário, foi o caso de Dourados né, esse pessoal ajudou muito, porque tipo um... o MST puxava as lutas que o povo queria que fizesse no momento, aliás, a conjuntura da época, se não fosse o MST, ninguém tinha terra pra fazer a mobilização necessária que tinha na época né. Então, essa área aqui pra conquistar ela, fico aqui uns dias bom, com coragem, que quem era... eu diria assim, até, quem não tinha um pouco de processo de consciência da necessidade da terra, esses abandonaram... o acampamento, pro ocê ter uma ideia, nós iniciamos aqui com mil e vinte e sete famílias e quando chego pra assentar mesmo o número de famílias, chego em duzentos e vinte e seis, né; claro que no processo nós fizemos uma parceria, processo final aí pra conseguir a área aqui... fizemos uma parceria com aquele povo, que o prefeito tinha na época, é acampado próximo a prefeitura pra nós... fizemos uma aliança, chamada Aliança Estratégica, com objetivo, e conseguimos convencer eles que eles que só iam chegar na terra se eles saíssem de lá e viessem pra cá, então na reta final aquele grupo de famílias, que acabou, tendo mais gente do que nós, né, venho pra reforçar, por quê, porque eles não viviam a pressão que tinha aqui na área, de desocupar a barraca num e de repente no outro dia volta, então eles estavam lá no local da cidade não perdiam gente, quem estava acampado igual nós, fazemos a luta, então perdiam gente, vivendo a pressão que tinha, dependendo do despejo... pro ocê ter uma ideia, teve uma época que venho pra essa sede aqui pra despejar nós, que na realidade nós tava em quinhentas e poucas famílias já, venho seiscentos policiais, venho, vários caminhões pra

faze a mudança, como venho pessoal na época da... como que fala? Esse pessoal da saúde que vem com ambulância, né... tinha um nome aqui no estado que eu acho que nem existe hoje, então venho... venho pra detona na época né. Tá, mas nós conseguiu uma estratégia no MST na época quando eles prepararam toda a ofensiva nós passamo pro lote do outro companheiro ali e mobilizou ele, mas a pressão social... por isso nós temo várias que nem sempre a justiça é justa, ela é justa e ao memo tempo injusta, claro que nós acreditamo na justiça, nós no processo aqui, vocês consegue percebe, é... pra chega na terra aqui teve um processo que um cara só, representada dentro de uma empresa de uma área ai, representada improdutiva que tinha seiscentos policiais pra defende um e que nenhum pra defende o monte de família que miserava na época, passando necessidade, fora a pressão que houve nas estrada, de barreira, né; de colocarem policial de barreira nas estrada, que fizeram ofensiva em mulher grávida em todo mundo atrás da liderança na época, então o processo daqui ô vizinho não foi fácil! Eu tô pegano partizinha da história, fora da dificuldade que nós tivemo em terra, de casal teve um... tinha um grupo grande dos brasiguai. Que vieram numa extrema necessidade, onde que nós aqui... o restante que venho dos outro município aqui da região, tivemo que faze campanha... então era, necessitado ajudando necessitado no processo do acampamento... então teve gente dos brasiguai que venho, inclusive sem nada pra acampa né; então, dos outros município que vieram aqui... Naviraí, Novo Horizonte, Caarapó... é... acho que uns nove município aqui do estado vieram aqui aquela época, é... Vicentina, Deodópolis, esse outro pessoal que venho, então conseguiu organiza a recardação interna, do acampamento, pra ajuda esse grupo, dos... do brasiguai na época pra permanece acampado. Então, isso num... diria assim essa terra aqui pra nós, né, de quem valoriza partizinha da luta que fez, ela não tem preço, por isso eu digo assim, não foi fácil, só fico na época, uns... como dizia a finada Dorcelina, de Mundo Novo, “Os que não froxava o garrã, que quem era cagão e tinha medo ia embora”, não tinha jeito de permanece. (Antônio, Sul Bonito, 2015)

Estes indivíduos acampados geralmente são poucos escolarizados e necessitam de instruções e ajuda para chegarem a conquista do assentamento, este processo se iniciou com reuniões do MST, posterior a procura de um local para ocuparem, em seguida vem a pior fase que se destaca para se manter sobre o acampamento. Foi um dos períodos mais difíceis onde passam fome, frio, necessidades de higienização pessoal, entre outras.

Por outro lado estes indivíduos contaram com o apoio da Igreja católica, associações e alguns moradores das cidades onde passaram como forma de protesto. Este apoio representou

não apenas o respeito pela reforma agrária, mas também a solidariedade entre os indivíduos, motivada pelas condições precárias de mulheres, crianças e idosos do grupo.

Com a conquista do assentamento, o passo seguinte foi a divisão dos lotes, que resultou em uma disputa interna, sendo resolvido pelos sorteios dos lotes, o que informa o Sr. Antônio:

Dos lote havia um processo que nós tivemos que fazer uma... uma disputa interna. Nós fizemos a articulação do povo pra ... pra vim pra área aqui o povo que tava na prefeitura, como nós tava nessa localidade, qual era ideia do MST, nós bancamos o grupo, próximo ao rio Paraná, até mesmo porque nós fizemos toda a luta nesse meio aqui. Tinha a sede... que inclusive a sede ali que depois servia de escola pro início do assentamento, então nós tinha de cara conseguimos uma casa antiga que servia de escola, que definiu o processo, processo de definição da área; claro que o outro povo que veio eles queria essa parte, mas nós conseguimos sentar com eles e planejar o perímetro da área que o processo que nós faz, que um processo de medição de beira de rio pra fazer os descontos, faz os descontos pra ver onde vai ser os possíveis travessões nós conseguimos com o mapa dessa área aqui na mão, né e já com contado melhor com Incra que entra o processo de definição... defini a localidade, mas o processo de... de distribuição dos lotes ele foi; na... na área do MST aqui, inclusive discutindo com a área da divisão, que é o pessoal da Fetagri, nós conseguimos defender um grupo grande da Fetagri, uma região de lote aqui, que eles tinham uma divergência com outro grupo interno deles, nós conseguimos separar ele toda nessa faixa aqui. O MST na época, nós tinhamos ao todo doze grupos de pessoas de família acampada, então nessa parte aqui, o que que nós fizemos, baseado no mapa e sem fazer as demarcações ainda de nenhum lote, nós conseguimos fazer com o consenso de toda a coordenação que tinha, conseguimos fazer um sorteio interno das famílias, tendeu? Tipo assim: Grupo um, então naquela localidade onde pertencia que era pra nós, pra família do MST, né. Grupo dois... colocamos uma cumbuca, uma criança pegamos e foi sortido o grupo, esse foi o processo normal. Isso também discutido com Incra, que levava a proposta lá, o Incra acatou na época, depois o que que foi feito!? Depois de tudo isso o pessoal continuou acampado e continuamos a fazer o processo mas de parceria, porque nós precisávamos do lote né, então o Incra trazia funcionários com os aparelhos e nós definíamos de grupo à grupo que ia ajudar nas finanças, tendeu? nas medições, do lote. Claro que antes dessa medição de lote, nós tivemos que tranca aqui uns dias, para, paralisa; não é tranca! Justamente porque o Incra não queria cumprir, queria obedecer o prefeito da época que queria fazer aqui uma chacinha, nós tivemos que segurar as caminhonetes do Incra três dias, envolveu federal pra retirar, mas conseguimos convencer com uma reunião aí, até meia noite, quando a federal vê que o Incra mentiu pra eles também, na... na época a federal

um pouco fico do lado nosso, no processo de defini tamanho de lote, tendeu, média de tamanho de lote. (Antônio, Sul Bonito, 2015)

O assentado Antônio descreveu que todo o processo para se chegar ao assentamento foi árduo, porém o momento tão esperado chegou, e enfim a divisão dos lotes pode ser confirmada.

Os acampados ajudaram desde o início da divisão dos lotes, sendo com os sorteios dos lotes, abertura de trilhas em meio a fazenda e piqueteamento dos lotes, desta forma atuando frente a toda a causa conquistada.

Na divisão do lote também entrou em questão as áreas que seriam destinadas ao lazer dessa população. De sua extensão, neste entorno surgiu a Praia da Amizade, como Balneário, atrativo turístico e lazer para os assentados, sobre estas áreas o Sr. Antônio destaca:

Qual que seria a quantidade de área pra... pra... pras questão das áreas comunitária, pra construí escola, igreja, depois campo de futebol etc... né; e também defini a área que seria o chamado tal Balneário, que o prefeito queria aqui próximo ao porto, que hoje virou vila do pescado, ta na mão do povo essas área, menos mal que tá mão do povo e, que hoje, é uma vila aqui, uma vila próximo a vila de Santo Antônio, tem a vila cheia de pessoal ali, que foi uma área que nós definimo, claro que definiu, definimo numa pedreira que ninguém guenta, na época definiu a área que seria o balneário, o balneário que seria de área, que aqui distribui areia pro município, areia de construção, e também definimo na época, nessa bendita reunião, que foi feita a reunião definimo também, qual seria a média do tamanho do lote, tinha aquele processo, que uns queria vinte alqueire, que nem existia mais a possibilidade, tanta gente acampada... outro queria doze, outros queria tudo... então chego e sento converso e chego ai na média de cinco alqueire por família, que é a definição das família assentada, a parti daí então foi liberada a... as caminhote pro Incra, dos funcionário, as Toyota. (Antônio, Sul Bonito, 2015)

As pessoas puderam opinar sobre a divisão dos lotes, e desta forma com a criação de áreas específicas para construção de igrejas, lugares de lazer como campos e a criação do balneário denominado de Prainha da Amizade.

Este balneário trouxe uma maior visibilidade no aspecto turístico do município, assim como do próprio assentamento presente em Itaquiraí. Turistas vêm de todo o Estado de Mato Grosso do Sul, regiões do Paraná e São Paulo a fim de conhecer o balneário e sua festa típica, a Itaquipesca, que concentra um torneio de pesca e comidas típicas.

Estes camponeses também contribuíram para o trabalho de divisão dos lotes, não deixando a cargo apenas do INCRA, desta forma auxiliaram nas medidas e piqueteamento de divisas dos lotes, assim como abertura de trilhas, o que sucinta Sr. Antônio.

Chegamo ao consenso de coloca as família nossa aqui pra recebe os lote, pra contribui no processo, que eu disse agora a pouco... faze as picada, faze os perímetro, nosso grupo, inclusive acompanhado pelo Edu, que era um companheiro que fico acampado aqui, fazendo os perímetro, que é esses... esses postizinhos de concretos que é fincado no chão né, perímetro... perímetro dos lote. E definiu então, que foi a pergunta básica que se fez, que foi definido o assentamento, então aqui, depois faze o sorteio interno nosso, entre as família do MST, de grupo a grupo sortiado por uma criança, mas não sortiava um lote, sortiava um grupo de família, então foi centralizado dentro do mapa da possibilidade da demarcação que na época não teve problema algum. Feito isso, então foi pro Incra, então quando o Incra venho faze claro que o sorteio foi tudo lá na cumbuca, mas tinha lote por lote, grupo por grupo, por sequência, entendeu? O Incra sorteou o lote na mão de cada um, mas já tinha feito o sorteio interno, que todo mundo mais o meno já sabia onde ia ta o lote dele, esse feito antes pelo mapa, depois pelo perímetro.do Incra, depois pelo mapa do lote. (Antônio, Sul Bonito, 2015)

O auxilio ao INCRA representou mais agilidade no processo de reforma agrária, pela grande extensão da propriedade, os trabalhos de georeferenciamento perdurariam por meses. O cooperativismo e criação de associações partiu desde o processo de divisão dos lotes, o que também significava o amadurecimento e organização dos assentados, a partir de então surgiu o grupo coletivo destacado pelo Sr. Antônio.

No caso do grupo coletivo não era pra tá aqui, grupo coletivo, igual nós que tamo aqui no assentamento, foi uma decisão, mais amadurecida nossa, certo; que então isso existia na época, o processo que você formava associação, cooperativa, cooperativismo e associativismo, é! ... na realidade ainda é, pena que o povo não entende isso, mas ainda é o processo mais de como você avança, no caso da época era um processo de resistência aqui, e, também um processo de economiza, por exemplo se você assenta num lote sozinho, sem nada, com roupa dentro de um saco plástico, que se não tem nem onde pô, que muitas das vezes era o monte de família, qual seria a definição... você dependeria de um crédito do governo... do governo federal, certo; então a definição de um grupo coletivo serviu também pra acarreta no processo de economiza, por exemplo, se eu entrasse num lote sozinho, teria que compra sozinho, faze isso a demanda local rápida, um barraco melhor pra mim muda, um poço,

que aqui... aqui o poço tem região que tem trinta metro, poço manual, isso tem um custo enorme, que pra quem não tinha nada, ia depende de um credito miserável da época de fomento de oitocentos reais, de habitação de dois mil reais pra fazer casa, e que dependia de projeto que ia elaborar, que ia construir, todo... tudo isso pra você se firma, no momento então o que que nós definiu? O pessoal faz em cada lote, um barraco melhor, tendeu, compra uma lona melhor, com o recurzuzinho do fomento, é... pra fazer os barraco melhor, até que se espera te que se espera você cria toda uma outra estrutura de aliança, né; porque tipo uma habitação hoje precisa de todo um processo... de um projeto, e nós tinha ai uma briga política ai no Indaiá de como os recurso de tudo isso, não i pra mão do prefeito, e sim pra mão nosso, tanto é que nós conseguimos isso, certo? Então teve todo um procedimentozinho pesado ai pra cada um, então qual que é a dificuldade que se tem depois, né? ... É... voltando ao lote individual, você tem que fazer tudo isso sozinho, então você não economiza, você tem que fazer um gastar já de imediato de tudo isso, em relação ao grupo, qual era a definição nossa? Se você compra uma carraça, serve pra sete, oito família igual, igual nós, nós permanece aqui, se você faz um poço, né, um poço só, atende essa família, ai ta água do mesmo jeito, mas você economizo de gastar, por exemplo se isso custa dois mil, um poço isso aqui na época, imagina os oito fazendeiro... dezesseis mil... né, isso pra cava um poço, tô citando aqui alguns exemplo de como... o melhor, a outra coisa é havia também o processo de demanda na época, do grupo formado mais por lideranças que tocava o acampamento. Grupo coletivo hoje, grupo de pessoas que fazia linha frente no acampamento inteiro, então tinha todo um amadurecimento, pra não poder pifa, alias trabalha pra manter a proposta, tivemos problema? Tivemos! E tem problemas pra resolver, mas assim, se manter a proposta do acampamento, era assim, esse grupo forma... Alias, a história da época em noventa e quatro, noventa e cinco exigia, então ou você tinha um grupo coletivo, com partes dessas lideranças mais conscientizada, ou o assentamento por si só perdia o sentido, por que, quem ia correr atrás das coisas, quem tinha processo de definição; formação das associações, como formamos, aqui, que mantém até hoje, a 24 de junho, que foi formado quase no período que nós fomos acampado, então que mantém até hoje, é difícil manter a associação em dia, com caixa postal. Não tinha coisa que se não podia agilizar rápido, inclusive quando era acampado, mais assim, a sequência de como você se comunica, era muito dificultoso na época, então assim, pegando os pontos do lote, pra mim finalizar, então se grupo coletivo o sorteio foi de grupo individual, mais sabia que era individual, mas nós sabia que era do grupo que tinha feito o sorteio interno, então nós já sabia quem era do grupo interno aqui, né, então o Incra simplesmente legitimo com os número dos lote, como foi também com os grupo de vizinho que ai ta nos lote individual, ele já sabia praticamente os lote, que o Incra legitimo com o número do lote, que a maioria deve ter isso guardado em casa até hoje, né; então procedimento

do lote foi isso. Que toda coisa que nós confirmo aqui, ela teve todo um processo, em termo de dificuldade, de pressão, eu diria, teve coisas dessa daqui que pra... pra faze, inclusive da terra aqui, ô menino... a gente teve que se esconde várias vezes, nós tivemos que vim de viagem, marca ponto em outro luga, outra pessoa ia busca, pra leva até mulhe grávida, tivemos que monta equipe de segurança, que havia toda... toda uma pressão da época, na... na, em termo de pistolage, em termo de ofensiva política contraia que tinha no município aqui, pro ocê te uma ideia, eu sou católico até hoje, mas nós tivemos rejeição até de batiza filho aqui, rejeição de te que faze ofensiva aqui pra atende, que não ta muito diferente de hoje, em termo de saúde né, mas naquele época não era atende, era não atende por discriminação por se sem-terra que era acampado, então nós tivemos que quebra todo um processo de negociação, nós tivemos meaçada, nós tivemos aqui, momento muito difícil pra... pra chega, certo? (Antônio, Sul Bonito, 2015)

Embora assentados estes indivíduos encontraram dificuldades para permanência no lote. Houve a necessidade de um amadurecimento por parte dos assentados em criar meios de organizar seu modo de produzir e propriamente dito sua produção, desta forma surge as associações. Estas perduram até hoje no assentamento e tem representado forças no modo de produzir dos assentados.

Os confrontos para a criação do assentamento Sul Bonito ajudou na criação de mais assentamentos no município. Atualmente o município de Itaquiraí consta com 12 assentamentos e, dessa forma, ocorre uma nova dinâmica populacional tanto no meio rural quanto no meio urbano, com o crescimento da população e serviços que atendam as demandas nas áreas da saúde, educação, e infraestrutura. O Sr. Antônio esclarece:

Só pra deixa claro pra você, isso nós tinha o compromisso como acampado e sofrido da época, isso em noventa e quatro, quando tava noventa e cinco, foi que nós viemo pra cá, então durante o processo de pressão de toda lado, mas qual era o compromisso das... fomento do pessoal mais conscientizado, porque tinha o povo que venho de vários setor, venho gente de várias pastoral que tinha a pastoral da juventude, tinha gente próxima a CPT, que era Comissão Pastoral da Terra, então tinha gente de vários tipo, em termo de acampamento aqui, então nós tinha o compromisso assim, final de noventa e seis assim que definiu a área, antes de defini essa área que acabo todo o processo, mais ainda o processo de demarcação, nós tinha uma grupo de juventude, eu diria assim, bastante politizado em relação ao compromisso que se tinha, então daqui, desse assentamento aqui, antes de assenta, nós já libero um grupo

de família que foram organiza, inclusive pra da sequência na reforma agrária, foram organiza o outro time de pessoas, de gente que havia essa carência, gente procurando os acampamento, doido pra entra nesse acampamento, então você abre pra por todo esse povo, começa de pé de desigualdade, como o MST sempre luto por uma igualdade de direito nas coisas, então se eles se abriram pra por aquela quantia de família, e por aqui pra disputa a mesma terra, você tinha divergência e terra, né; com aquele povo tinha mais tempo que já tinha comido fubá, farinha e etc, mais tempo. Então, o que que foi feito? Um grupo de companheiros na época que estava preparado, que foi faze os trabalho de base de reunião em outros município, ia de carona, entendeu. Tinha gente que ia de carona, pra ajuda lá nos município com base no conhecimento, fala do processo que ele tava acampado aqui e foi organiza outras família. Tanto é que depois nós teve que i, com dois mil e.... mais de duas mil família, já no final de noventa e.... pra você vê, aqui nós sai dezoito de dezembro... dia dezoito de dezembro de noventa e seis, sai o assentamento aqui, a definição da área, e março de noventa e sete, nós tivemos o.... oito de março de noventa e sete, nós tivemos a maior ocupação do Estado, por causa de Santo Antônio, entendeu. Organizado sabe por quem? Por parte dos companheiro aqui que não tinha chegado a terra, mas a área tava definido, então, outra coisa, definimo a área, difícil, é vamo dizer assim, com bastante turbulência, igual foi a Sul Bonito na região, ela mobilizava gente sem nem ta próximo, então, tipo assim, as família que assento, i lá diz pro pai que tinha razão, que pego a terra, pra mãe ou pro irmão, convenciamos qualque um deles, ficava convencido de vim acampa, porque enquanto continuava lá, sem emprego, sem perspectiva nenhum, os outro fi disputando, pra você te uma ideia, teve um menino que ajudou aqui no Sul Bonito, desistiu, vinte e pouco dia que ele desistiu, sai a terra... o que que houve dia oito de março, venho esse menino, venho a mãe dele com o pai, com mais dois irmão dele, e todos ele tem terra hoje, sabia. Então, foi uma evolução na época que saiu o Sul Bonito, em termo da oito de março, próximo à mobilização pra assenta, tanto é que essa oito de março que nós tem aqui, tem gente assentado ainda hoje, isso num acampamento só, certo. Então tem gente, mais de trezentos pegando a Santa Rosa Iguazu lá assentada, que era memo acampamento, nós tem a Tamacavi ali, que é cento e tantas pouca família com boa sorti, mais trinta e pouco, tem gente lá na Taubinha, que era gente do memo acampamento, lá em Rio Brilhante, tem aqui trezentas e pouca família, na Savana Indiana, que era do mesmo acampamento, e tem uma quantia de família que foi lá pra Ponta Porã, na Itamarati, e alguns pra Dorcelina Salvador, entendeu. Na realidade foi um esforço muito grande, confirmando o que você disse, que assim ô, que se você for acampa... Pra mim era difícil, onde eu morava, morava num lugar que entrei quando criança, e tava com vinte e pouco ano que eu morava lá, então as própria função que eu assumi, era muito difícil pra acampa, a outra coisa, pai e mãe era rural, que quem mandava no fi até

que ele saísse de casa era pai e mãe, você não tinha poder de decisão, era, aliais o termo a respeito de família era forte aquela época, né. Então, fazia o que eles mandava, obedecia. (Antônio, Sul Bonito, 2015)

Itaquiraí se destaca nacionalmente pela concentração de assentamentos, o que tem representado uma policultura muito enriquecida frente ao agronegócio. Esta diversificação de produção mostra a força do campesinato e a dependência que a sociedade tem por esta produção. Contrapondo-se com o agronegócio, cuja maior parte da produção é de caráter exportador, e que pouco contribui para alimentação básica da população brasileira.

Esta concentração de assentamentos ainda representa que a maior parte da população neste município se encontra no meio rural, representando 60% da população total. .

Ainda hoje, são muitas as dificuldades para que ocorra a reforma agrária, bem como para que a população possa participar. Isso porque a mídia associa alguns movimentos sociais à baderna e desordem e, desta forma, seus integrantes são discriminados. O Sr. Antônio descreve como foi o seu processo de adesão aos movimentos sociais e sua problemática pessoal e de cunho familiar para ser aceito como militante.

Eu, na época, era vice da associação de morada, da onde eu morava no bairro, eu era representando na Pastoral da Juventude Rural - PJR, a nível de diocese, pega hoje é Naviraí é diocese, naquela época era Dourados, representava a juventude rural, tanto é que peguei o nome de Purpurina, justamente no bairro, eu saí representa o bairro. Eu era, na época, catequista de jovem pra crisma, próximo ora faze crisma, e coordenava o grupo de jovem do município, do bairro onde eu morava, pra você vê, então eu tinha atividade todo dia e era tesoureiro do time de futebol, que parte do time de futebol nossa era da juventude nossa do grupo que eu coordenava de jovem da igreja. Então, pra mim saí naquela época, eu tinha além do problema interno em casa, em termo de rejeição, tanto é, que eu tive que saí escondido né. Entenderam. Porque tipo assim, você dá um basta em tudo que você ta fazendo, mas se ta passando um mal, que não tinha trabalho, não tinha renda, não tinha nada, aliais, eu estava distante de algo mesmo de até você toma uma decisão em termo de que você representava e fazia no local, certo. E aquela ofensiva, né, como que seu pai e a mãe ia vê isso, e já sabia também que eu ia saí com a possibilidade de confronta com dois irmão que era PM, você sabia disso. Então várias pessoas tinha essa dificuldade, dependendo do local onde ele tava, pra saí, pra acampa, pra ajuda no processo da luta. Mas, assim resumindo, todo processo da luta, ele é uma sequência. O que que esbarra e esbarro a reforma agrária? No último mandado do homem, ele

aprova alguma coisa em lei, e usa a sociedade via televisão, pra menti, barbariza, incrimina o MST, tanto é que a nível de Brasil prendeu o monte de gente, do MST, que era tudo bandido, que não trabalhava, e na ... na... no peso da imprensa e pra sociedade, isso é forte, que nenhum deles trabalhava, todos eles trabalha, mas o que que acontece? (Antônio, Sul Bonito, 2015)

Ao se inserir em movimentos sociais, mais especificamente pela luta por moradia seja ela no meio rural ou urbano, estes indivíduos são discriminados. A luta pela atenção as suas reivindicações em muitos casos perduram por anos, como foi a da conquista do assentamento Sul Bonito representado por dois anos e meio. Estes indivíduos buscam melhores condições de vida e é com os movimentos sociais que dão início a este processo de conquista, como argumentou Antônio.

O MST tem direcionado os camponeses ao cooperativismo, sendo um sistema que tem dado resultado em alguns assentamentos, gerando diversificação da produtividade e melhor economia para essa população. Do mesmo modo se pensou sobre a educação, passo em que ocorreu a necessidade de escola no assentamento, cogitando uma grande conquista, dessa forma o Sr. Antônio discursa que:

Onde o MST se organizo bem, em termo de cooperativa e tal, pra vocês te uma ideia, o companheiro finado Egidio, que tinha aqui no MST, era o maio exemplo, lá em Dionísio Siqueira, eu fui visita lá, certo; em termo de produtividade na área coletinha que eles tinha, porque eles tinha... tinha criame de frango, de porco, certo. E a forma de abate, de industrializa também, não era só... Tinha escola já, na área lá, de primeiro à oitava, e nós fizemo de modelo pra faze as briga, hoje tem aqui, mas não foi fácil pra te uma escola em área rural, que você estuda até a oitava série, nona série... sei lá como funciona hoje, porque é foi muito difícil. Então, é nosso direito, mas eles não dão o direito que você tem; faze luta, é interessante você percebe, quem parti, pra faze vale seu direito, você vira na concepção dos que não querem faze nada, você vira o agitado do bagueio. Mas, tipo assim, te aula de até a oitava série aqui, foi agita as coisa? Foi faze vale o que é direito ué, hoje você sai daqui ô... a minha muié estudo o último... seis... o nono ela fecho, se ela quise faze faculdade, fez aqui, até que não tem aqui, tava dois ano indo pra rua. Ilude a sociedade, mas saúde, educação, é liberado por cabeça de pessoas que tão envolvido, no caso do município, pelo senso, por que que não funciona nenhum? você luta pelo seu direito, tai minha muié pra faze faculdade, acabo os último três ano aqui, dois ela foi na cidade, imagina o drama, que tipo assim... onze, onze, dez e meia podia ta aqui, igual ela, quando tava indo na cidade, era uma e meia que tava aqui. Então, por que

eles que facilita a vida do povo, tem que perde sono, sofre, “parará”, mas é uma forma do povo recada mais. (Antônio, Sul Bonito, 2015)

A conquista do lote não representou o fim das conquistas, mas sim o início de todo o processo de reinserção à sociedade, desta forma se objetiva melhores condições para esta população assentada, a partir da reivindicação de construção de escolas, postos de saúdes no interior dos assentamentos.

Estas se tornaram necessidades básicas para os assentados pela distância em relação a cidade que em Sul Bonito é representada por 25 Km, assim como muitos empasses com lideranças políticas para a conquistas destes.

O processo de conquista da reforma agrária ganhou novos campos e, desta forma, a maneira de se efetivar mudou de foco, as lutas são mais direcionadas às manifestações. As ocupações passaram a ter menor destaque. O Sr. Antônio conta:

O que houve nesse período! O MST ta fazeno a luta sistemática hoje, tipo assim, o MST confronta com a lei hoje, aprovada, registrada. Fica ocupando terra, tipo assim, se você tem objetivo naquela terra, você não vai consegui, porque tem dois ano pra vistoria, e é lei hoje, certo. Então, o que que o MST tem feito esses último tempo? Fazeno lutas sistemática, tipo assim, se eu tenho objetivo naquela área ali, eu não vou entrar nela. O MST hoje, partiu pra ofensiva pra aquilo que é ilegal a nível de Brasil, esse rolo dos transgênicos aí, foi posto a goela baixo no povo, enganado. Então, foi uma ofensiva das produtoras de semente, como tem essas produtoras de semente, e isso sem pergunta o que fazia mal pra saúde, tão começando vê, tão começando a discuti convencional agora, então, até a agro... agro ecologia, porque viu que vai mata... parte do povo, eles se organiza pra mata nós, e vai mata pela alimentação, sabia? Como eles não puderam na política, eles vão mata nós pela alimentação. Por quê?... porque vai... sumindo a agricultura familiar, e se nós parti pra política, desenha aí a nível de Brasil, a nível de mundo, vai chega uma hora que não vai te mesmo pra produzi, sabe por quê? Porque não vai te a semente, eles vão extingui, com as política que eles crio, né. Então, tem toda uma ofensiva, o MST, ta fazeno o quê? Onde vê que tem focos, onde não foi bem discutido com o povo, vai lá, vai lá e vai pra riba, entenderam. Mas, aí, na visão do povo, “Ah, mas gastaram tantos anos nisso aqui.” Mas não provado nada e nem discutido com o povo, até aonde aquilo vai faze bem pro povo, não é agora pra mim e pra você, é pra geração futura, certo, é pra geração lá na frente, mas como você vê na televisão, como é que se ouve, é um bando de bagunceiro, como que pode. (Antônio, Sul Bonito, 2015)

Os tempos são outros e desta forma a maneira pela qual se busca a conquista de algo deve mudar. Desta forma o assentado Antônio argumentou sobre o foco do MST hoje, em que as lutas são mais direcionadas.

O campesinato tem representado não apenas uma policultura, mas uma produção com menor concentração de agrotóxicos e utilização de sementes crioulas, para que se consiga fugir da transgenia, que tem prejudicado o meio ambiente, como também diversos fatores prejudiciais à própria saúde; e que, geralmente, está situada nos latifúndios representados pela monocultura. O Sr. Antônio argumenta que:

A transgenia é tão grave que você não consegue perceber.... Não, mas o milho é transgênico. A ração que o frango comeu, o frango que você compro lá no mercado, o frango comeu aquilo lá, não pesquiso se faz bem pra saúde, ou não, antes de por, você sabe o que foi pnhado junto, se ele resiste o Randapi, só que ele é polêmico. Pro porco, só que é gostoso a carne, mas a ração, quais foram os alimento que foram pro alimento do porco? Entenderam. Tá, mas ... a soja, tal tal ... você faz comida. Você não consegue mais cria o porco caipira, a comida fico mais cara do que cria ele, mas vamo vê, quem tem... O porco caipira deixa de ser caipira também porque você vai usa o milho transgênico que tá cheio de hormônios e tal que vem no produto, vocês entenderam como que é grave, então tá. Só que essa lógica foi explicado... e convence a sociedade. O que que convence a sociedade? O meio de comunicação, se fala dez vez barbaridade, viro verdade, mas nada é aquilo lá, que eles tão perdendo o controle viu, transgenia era pra controla aquela largata lá, algumas região não tão controlando, mas eles vão perde o controle. Mas, algumas variedade de semente durante esse período já eliminaram, mas aquilo é mais uma ofensiva lucrativa a nível de mundo, as pequenas e grandes empresas, elas tão se unificano, tão tirando o nome, e se unificano em um só, um comprando, pra manipula todo esse setor, a cadeia de semente, os frigorífico vai se assim também no abate, o que num for forte, quebra o outro, manda a nível de mundo. (Antônio, Sul Bonito, 2015)

Nos assentamentos ainda se reproduz a ideia de uma produção com menor utilização de agrotóxico, com uma maior valorização do produto saudável, que tem obtido destaque em meio a sociedade, por uma produção mais limpa. Desta forma Antônio contrapõe a transgenia como uma produção que tem prejudicado o meio ambiente.

Atualmente por ainda estarem militando por uma melhor qualidade de vida, os camponeses ainda são discriminados pelo simples fato de estarem apoiando o MST, assim como

outros movimentos, sociais, fato este que se associa a baderna e destruição, sobre este aspecto o Sr. Antônio descreve que:

Na impressão assim, destruiu coisa lá assim, em determinado lugar. No final, eu escuto e vê o povo faze, entenderam... Aqui é uma ala da cidade, às vezes você vai lá pra tenta. Um pouco pra dá uma provocada em nós, porque eles sabe como que foi pra consegui a terra, “Você viu o que que aquele povo do MST tá fazeno”, eles, se eles estão fazeno, eles sabem o que tão fazeno, eu não entro muito nesse debate. Assim, porque com você tamo sentado aqui, e é preciso em algum lugar senta e conversa, você tem que faze o chamado jogo de cintura, mas na realidade o que eles tão fazeno, na concepção de estudo e na concepção de pessoas, e de ser humano pro futuro, ta correto. Que tem uma série de coisa que o agronegócio e a política do grande, desenha, nada mais é pra eles te lucro a mais, porque aquele rolo da semente, extermina o monte das outras semente, quem vai te o controle? ... Então, vai chega a hora de eu quere planta o feijão, de aqui se eu não me cuida, fi, de eu te nem mais a semente, mas nem querendo, sabia? E se tive, eu não posso compra dos preço deles. (Antônio, Sul Bonito, 2015)

Todo processo de luta tem seus prós e contras e no caso do campesinato não se difere, a militância em movimentos sociais ainda tem gerado preconceito por uma parcela da sociedade, que é insensível às necessidades dessa parcela da população que está em busca de melhores condições de vida.

Os camponeses de Sul Bonito destacam a sua preocupação com o avanço da monocultura e a degradação ao meio ambiente, assim como a despreocupação por parte dos latifundiários, sobre esta temática o Sr. Antônio discorre:

Fora as outra lógica, a outra lógica, os cara ta pensando no momento, de como eles vivem bem no momento, tem ala do ser humano hoje, que não está pensando nem no bem estar do filho dele, se não de pra sobrevive aqui que vão pra outro pais, eles tão capitalizado pra isso, sabia. Então, aqui é usufruir tudo de bem. O outro lado, e nós tem que sabe de contra ponto. Da natureza, eu tô lá e esse rio vai seca, se secar aqui, eu vou pra onde tem, o cara tá capitalizado, tá perseverando. Em relação as área, se vai degrada ou faze erosão, não tô ne aí, se vai envenena lá água que se vai fica aqui bebendo, tenderam. Então, é a política do que em termo de produção hoje, ela vai muito contra, vai... que algumas política elas são necessária, e algumas coisa também não vai dize que você vai muda e deixa do povo usa, não vai, ninguém vai atravessa. Que o avanço que vem, ele caminha um pouco pra isso, ta, mas ele é contraditório, é só nós pega aqui a tecnologia. Fui num lugar esses

dias e fiquei uma hora pra me atende e duas hora esperando entra no sistema o negócio, entendeu. Então, isso pode dá um pane, uma hora, de cinco, seis dias, dependendo do que você vai faze, sabia? Porque o avanço é muito grande, então o sistema está congestionado, sumiu, então você vai te que i outro dia, então ela, ela pode avança além do normal essas coisas, então vai dando, vai dando pane, então tem várias coisas que nós não conseguimos entende né. Esses dias fui na cidade, eles disse “Purpurina, você viu o que tá virano a energia”, pois é né cara, nem choveno tá, tendeu, que a única coisa que gira energia é isso, mais nós viu varia saída ali, mas a saída do momento das coisas, vocês perceberam que até o avanço da política das coisa, ela não foi muito pra pequeno, ela foi, vai sendo pra pequeno a medida que vai andando, eu só peguei um exemplo, veja só o exemplo : essa geladeira véia que eu tenha aqui ô, quando eu comprei ela, eu tive quase que acaba com que tinha, sabe, a máquina que a muié tinha, foi dois mil e setecentos, hoje compra por mil e pouco, entenderam como que é diferente, como que é a coisa, ela é contraditória, no primeiro momento que a política foi feito lá, não foi feito muito pra mim, pra mim chega, eu tive quase que acaba com o resto que tinha, hoje ela resolveu subi, e o povo não conseguiu entende ainda, fico apegado no barulho da gasolina e não sei no que. Só que aquela época tinha gasolina boa, só que nem carro tinha, então hoje tem o carro barato e fica questionando cara, você entendeu como que é contraditória, então você levanta, três ano atrás, ele não tinha nada, nem o carro pra por gasolina e nem a moto, que também não tinha. (Antônio, Sul Bonito, 2015)

Prosseguindo com a discussão, o Sr. Antônio alega que a economia de policultura e a produção de leite estão presentes em quase todos os lotes dos assentamentos e se tornou uma estratégia de territorialização e conquista para o camponês. Por sua vez, a produção leiteira ganha maior destaque, no entanto, a principal razão de adotarem essa atividade está no fato de garantir uma renda mensal, ou seja, representa a garantia de entradas monetárias mínimas a cada mês, de modo que é possível assumir compromissos de despesas no período com certa segurança. De forma complementar, mas não menos importante, é a possibilidade de vender os bezerros a cada ciclo produtivo. Além disso, é uma atividade de baixo risco, não há perda total, a comercialização é garantida e, mesmo com as oscilações de preços, apresentam certa previsibilidade.

A pecuária leiteira no campesinato ganha expressão enquanto parte da manutenção do modo de vida do camponês e lhe confere sua subsistência, aspecto este representativo não apenas no assentamento Sul Bonito, mas também em contextos mais amplos ao que concernem tais

meios de produção e subsistência. Este tema será mais bem desenvolvido e descrito no próximo capítulo deste trabalho.

3. A ECONOMIA E AS RELAÇÕES TERRITORIAS EM ITAQUIRAÍ-MS, ASSENTAMENTO SUL BONITO.

Desde sua origem o homem teve a necessidade de se alimentar para sobreviver e sempre buscou meios de adquirir recursos alimentícios. No início o homem era coletor, retirava da natureza o que lhe era favorável, todavia, com a escassez destes recursos foi necessário dominar algumas técnicas como, por exemplo, a agricultura.

Hoje, nos deparamos com uma economia capitalista em que rege a lei dos “mais qualificados”. É nesta perspectiva que relacionamos o mundo camponês que contrapõe a lógica mercadológica capitalista e, desta forma, contesta a lei de que apenas os mais fortes sobrevivem, e assim ressurgem um novo modo econômico, porém não muito distante do mundo capitalizado. Esta ideologia desenvolve-se de acordo com a terra que tem representado fonte de vida e/ou comida como argumenta Almeida:

É também a terra como fonte de comida, enquanto produção e consumo, que tem marcado a separação entre camponeses e capitalistas, pois os primeiros precisam dela para reproduzirem-se como camponeses, e os segundos, para explorarem o trabalho alheio, para especulação e acumulação (ALMEIDA, 2008, p. 286).

Destaca-se, neste capítulo, uma análise da produção capitalista e outra da camponesa, esboçando um paralelo. Também se pretende argumentar sobre a economia de policultura e a produção leiteira, em especial o leite que é produzido no assentamento Sul Bonito, em Itaquiraí-MS, tendo em vista que esta produção é derivada por traços camponeses. No entanto, ao entrar no circuito, ou seja, quando comercializado e seu destino torna-se a indústria, este leite passa a aderir traços capitalistas.

A produção de leite no Brasil e Mato Grosso do Sul é relevante para o entendimento de Sul Bonito. Junto a essa produção tipicamente camponesa, destaca-se os trabalhos realizados pelo MST, movimento que organizou os assentados em Sul Bonito na conquista da terra. Neste contexto, não se pode esquecer os projetos destinados a esta produção, que são considerados de muita importância para os assentados, no que condiz ao processo de produção e trabalho na terra.

Os projetos possibilitam aos assentados uma importante melhora do rebanho e da produção, além da aquisição de tecnologias que auxiliam na coleta e armazenagem do leite. Eles

também se destacam por viabilizarem a realização de minicursos que contribuem para a aprendizagem do assentado, são temas que tratam desde inseminação artificial, melhoramento genético, plantação de capins, cana-de-açúcar e milho para silagem.

A posse do lote significa para o camponês um novo modo de vida, mas há a necessidade de se produzir e, dessa forma, destaca-se a policultura praticada na propriedade camponesa aderida à mão de obra familiar. Assim, a produção leiteira é a principal fonte econômica no assentamento Sul Bonito, além de ser ponto central desta policultura, também tem contribuído para a permanência deste indivíduo no campo.

No assentamento se produz hortaliças, verduras, leguminosas; também possuem aves e suínos para o consumo, além do rebanho bovino, que é destinado tanto para o consumo quanto para a produção leiteira. A piscicultura também está presente no assentamento. Toda produção tem papel importante para manutenção do modo de vida camponês, porém é o leite que se destaca, pois possui renda mensal que, desta forma, garante um rendimento por mês e o assentado pode adquirir o que não é produzido no assentamento. O leite ainda é destacado como essencial, pois é ele quem paga as contas, além de ser o meio mais rentável e produtivo no assentamento, como será explicado a seguir.

3.1 – HISTÓRICO DA PRODUÇÃO LEITEIRA NO MATO GROSSO DO SUL

No território que o homem se fundamenta, constitui a sua territorialidade. A base de sua família depende deste pedaço de terra para sobreviver. E a partir da terra propriamente dita que o homem retira o sustento de sua família. É o solo que garante todos os recursos para matéria prima, na construção de casas/moradia.

Toda a produção tipicamente inserida no campesinato se destaca por ser camponesa, porém ao sair da propriedade entra no circuito capitalista e desta forma é contabilizada no contexto de mercado. É neste sentido que destaca-se em especial a produção de leite no assentamento Sul Bonito como parte do processo de resistência camponesa para permanência no lote.

O leite se tornou um dos produtos mais utilizados na mesa da população brasileira. De acordo com Vilela (2002), nos últimos 30 anos a produção de leite no Brasil aumentou 288%,

passando de 8 bilhões de litros em 1974 para 19 bilhões em 2008. É responsável por 54% dos empregos gerados na economia, movimentando 27% do Produto Interno Bruto - PIB.

Esta atividade passou a ter importância econômica e social, principalmente no que se refere à ocupação da mão-de-obra familiar. Dessa forma, Guanzirolí e Cardim (2000, p.74) argumentam que “a pecuária leiteira passou a ser desenvolvida em 36% dos estabelecimentos familiares do Brasil, o que corresponde a aproximadamente 1,5 milhões de estabelecimentos”.

Na década de 1980, a produção de leite no Brasil passou de 11,2 para 14,1 bilhões de litros. Na década de 1990, a produção passou de 14,5 para 19,0 bilhões de litros, correspondendo a um aumento de 4,5 bilhões de litros nos anos extremos da década. De 1990 a 2000, a taxa de crescimento da produção de leite foi de 3,19% ao ano. Nesse período, houve aumento da produção per capita, visto que o crescimento da população foi inferior a 2%.

A produção de leite cresceu a uma taxa média de 4,5% ao ano, passando de 15,6 bilhões de litros, em 1993, para 22,6 bilhões de litros, em 2002. O Brasil é o sexto maior produtor de leite, com um volume que corresponde a aproximadamente 4,5% da produção mundial.. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, os estados que mais produzem leite são, respectivamente, Minas Gerais, Goiás, Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Segundo dados levantados pelo IBGE, a atividade leiteira no Estado de Mato Grosso do Sul pouco se alterou nos últimos anos; e, em 2005, o Estado passou a ser o décimo primeiro colocado na produção leiteira do País.

A necessidade de especialização da atividade leiteira praticada no Mato Grosso do Sul traz consequências negativas para a cadeia produtiva do leite no Estado, como a alta sazonalidade de produção de matéria-prima para a indústria de laticínios, dificuldade de gerenciamento e planejamento da produção pecuária e industrial.

Mato Grosso do Sul tem relevante potencial para o desenvolvimento da pecuária leiteira em sistema de pastagem do país, terras propícias, clima favorável e disponibilidade de grãos e subprodutos para alimentação do rebanho, fatores que o credenciam a produzir leite com elevada competitividade. Segundo Fernandes e Gomes (2001, p. 27):

A pecuária leiteira no Estado de Mato Grosso do Sul é uma atividade complementar à pecuária de corte, sendo 70% do leite produzido proveniente de

rebanhos não especializados, de aptidão mista ou de corte e conduzida principalmente de maneira extensiva.

O município de Itaquiraí é o 29º no ranking do número de vacas, com 6.240 ordenhadas por dia e 39º em produção de leite, perfazendo 4.430 mil litros de leite/dia no estado do Mato Grosso do Sul.

Neste contexto histórico da evolução da produção do leite no Brasil e Mato Grosso do Sul observa-se a importância de tal produção no campo, o que envolve a reprodução do campesinato. É a partir da produção de leite que os camponeses de Sul Bonito conseguem se garantir no contexto socioeconômico, partindo de uma produção camponesa que garante uma renda mensal às famílias e à manutenção da propriedade.

A produção leiteira no assentamento Sul Bonito faz parte da policultura e representa uma produção não capitalista, ou seja, no interior do assentamento essa produção é camponesa. No entanto, quando essa produção sai do interior do assentamento, torna-se capitalista, porém é um atributo de manutenção da resistência no campo e garantindo a subsistência, em um processo social contraditório.

3.2 – O ASSENTAMENTO E A ORGANIZAÇÃO JUNTO AO MST NO CONTEXTO DO CAMPONÊS EM ITAQUIRAÍ-MS

Os assentamentos reúnem aspectos importantes: a família, o trabalho, a produção e as tradições culturais, elementos bases e estruturais das relações desempenhadas no campo, em se tratando da filosofia camponesa e sua relação com a terra. Portanto, pode-se entender que aquele sujeito que, ao mesmo tempo é proprietário, assume os trabalhos no estabelecimento. Essa classificação é independente da área disponível para cada produtor, da renda obtida na atividade, do nível tecnológico praticado ou mesmo do destino que a produção recebe. De acordo com Martins:

Como classe social, o campesinato é classe em si, que nessa condição pode ser observada objetivamente. Ela se manifesta como classe social de um ponto de vista puramente externo, a partir de suas formas convergentes de produzir e de se relacionar com seu principal instrumento de produção, a terra. Como classe social em si, pode ser observada sociologicamente e pode ser compreendida politicamente, na sua contraditória inserção no processo social e histórico. Ela

se manifesta como classe, também, por sua capacidade de questionamento histórico e político implícito na expansão capitalista, especialmente sua expansão territorial (MARTINS, 2002, p.100).

A agricultura familiar é uma forma de produção em que o núcleo de decisões, gerência, trabalho e o capital é controlado pela família. Em geral, são produtores com baixo nível de escolaridade que diversificam as atividades para aproveitar as capacidades da propriedade, potencializando a mão-de-obra disponível e aumentando a renda.

Apesar da importância social e política da reforma agrária, não se deve perder o foco de tornar viável economicamente os assentamentos rurais. Assim, é necessária a construção de um modelo de desenvolvimento rural, no qual a pecuária leiteira assume papel importante, pois é a atividade mais representativa em termos de renda para os agricultores familiares, correspondendo a 13,3% do Valor Bruto da Produção total dos agricultores familiares. Principalmente visto do ângulo dos camponeses assentados em Sul Bonito, objeto de estudo desta pesquisa.

Mesmo após a conquista da terra de assentamento, os sem-terra são considerados pertencentes ao MST, quando surgem os primeiros passos na organização da produção. O território dos acampamentos e assentamentos é de fundamental importância na construção de alternativas produtivas, quando surgem diversas propostas produtivas, como é o caso das cooperativas, coletivas ou familiares, núcleos e grupos de produção e agroecologia. Nesta, os assentados visualizam uma organização para produzir alimentos saudáveis para a família e, principalmente, para o mercado local, colaborando com o suprimento de alimentos diversificados na comunidade local.

Os trabalhos associativos são operacionalizados de diversas formas (grupos coletivos, núcleos, cooperativas, etc.). As Cooperativas de Produção Agropecuária - CPA, em que são coletivizadas terra, trabalho, gestão e meios de produção, foram muito estimuladas na década de 1990 pelo MST, mas tiveram dificuldade de se reproduzir nos assentamentos, fazendo o movimento rever suas propostas de produção entre os assentados. Fabrini considera que:

As cooperativas são concebidas pelo MST como uma forma de integração do assentamento no mundo da mercadoria. Entretanto não é uma luta para se integrar ao mundo da mercadoria em si, tornando mais um capitalista, mas para superar as relações de dominação engendrada no processo de acumulação de

capital. Assim, o MST acredita que se podem criar condições favoráveis para a luta e superação das relações de dominação capitalista (FABRINI, 2003, p.10).

A cooperação agrícola nos assentamentos se destacou como a melhor forma de organização econômica dos assentados para a sobrevivência no meio capitalista. Assim, é relevante descrever todo esse processo, destacando o MST como o movimento central desse tipo de organização. O MST, com o surgimento dos primeiros assentamentos no ano de 1989, buscava uma política cooperativista no campo, com abrangência, a partir do gradativo aumento do número de assentamentos rurais.

A cooperação agrícola é entendida pelo MST não apenas como possibilidade da concentração de capital, de mão de obra e de meios de produção nas mãos dos sem-terra, mas como a principal forma de se conquistar a reforma agrária e transformar a sociedade, que passa a atuação por meio da luta política. Grzybowski afirma que:

Nesta perspectiva, os trabalhadores rurais, fazendo diferentes movimentos, forjam-se a si mesmos como sujeitos diferentes, membros de grupos sociais determinados, com linguagem e identidades sociais próprias. Enquanto espaços de socialização política, os movimentos sociais permitem aos trabalhadores: em primeiro lugar, o aprendizado prático de como se unir, organizar, participar, negociar e lutar; em segundo lugar, a elaboração de identidade social, a consciência de seus interesses, direitos, reivindicações; finalmente, a apreensão crítica de seu mundo, de suas práticas e representações, sociais e culturais (GRZYBOWSKI, 1990, p.59).

Para o MST, a cooperação agrícola seria a agricultura da divisão social do trabalho de forma cooperada, juntando e somando os esforços de cada assentado para realizar as atividades em conjunto, como comprar e utilizar ferramentas, máquinas até a terra disponibilizar trabalho e capital em conjunto (MST, 1997, p. 21). A cooperação é uma resistência ao processo de exploração e expropriação que surge com o processo capitalista no campo, sendo visto pelo MST a partir do sistema econômico, político e social (CARVALHO, 2002).

Na questão econômica, tem-se a necessidade de capital constante e do aumento da produtividade e da divisão do trabalho, além da introdução das tecnologias no processo produtivo. Na questão social, observa-se a necessidade do bem estar dos assentados em moradias, energia elétrica, água encanada, educação, saúde, transporte coletivo e lazer. No que se refere à questão política, surge a resistência à exclusão do sistema capitalista, formação de militantes e dirigentes (MST, 1998).

O movimento estimula a cooperação agrícola nos assentamentos por meio de orientações organizadas por suas lideranças, formação de grupos e associações para a prestação de serviços, como a utilização de máquinas e implementos agrícolas, comercialização de produtos e a realização de hortas comunitárias. Entre os anos de 1979 a 1984, conforme o MST, foi o período de cooperação, destacando-se pela forma dos assentamentos sobreviverem a partir da terra conquistada. (MST, 1998)

Em outro período, que durou de 1985 a 1989, novas ideias sobre a cooperação foram feitas, surgindo os primeiros ideais relacionados à organização dos assentamentos e da produção, por consequência do número de assentamentos. Nessa fase solidifica-se a ideia da cooperação como uma forma de desenvolvimento econômico e social nos assentamentos, sendo organizado através de mutirões e das CPA's. O MST teve a preocupação de garantir a reprodução econômica dos camponeses pela adoção de formas associativas que atuassem diretamente na comercialização, compra de maquinários, implementos, insumos agrícolas e venda da produção. (MST, 1998)

O período que durou de 1990 a 1993 foi uma conjuntura política junto ao governo Fernando Collor de Melo, a organização da produção se destacou por ter um papel político e organizativo dentro dos projetos estratégicos do MST, foi o processo de afronta e resistência pela terra.

A cooperação agrícola, para os assentamentos, desenvolvia-se de forma não empresarial de organização da produção, com base na coletivização dos meios de produção; formando, neste período, as primeiras CPA's, que tornaram-se modelos de produção e de cooperação. Nesta época, consolida-se nos assentamentos o Sistema Cooperativista dos Assentamentos - SCA, que tinha a função de organizar as atividades no interior dos assentamentos, relacionando a produção, a assistência técnica, o cooperativismo, a moradia, a infraestrutura social, a busca de recursos públicos para os assentamentos e para as famílias assentadas. As SCA's têm como principal objetivo a eficiência econômica como forma de viabilizar as lutas nos assentamentos.

Foi fundada, em 1992, a Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária - CONCRAB. Ocorre a viabilização dos assentamentos, com objetivo de planejar a produção e aquecer o mercado interno em longa escala, além de buscar recursos, tecnologias e planejar a produção agropecuária. Todas as cooperativas, a partir da fundação desta Confederação,

deveriam se subordinar a ela, da mesma forma que todos os assentamentos deveriam ter a base do MST no seu processo de organização.

Em 1994, as CPA's entram em crise e, neste ano, acontece o I Seminário Nacional sobre as Perspectivas da Cooperação Agrícola nos Assentamentos, em que se discutiu a direção da cooperação agrícola nos assentamentos. O sistema coletivo de produção necessitava ser repensado enquanto alternativas de organização da produção para as famílias assentadas. As cooperativas estavam passando por dificuldades relacionadas à inserção da produção no mercado que garantissem a sobrevivência dos assentados e a manutenção da mesma.

Em 1996, a SCA iniciou o debate sobre a massificação da cooperação agrícola, criou-se, neste momento, as Cooperativas de Prestação de Serviços - CPS, desta forma, implantou-se o cooperativismo com vínculos mais inóspitos entre os assentados e o MST, conciliando os interesses coletivos aos interesses individuais (FABRINI, 2002).

Neste mesmo ano aconteceu o II Seminário Nacional sobre as Perspectivas da Cooperação Agrícola no MST, que propôs os desafios de organização da produção, massificação da cooperação, trabalho ideológico permanente, garantia do direcionamento da política nas regiões e como os assentamentos iriam contribuir com a estratégia do movimento.

Sobre a formação de cooperativas Fabrini e Roos argumentam que:

A organização da produção em cooperativas também se constitui numa prática dos camponeses garantir sua existência e manutenção da terra. Tais experiências cooperativistas surgem a partir da ação e tensões dos movimentos sociais. (FABRINI, ROOS, 2014, p.42)

As variadas formas de organização em cooperativismo, de acordo com o MST, citado por Fabrini (2002) podem ser:

- a) Troca de Serviços como a forma mais simples de cooperação agrícola. Acontece entre os assentados de forma individual, podendo ser entre vizinhos, parentes, para realizar a capinação, o plantio, a colheita, promovendo a união entre as pessoas. Destaca-se como simples, por não ter a divisão social do trabalho, constituindo-se de forma rápida ao se realizar o trabalho, quando determinada família não possui força de trabalho suficiente.
- b) Os Núcleos de Produção são experiências organizativas que direcionam os assentamentos. Os grupos familiares estão estabelecidos individualmente, com

dificuldades de desenvolver formas associativas mais destacadas. Esse se baseia na fusão de algumas famílias, a partir da proximidade, parentesco ou linha de produção, com fins de organizar a produção de determinada cultura.

- c) As Associações podem ser de vários tipos, para a aquisição de animais, máquinas ou implementos agrícolas, transporte, comercialização, benfeitorias, representação política de todos os assentados. É formada por pessoas que se organizam em conjunto com a finalidade de prestação de serviços. Seus associados estabelecem uma forma de administração do instrumento de produção para o conjunto de benefícios e da sua utilidade, é predominante o trabalho familiar.
- d) Os Grupos Coletivos é um sistema organizacional do trabalho e da produção familiar, consiste na gestão do processo de produção coletiva. Nesse sistema de organização não se estipula um número máximo de participantes, pois não é necessária a legalização, o título da propriedade da terra permanece no nome do assentado, onde apenas uma parte do lote é dedicada à subsistência. O planejamento da produção é estabelecido a partir de reuniões entre os sócios.

Segundo o MST (1998, p. 14), “os grupos coletivos representam um passo a frente na organização da produção familiar, pois já exige um grau de consciência mais elevado por aglutinar pessoas ou famílias que já estão dispostas a organizar o processo de produção coletivamente”.

- e) Na cooperação dos Grupos Semicoletivos, apenas uma parcela do lote é destinada para o uso coletivo, a outra parte é dedicada de forma individual.
- f) As Cooperativas de Prestação de Serviços - CPS é uma organização baseada em um ou mais assentamentos de um mesmo município, tem a finalidade de organizar o processo de compra e venda da produção e de bens de consumo entre os associados, mesmo que ocorra a formação da agroindustrialização para o beneficiamento da produção do assentamento. As CPS definem as linhas de produção a serem desenvolvidas, elabora projetos da produção direcionada a cooperativa, oferece assistência técnica para serviço de máquinas e capacitação técnica dos assentados.
- g) As Cooperativas de Prestação de Serviços Regionais - CPSR é uma CPS que abrange uma área maior, ou seja, vários assentamentos em uma dada região, esse tipo de cooperativa atua na área de comercialização da produção e dos insumos agrícolas, no

beneficiamento, na assistência técnica e na organização da produção.

- h) As Cooperativas de Créditos são testadas pelo MST, tem por finalidade fazer com que ocorra a circulação do capital financeiro dos assentamentos, facilitando o acesso ao crédito. Estas fazem o direcionamento dos recursos que estão disponíveis para financiamentos.
- i) As Cooperativas de Produção e Prestação de Serviços - CPPS são entendidas como sistema de tramitação entre uma cooperativa de comercialização, prestação de serviços e a cooperativa de produção agropecuária, quando tais cooperativas se unem organizando a produção e sua atividade é que se forma uma CPPS. A terra é de propriedade do coletivo, uma área de produção coletiva ou a cooperativa se apropria da terra em que se situa investimentos coletivos, as atividades são realizadas pelo trabalho coletivo.

As CPA's tratam de um sistema superior de organização. São organizadas a partir de estrutura permanente e por setores de produção e serviços. Constitui-se como uma empresa de produção, gestão e de trabalhos coletivos. Uma pequena parte é destinada a subsistência do associado, o planejamento do sistema produtivo é realizado coletivamente e baseado em técnicas que definirá a linha de produção. O trabalho destas é organizado em setores a partir da divisão técnica do trabalho, determinada pela atividade produtiva desenvolvida.

O movimento estimulou as mais variadas formas de cooperação nos assentamentos, as CPA's sempre foram consideradas como a principal forma de organização econômica, social e política no assentamento. Elas são determinadas pelo MST como uma forma de integração do assentado ao mundo da mercadoria. Não é uma luta para se integrar à produção de mercadoria em si, tornando o assentado mais um capitalista, mas para superar as relações de dominação engendradas no processo de acumulação de capital. (FABRINI, 2002).

Em 2002, ocorreu a construção do Setor de Produção, Cooperação e Meio Ambiente em substituição ao Sistema Cooperativista dos Assentados - SCA. Setor pela qual a CONCRAB responde juridicamente pela sua atuação, Frente da Cooperação Agrícola e Cooperativas; Frente da Organização Social da Base (Articulação dos Assentados); Frente da Assistência Técnica e da Produção; Frente de Formação e Capacitação e Frente do Meio Ambiente e Pesquisa Agropecuária, as quais se apoiam e se sustentam mutuamente.

A comunidade dos assentamentos deve ser um espaço de desenvolvimento de toda família, um espaço de resistência à exploração, de convênios e da política e da prática da solidariedade. Stedile afirma que:

As cooperativas não devem se organizar apenas com objetivos econômicos, mas também com objetivos políticos, de longo prazo, que permitam conscientizar os trabalhadores para fortalecer as suas lutas, tendo em vista a transformação da sociedade. (STEDILE, 1991, p.146).

No assentamento Sul Bonito, há a organização de uma cooperativa, COOPERLEITE, que busca convênios com laticínios da região e garante a venda da produção. Esta, com seus associados, obteve a aquisição de resfriadores com a capacidade para até dois mil litros de leite, o que garante a armazenagem do leite. O assentado Sr. Darci (2015), de Sul Bonito, relata:

Tem bastante organização que nós participa. No meu caso, eu participo da associação do assentamento, ASSOCIAÇÃO 24 de JUNHO, no grupo aqui de assentamento, é no grupo sou presidente da COPASIL, participo da... da Cooperativa regional; chamada COPRESUL, então em termo de sócio, de... aí na questão do leite, nós participamo da... da... da associação do Indáia, que é a associação da Prime, que mexe mais na questão econômica de produção né, caminha a venda do... do leite. (Darci, Sul Bonito, 2015)

Estas cooperativas tem representado para o assentamento uma maior autonomia sobre sua produção e modo de produzir, e oferecem condições para os camponeses se organizarem a fim de obter melhoria para a comercialização de seus produtos e aquisição de utensílios e maquinários como suporte ao seu modo de produção.

Ao tratar de filiação ou aproximação a algum movimento social ou organização, foi relatado nas entrevistas que tiveram a aproximação com o MST durante o acampamento, momento em que se buscava organizar as famílias até conseguirem chegar a terra. Posterior ao assentamento, os assentados tomaram a decisão de se filiarem e criarem associações, tendo como objetivo buscar maior autonomia sobre sua produção.

3.3 – A PRODUÇÃO CAMPONESA DE LEITE E SEUS PROJETOS

O assentamento Sul Bonito é um dos mais antigos de Mato Grosso do Sul, e já foi emancipado pelo INCRA. Entretanto, algumas unidades produtivas estão à margem do desenvolvimento com uma baixa diversidade da produção, o que leva muitas famílias a dependerem de programas sociais de transferência de renda, como bolsa famílias, bolsa escola e vale gás.

Isso mostra as dificuldades enfrentadas pelos produtores no desenvolvimento de suas atividades, onde não há uma atuação ativa da reforma agrária e, com isso, não há uma sustentação efetiva que garanta a geração de emprego e renda a estes sujeitos. Dessa forma, evidenciam-se as falhas das ações governamentais referentes às questões da reforma agrária.

Neste contexto, Fabrini (2014, p.40) argumenta que “os camponeses não lutam apenas pela superação da sua dupla situação, mas para manter a sua condição de proprietário de terra e trabalhador ao mesmo tempo”. Assim, percebe-se que as lutas são essenciais para manter a autonomia do camponês enquanto proprietário e trabalhador e os projetos políticos, neste momento, tornam-se mecanismos de conquistas para o campesinato.

Em 2008, o Governo Federal lançou o plano de renegociação de dívidas do agricultor familiar para o município de Itaquiraí e para os demais municípios atingidos pelo surto da febre aftosa. O governo cedeu um desconto de 95% sobre as dívidas dos agricultores familiares. Como consequência deste processo, a maioria dos agricultores ficou livre de suas dívidas e tomaram novos créditos no ano de 2009, que oportunizou a melhoria, o desenvolvimento e a diversificação da produção.

No município de Itaquiraí há um conjunto de fatores que podem alterar a produtividade, tais como, a falta de profissionalização do produtor, assistência técnica deficitária, sistema de produção misto corte/leite, falta de organização do setor, preço baixo, surto de aftosa na região com o abate de animais em 2006 e 2007, alto índice de inadimplência quanto ao crédito rural, dentre outros.

A produção leiteira no município de Itaquiraí está fundamentada num projeto para manejo e pastagem dos rebanhos. O projeto da pecuária de leite foi construído junto a 14 comunidades, com a seleção das famílias. De início, foi realizada uma reunião apresentando-se o Plano de Desenvolvimento para a Agricultura Familiar de Itaquiraí-MS e o projeto da pecuária

de leite, com a escolha, pela comunidade, dos produtores que seriam os Agentes de Inseminação Artificial.

A Agência de desenvolvimento Agrário e Extensão Rural – AGRAER, junto à Secretaria da Agricultura de Itaquirai e os camponeses realizaram um projeto que contou com a melhoria da alimentação e com a implantação de 136 áreas de cana da variedade SP 81-3250, que apresenta alta produtividade, bom teor de açúcar e boa brotação de soqueira e pouco exigente em fertilidade do solo. Nesse projeto, a prefeitura cedeu o preparo do solo, o calcário, cama de frango, muda de cana e capim Napier, com o objetivo de criarem-se áreas de multiplicação.

Realizaram cursos de inseminação artificial em Campo Grande – MS, como mostra a Figura 5, para 36 produtores agentes de inseminação que, somados aos seis inseminadores já existentes nas comunidades de outros cursos oferecidos anteriormente, totalizam-se 42 Agentes de Inseminação Artificial. Estes se utilizam da infraestrutura fornecida pela prefeitura, aplicam e desenvolvem o projeto nos assentamentos, como agentes multiplicadores.

Figura 5 – Programa de Inseminação Artificial



Fonte: Gerência de Agricultura, Pecuária e Meio Ambiente, 2010.

Houve a aquisição de 12 resfriadores de 2.000 litros e 2.932 doses de sêmen das raças Holandês, Jersey, Guzerá, Pardo Suíço e Gir. Foram feitas 43 reuniões nas comunidades para explicar o funcionamento do programa de inseminação artificial e escolha dos locais onde ficariam armazenados os botijões de sêmen, bem como a assinatura de termos de responsabilidade. Algumas propriedades possuem resfriadores, conquistados com projetos para melhoramento da qualidade e armazenagem do leite.

Cada Agente de Inseminação Artificial, após ter realizado o curso, recebeu um kit de inseminação (25 pares de luva, 01 aplicador, 01 termômetro, 50 bainhas) e retornaram a sua comunidade, realizaram o cadastramento dos agricultores que teriam seus animais enquadrados nos critérios do programa, coletaram sangue para fazer o exame de Brucelose. Posteriormente, estes animais, ao entrarem no cio, foram inseminados com registro em planilhas de controle.

Em cada botijão há uma ficha de controle de uso, ocorre o registro das entradas e saídas de sêmen, bem como dos níveis de Nitrogênio. Quando os botijões necessitam de recarga, os técnicos responsáveis do programa são acionados e esses, por sua vez, são recarregados.

O Projeto de Desenvolvimento da Bacia Leiteira no Município de Itaquiraí – ITAQUILEITE – foi realizado nos assentamentos: Indaiá, Sul Bonito, Aliança e Lua Branca, no período de fevereiro de 2010 a dezembro de 2012, houve a aquisição de ordenhas por projetos vinculados e atribuídos à produção leiteira. O projeto tem como principal objetivo aumentar a eficiência da produtividade da bovinocultura de leite, aumentando a produção e profissionalizando o agricultor familiar através de oficinas temáticas, dimensionamento de propriedades, elaboração de projetos, PRONAF e implantação de unidades demonstrativas para o desenvolvimento da produção de leite em Itaquiraí-MS.

Embora com vários projetos destacados pela Secretaria da Agricultura, AGRAER e Veterinárias do município de Itaquiraí, os assentados de Sul Bonito apresentam vários problemas relacionados a tais projetos e políticas públicas. Dessa forma, os assentados argumentam sobre a necessidade de melhor assistência técnica, de visitas semanais, palestras e cursos de aperfeiçoamento mensalmente, objetivando melhorias do rebanho e pastagens.

Existe a necessidade de auxílio à produção de projetos para a aquisição de resfriadores e ordenhadeiras, pois algumas propriedades não possuem ordenhas e resfriadores próprios. Sendo que, grande parte dos assentados não possui escolarização e, dessa maneira, torna-se difícil colocar em prática os projetos. Mesmo com projetos prontos, os assentados de Sul Bonito

destacam a demora em aprovar e regularizar os projetos de acordo com as políticas públicas, observando que ainda há resistência por parte dos camponeses assentados com governantes e capitalistas.

A organização desta classe fica evidente com a criação de associações no interior do assentamento, destacando a 24 de julho, que se articula para a aquisição de resfriadores comunitários, assistência técnica para os associados e projetos de melhorias no rebanho e produção de leite. Evidenciando a necessidade de políticas públicas a serem colocadas em prática para o dimensionamento produtivo da propriedade camponesa/familiar.

3.4 – A ECONOMIA DE POLICULTURA E A PRODUÇÃO CAMPONESA DE LEITE NO ASSENTAMENTO SUL BONITO

As forças produtivas nos assentamentos brasileiros são destacadas pela unidade familiar, que busca a viabilidade econômica na agricultura. Para entender essa diversificação econômica da agricultura familiar é importante a análise das características que envolvem cada região do país, relacionadas ao sistema de cultivo, formação cultural dos assentados e recursos, assim como a mão de obra, característica química do solo e financiamentos obtidos.

Na Figura 6, ver página seguinte, destaca-se uma propriedade camponesa podendo analisar sua territorialidade. Torna-se perceptível, através da imagem aérea, observar a policultura praticada, onde é possível avistar os tanques destinados à piscicultura, a área de pasto destinada à pecuária, a área destinada à agricultura, pomares e uma pequena faixa de área destinada à formação de plantação de eucalipto, que é utilizado na infraestrutura do assentamento.

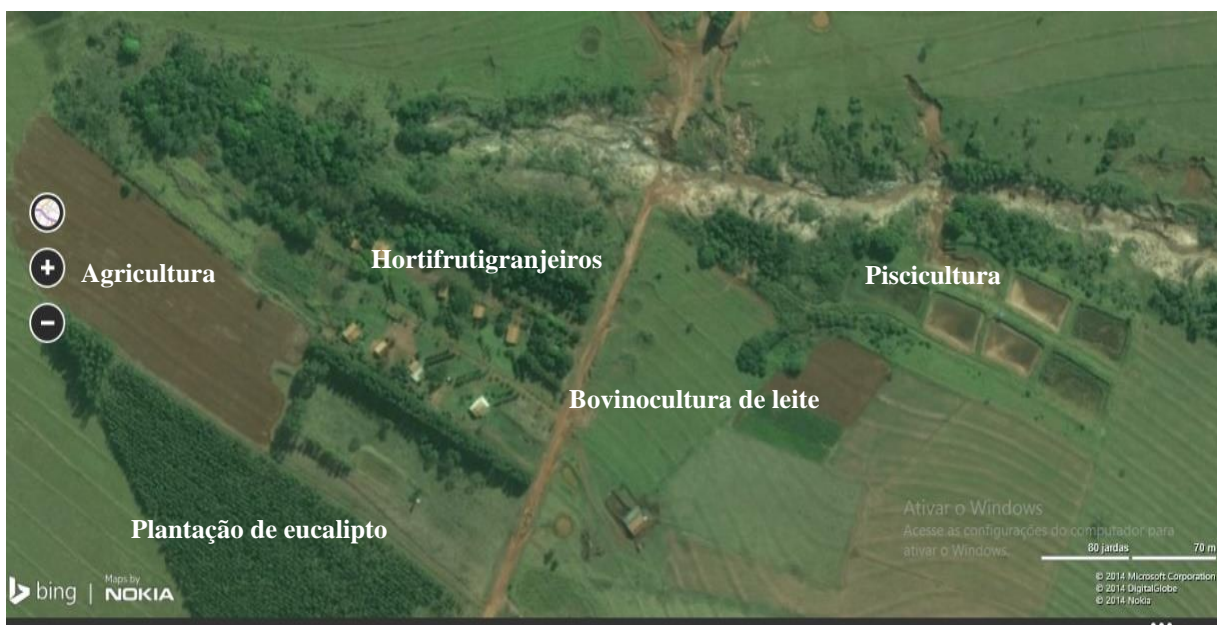
No assentamento rural Sul Bonito manifesta-se formas diferentes de produção e com características que determinam a agricultura familiar, considerando as práticas tradicionais da pecuária leiteira e agricultura. Desta forma Fabrini e Roos argumentam que:

A produção camponesa, embora incorporada a dinâmica capitalista de uma forma desigual e contraditória, não está pautada no lucro médio como os empresários da indústria, por exemplo. Uma parte da produção camponesa é elaborada e destinada ao consumo direto da família, autoconsumo e outra parte

é transformada em mercadoria no comércio dessa produção. (FABRINI, ROOS, 2014, P.41)

O estudo do assentamento Sul Bonito, em Itaquiraí-MS, onde os camponeses constroem estratégias de existência e resistência, como é o caso da produção camponesa de leite, surgiu do resultado da organização dos sem-terra. Trata-se da organização de trabalhadores despossuídos da terra que se organizaram para reconstruir a sua condição camponesa, que se difere da concentração latifundiária.

Figura 6 – Policultura praticada no grupo coletivo Chico Mendes



Fonte: Google Earth, 2015.

A produção de peixes está em desenvolvimento, gerando renda para as famílias. Essa produção é feita através das espécies de couro e escama, como a tilápia e o catfish. São realizadas duas safras anuais, sendo uma safra anual de catfish e duas safras anuais de tilápia. A produção dos peixes é entregue para a CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento, e para a AGRAER – Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural.

A comercialização feita através da CONAB exige a formulação de uma cooperativa, destaca-se a COPAVI, que é responsável pelo redirecionamento dos lucros da comercialização do peixe. Fica evidente a eficiência da Cooperativa e do governo em todo o processo de

distribuição dos lucros obtidos com a venda do peixe, de modo que todos os produtores recebem de maneira igual os lucros e, não havendo, portanto, divergências nessa etapa da produção.

Além de incentivar o melhoramento da pecuária leiteira, a Secretária de Agricultura promove formas diferenciadas para proporcionar a produção nos assentamentos. Esse investimento é realizado na forma de doação de mudas, na venda de adubos e fertilizantes a um custo menor que no mercado, disponibilizando maquinários para os produtores e auxiliando em produção alternativa para os produtores interessados e com perfil. Com isso, foram distribuídas 185 mil mudas de café e 196 mil mudas de palmito pupunha.

Há, ainda, o incentivo para a produção de hortas caseiras em parceria com o projeto Prato Cheio. Atualmente, são 20 feirantes que vendem seus produtos no município. Destaca-se também uma organização para a produção de orgânicos, que foi inicialmente proposta por assentados do Sul Bonito e Indaiá, que almejam um ponto de comercialização para esses produtos, sendo destinada para isso uma antiga escola que está desativada no assentamento Indaiá, divisa com o Sul Bonito. Esta escola será o ponto de encontro, produção e comercialização desses produtos (SILVA, 2008).

No assentamento há, também, a sericicultura, tendo sua produção destinada para a empresa Fiação de Seda Bratac S.A., com instalação de depósito em Itaquiraí e sede em São Paulo. O assentamento ainda conta com uma produção de sabão, que apresenta destaque local e está sob a responsabilidade de oito mulheres do assentamento Sul Bonito, elas criaram uma associação para produzirem produtos de limpeza, como sabão, detergentes, etc.

A produção de doce de leite da proprietária Terezinha Tavares, é outro destaque, denominada “Doces Tavares”, do Sul Bonito, surgiu de projetos que utilizam produtos à base de leite e feitos de forma totalmente artesanal. Esta produção conta com marca registrada e selo da vigilância sanitária, sendo comercializada dentro do município e enviada para outras regiões.

A produção de eucalipto está presente no assentamento, muitas famílias mantêm a produção de eucalipto nos lotes, seja para consumo próprio, como na utilização da madeira para fazer cercados e construções, seja para comercialização.

Fabrini e Roos (2014, p.39) considera que “a propriedade da terra é um meio necessário para a existência da produção, como também é a garantia de trabalho e subsistência da família camponesa”, neste contexto a propriedade da terra significa a ressocialização do indivíduo

camponês, que antes era visto às margens da sociedade e em condições precárias, acampados à beira de rodovias. Fabrini e Roos argumentam que:

Para o produtor familiar camponês, a propriedade dos meios e instrumentos de trabalho é fundamental no desenvolvimento de sua forma de trabalho. Neste contexto é possível afirmar que ele é um proprietário, sobretudo da terra, e trabalhador (FABRINI, ROOS 2014, p.39).

Essa produção camponesa se caracteriza pelo trabalho familiar (homens, mulheres, crianças e idosos) e pelos contratados. A informalidade nas relações de produção entre os membros da família, o sistema de compra e venda em conjunto são fatores importantes que caracterizam a produção camponesa no assentamento Sul Bonito. Tais fatores são aglomerados de relações estabelecidas no convívio com a terra, no sentido de produção e morada, do camponês, sendo a sua ligação com esse modo de vida o elo de sua existência e resistência em sua condição social.

As atividades de subsistência e complemento de renda no Sul Bonito ainda são a cultura da mandioca, em que a produtividade varia de 25 a 70 t/ano; o cultivo de milho, com produção de 30 a 200 sacas/ano; o cultivo de feijão, produzindo de 14 a 60 sacas/ano. O solo da região dos assentamentos é basicamente de textura arenosa, apresentando baixa eficiência na produção agrícola, o que acabou estimulando atividades como a pecuária de leite, apicultura, agricultura basicamente de subsistência, criação de animais de pequeno porte. (SILVA, 2008)

Os assentados se dedicam mais intensivamente à prática de gado leiteiro porque, segundo eles, a falta de recursos financeiros para adubar e preparar o solo para o plantio faz com que a terra fique desgastada e inapropriada para a agricultura. E, ainda, existe a questão relevante do preço baixo da produção. Então, o único caminho viável é preparar a pastagem para o gado leiteiro.

A troca de experiências e de serviços são características que determinam a produção camponesa. Existem vários meios de se extrair a renda do leite, que pode ser individual ou em conjunto, exemplificado em propriedades no assentamento Sul Bonito, no qual ocorre caso do filho possuir gado separado, sendo que o leite pode ser vendido separadamente ou coletivamente, vendido em nome de um membro da família, em geral o pai.

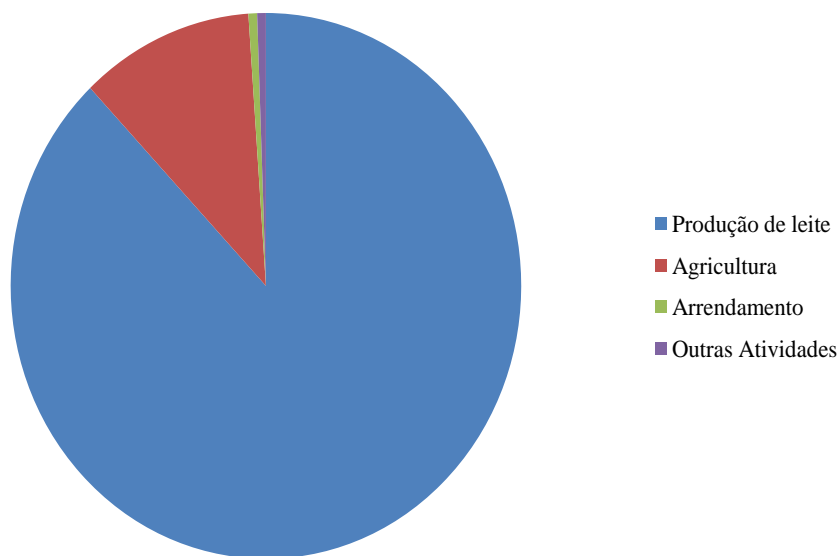
Almeida destaca a propriedade da terra como fundamental para a continuidade ao processo familiar.

Ao tornarem-se proprietário de uma parcela de terra poderiam controlar sua própria vida, vontades, desejos e anseios. Portanto, o amor a terra estava relacionado a dois fatores importantes: a racionalidade econômica e a exigência de liberdade. Para controlarem a própria vida com autonomia, a terra deveria ser propriedade familiar, particular, em que os costumes e os valores ancestrais estariam permeando e simbolizando a continuidade da família. (ALMEIDA, 2008, 188)

Toda a produtividade no lote está a cargo dos indivíduos no lote e de suas necessidades, neste sentido aparece a policultura para dar sustentabilidade a família, agindo como fonte de alimentos e renda para aquisição de utensílios que não pode ser produzido na propriedade, funcionando como importante fonte de renda.

A pecuária leiteira é uma atividade de grande importância no assentamento Sul Bonito, a produção de leite é considerada como ponto central da subsistência camponesa, como mostra o Gráfico 2, que trata das atividades produtivas no assentamento.

Gráfico 2 – Sobre as atividades produtivas no assentamento



Fonte: Silva, D. S. 2015.

O Gráfico 2 expressa a importância que o leite tem para o camponês de Sul Bonito, é produzido em 80% das propriedades, Atividades paralelas como a agricultura, suinocultura, galináceos, piscicultura estão presentes mas representam menor importância, pois proporcionam renda semestral ou anual inferior a produção leiteira.

O leite é importante para os camponeses por gerar uma renda mensal, é ele quem “paga as contas”, como relata o assentado Sr. Carlos Roberto Dias (2015), que ainda acrescenta, “se o camponês de Sul Bonito tiver uma produção de 40 a 50 litros por dia, ele come e bebe” e, assim, não corre o risco de passar por condições degradantes de sobrevivência.

A produção do leite é uma espécie de “assalariamento”, por se tratar de um pagamento mensal, de extrema importância para o camponês, por ser a principal renda é também importante suporte econômico para a manutenção da propriedade. O leite é produzido como alimento para a família, consumido cru, fervido, na forma de queijos, entre outros derivados. É produzido também para se criar bezerros saudáveis e com bom peso.

Nesse contexto, no assentamento Sul Bonito os projetos voltados para a produção de leite tornam-se importante para os assentados, que se destaca pela melhoria na qualidade e na quantidade da produção do leite. Em trabalho de campo realizado no assentamento, pode-se observar que os assentados de Sul Bonito mantêm uma média anual aproximada de 1.590 litros por produtor, dos que produzem leite no assentamento, uma produção que vem melhorando ao longo dos anos com a implantação de bons projetos destinados à produção leiteira.

O Quadro 4 demonstra a relação dos laticínios e a localização relativa à distância do assentamento.

Quadro 4 – Laticínios que comercializam o leite do assentamento Sul Bonito

Laticínio	Local / Distância aproximada do Assentamento
Du Primo	Itaquiraí-MS / 20 km
Vila Real	Itaquiraí-MS / 27 km
Tirol Laticínios	Itaquiraí-MS / 30 km
Mini Usina de leite 2 Irmãos	Itaquiraí-MS / 30 km
SUDCOOP	Mundo Novo-MS / 70 km
Frimesa	Toledo-PR / 200 km

Fonte: Silva, D. S. 2015.

A flexibilidade de alguns produtos possibilita ao pequeno produtor optar entre seu consumo direto e sua venda nos diferentes momentos do ano. A flexibilização de determinado produto, como a produção leiteira do assentamento, possibilita que permaneça constante a média mensal da produção no assentamento, isso ocorre em decorrência dos projetos destinados ao melhoramento genético e alimentação dos bovinos.

A produção leiteira aderida a uma policultura, no assentamento, garante a alimentação do camponês ao longo de todo o ano e, neste processo, a produção leiteira vai além ao permitir ao camponês um ganho mensal (monetário), fato este que propicia a compra de produtos que não são produzidos em cada lote.

A propriedade significa para o camponês um meio de vida, lugar de morada, onde é possível retirar o seu sustento, criar seus filhos e garantir uma melhor qualidade de vida. Pensada neste âmbito a propriedade agrega o valor sentimental. O assentado Sr. Antônio, de Sul Bonito, explica como isso ocorre:

Eu diria assim: Que quem não teve muito amor na terra, ele abandona a terra. Quem não teve muito amor na terra e não partiu pro processo mais avançado de conscientização com a importância que tem qualquer pedacinho de terra desse, ele... ele abandona e vai embora, vai pra periferia passa o mesmo perrengue.. e mais diferenciada, que mesma coisa quando o povo migra da área rural, que era pequeno o arrendamento, que isso foi forte nos anos de setenta e sete, setenta e oito, um pouco antes, foi muito forte a imigração, mas você sai sem vício da área rural. (Antônio, Sul Bonito, 2015)

A propriedade significa seu lugar de morada, lugar que fortalece laços familiares, de afetividade, onde se produz alimentos. Atualmente a reforma agrária encontra suas dificuldades para que ocorra, tanto das questões políticas quanto das questões sociais, por vez no que se refere ao social o Sr. Antônio argumenta sobre os vícios dessa população que tem prejudicado a organização desta população, a fim da reforma agrária.

O que foi primeiro da área rural... tava indo boia fria, pra área rural, mas já com alguns vício, aquela época. Você não acha que tá no lixo, que tá na pio, aquele que não que trabalhava memo, mas se trouxe pra acampa tá muito difícil mesmo, é muito difícil coordena um povo que tá num vício de o monte de coisa, sabia. Difícil daquela época que eu fui acampado, que nós pegamos um povo, final de arrendatário, era pequeno arrendatário, no caso de Novo Horizonte, era fi daquele que se assentaram primeiro, no processo que quase mais difícil de que nós. E todo aquele povo que nós trouxemos pros acampamento, era um

povo recente, com tendência dos boia fria que trabalhava nos pequeno arrendamento, né. Que tinha querendo ou não, o pai dele tinha uma cultura escrava da área rural, foi da área rural, foi de quando estava abrindo as área rural da região do estado e do Brasil, então eles têm um vínculo com a terra, e hoje depende desse vínculo, quem não teve amor na terra e tal, ser persistente em algumas coisa; vai de novo pra periferia, porque fico mais fácil agora as coisa né. Se analisa hoje, fico mais fácil, fi de pobre ta conseguindo estuda, naquela época estuda até a quarta série e olhe lá, parava. (Antônio, Sul Bonito, 2015)

As dificuldades de se fazer a reforma agrária hoje não se detém apenas pelas políticas públicas deficitárias, mas também da própria população que necessita de um lugar de morada no meio rural.

Para o Sr. Antônio a reforma agrária seria um meio para salvar os camponeses dos chamados vícios, dessa forma ele descreve:

Nóis ainda temo a concepção, que enquanto a maioria daqueles que tinha tendência rural não voltarem pra terra, vai se isso que vocês tão vendo, pra isso, pra pio. Salva algumas pessoa ainda é possível salva, da área rural, sabia? Em termo de vício, em termo comunitário, em termo de ser humano, mais humano, eu diria, né. Que você participa, que há necessidade de dependência de um do outro, né. Então, pra vê o governo precisa sinaliza, reforma agrária não pode para, tem que ter perspectiva, porque se fica lá esperando nunca vai vê, tendeu? Então, os movimentos tem que continua fazendo as luta, claro que com uma deficiência, né. Não se tem toda uma pressão, igual foi na época em noventa e quatro... noventa e cinco, começo das luta aí, que diferencio mas assim existe um processo que mais dificulto, que é por opção que as coisas que é aprovado em lei, naquela época, você aprovava em um ano e pouco, dois ano que uma área era improdutiva, por quê? Porque havia pressão, tinha que faze vistoria, tinha que prova na justiça, claro que eles manipulavam pra favorece fazendeiro, tinha hora. Mas se conseguiu prova que ela era improdutiva, qual era a lógica? Reforma agrária, né. Fernando Henrique aprovo o pio da história, ainda tem uns que defende o cara, nós fomo assentado aqui, era governo do Fernando Henrique, mas nós fomos assentado aqui porque nós desafio ele tendeu? Nóis fazia o que ninguém queria vê, tinha hora, comerciante que não entendia na época fechava as porta e não saía pra rua, por quê... porque tinha medo, não vai disse que alguém morria... morre de amor por alguém, porque não morre não, tinha muito medo na época, hoje incentiva as luta, passaram a entende que os comércio deles cresceram porque nós tamo aqui, mas na época eles fazia os jogo dos outro, ‘que esse povo é arruaceiro, bagunceiro, saqueado, que toma as coisas dos outro’, então era essa a visão da sociedade, então hoje a sociedade, ela tá mais um pouco... eu diria assim: se a sociedade faz na época, em noventa e quatro, as ação que tão fazendo hoje, que qualque... protesta até por um jogo que já teve. Se eles tivesse feito isso nos ano noventa, o Brasil hoje era outro, sabia. Aliais, se a sociedade brasileira faz isso que tão fazendo hoje, nos ano noventa, nós tinha reforma agrária em tudo que região que vocês tá vendo aí, esses município tava forte, em termo de agricultura familiar, em termo de... a

cidade não tava inchada de gente, porque poderia tá na terra, mas assim se faz essas ação tudo nos ano noventa, no momento atual da conjuntura, acho que eles tão atrasado e muito, pra se mobiliza agora, né. Nós fizemo nossa parte, nós têm que fica um pouca na retaguarda aí. (Antônio, Sul Bonito, 2015)

Antônio explicita que um dos meios de acabar com os vícios existentes atualmente seria com o direcionamento desta população de origem rural ao campo, onde direcionariam suas vidas ao trabalho, de forma há ocupar seu dia a dia e voltar as suas origens.

A mídia não tem contribuído para a reforma agrária, ao contrário, sobre esta perspectiva o Sr. Antônio relata:

Porque eles aprovaram em lei ô menino... Que nem eu disse, eles aprovaram em lei que hoje, isso pra você te uma ideia, eles aprovo em lei; que dificulto. O cara usa uma televisão pra dize assim... “Pra que você quebra a porteira, se a porteira tá aberta?”; sem terra, vamo cadastra pelo correio, justamente as luta. É, já falei... Pra que quebra a porteira se a porteira já tá aberta, né, reforma agrária fico mais na televisão, eles usaram bom... pra... pra propaganda. Reforma agrária no chão e não na televisão, porque aí o movimento fazia a ação e a imprensa divulgava, né, então eles diziam que tava fazendo reforma agrária, que televisão, pressão, que militante num... Isso foi muito forte no Fernando Henrique, só que tudo essas medida que ele conteve, ele conteve também em lei que a justiça, que aquelas áreas que se ocupava longe, nas área de fazenda, memo tando improdutiva, eles têm dois ano pra eles pude i faze a vistoria, dois ano, com o avanço tecnológico que deu, o cara preparo a terra ou arrendo, encheu de soja, já viro produtiva. Significa que quem dificulto a reforma agrária não é Lula, não é Dilma, foi eles memo, e muito forte. Pra você te uma ideia, aqueles cadastrado do correio, Mato Grosso do Sul cadastro trinta e nove mil família, sabe quantas aprovaram pelo cadastro do correio? Duas, que aí eles não sabia localiza em qual município que tava, certo. Então, na realidade, era uma ofensiva que eles aprovaram em lei pra conte a luta, e quando to falando que foi aqui, não foi aqui, foi aqui, foi no Brasil inteiro né, no Paraná pra vocês te uma ideia, na... na época do Jaime Lener, eu tive lá. Naquele processo o pessoal ficaram lá no palácio lá, fizeram um... uma horta lá no palácio; então no Paraná foi muito violento na época, amenizo depois que veio o Requião, durante o período tinha um acesso melho pro povo. Então, não adiante dize que os problema na reforma agrária e na... na política da reforma agrária pra agricultura família não envolve os Estado, onde se tem governo truculento pra relação a luta, em relação a classe trabalhadora do povo não manda, e na reforma agrária é muito ruim, nós tivemos aqui um governo muito bom, do governo Zéca, pra você vê, em tempo de seca, teve gente que recebeu ‘Bolsa Estiagem’, tá. É a saída... eu não diria que é a saída, mas na época o governo para em algumas coisas, pra socorre o povo, nós dependendo da época tinha miséria né, porque o cara não vai fica passando fome num canto, essa é a miseração que o pequeno crio pra ele memo, sabia? (Antônio, Sul Bonito, 2015)

A mídia tem o papel de trazer a informação à população, mesmo que em muitos casos ela se torne incompleta ou desatualizada. Em alguns casos a mídia camufla a verdadeira informação condizendo com seus interesses e de seus patrocinadores, em geral grandes multinacionais ligadas ao agronegócio, contrapondo todo tipo de ligação referente a reforma agrária.

A luta, esta entendida como manifestação tem seu fundamento, na maioria das vezes relacionadas às necessidades como alimentação e moradia, sobre este assunto o Sr. Antônio argumenta:

É isso mesmo, toda luta que você faz, ô menino, toda luta que você faz, por mais que acontece dano, vandalismo que algum faz, que tem a bandida que entra no meio, não pra ajuda, mais pra complicar, e toda luta que você faz é pra um objetivo, nada mais nada menos que ... que de direito, de direito seu né. Se um faz por moradia, se tá lá na cidade quero vê não te, direito à casa, tem que te, vai dizer que não tem espaço pra casa nem dinheiro, tem! Não fazem porque eles não quê, não fazem porque eles sempre têm que tá manipulando, na realidade, sempre tem que te miséria, porque se não os cara não mantém os cara bem, certo. Então, à medida que você sai da miséria, você começa a pensar melhor, alimenta bem, você começa a ter o conforto, e pô cheguei a isso, né. Então, essa sequência, ela é o processo de conscientização do povo, mas ninguém nasceu pra se mandar por ninguém. Você tem uma bandeira de luta, porque o povo não entende nem o processo da bandeira vermelha, cria tudo que é fantasia, que é comunismo. Se meu pedaço de terra for, eu tô dentro, sabia; se te a minha casa pra mora, ô menino, te o ganha pão dos menino e pra outros, não importa o que o povo fala, tendeu; mas na realidade criava esse barulho pra sociedade se contra mas, na verdade, você pode ter a bandeira de luta... o time de futebol não tem a bandeira deles. Tá, agora no contexto social dos grande, sabe quem faz isso? O que tá com o poder na mão, que pra você, você sempre tá... a classe trabalhadora, ela tá sempre em dificuldade, até de como se articula, eu acho que nós tá vivendo um processo interessante em termo de mobilização, porque hoje tá tendo mobilização até sem fundamento nenhum, tendeu? (Antônio, Sul Bonito, 2015)

Se existe uma população buscando melhores condições de vida o conflito de forma direta ou indireta estará presente. Isso vale em especial para o campesinato que percebe nas manifestações e ocupações uma forma de pressionar as forças políticas e econômicas hegemônicas.

Quando esse indivíduo do campo é ouvido e contemplado com a reforma agrária é que muda sua vida, seu dia a dia, tem seu modo de produzir e gerar renda para a sua família, a fim de suprir suas necessidades básicas.

No caso do assentados de Sul Bonito, o leite é importante, utilizado para a manutenção da propriedade, pagando despesas como energia elétrica e as contas da casa, serve também para ajudar nos gastos com a manutenção da propriedade, cobrindo os custos do combustível para o trator e outros implementos e insumos, desta forma ganha ênfase para a manutenção do modo de vida do camponês.

O gado utilizado pelos assentados é, normalmente, de origem mestiça, pois são mais resistentes às infestações gerais e requer menos cuidados. A formação do rebanho é feita principalmente por criação própria e de forma secundária, de trocas para adquirir matrizes leiteiras. As novilhas jovens são importantes para os assentados, pois a produção rápida de matrizes saudáveis possibilita uma média de quase um filhote por vaca, por ano. As fêmeas são recriadas com o intuito de substituir as velhas matrizes, mas os bezerros são negociados após o desmame, aguardando a oportunidade de venda ou troca. A venda de uma rês serve para se obter dinheiro rápido, no caso de doenças na família. Serve como complemento de negócio entre produtores, açougueiros, frigoríficos e negociantes sem terra.

A produção de leite no assentamento Sul Bonito conta com projetos derivados de auxílio ao pequeno produtor camponês, de órgãos governamentais e prefeitura. Porém, os assentados ainda encontram dificuldades para aquisição destes produtos, por isso muitos assentados ainda utilizam métodos manuais na lida da produção leiteira.

Parte dos assentados não possui renda para adquirir um resfriador pelo seu alto custo. É através dos projetos que eles adquirem os resfriadores, com capacidade de até dois mil litros de leite. O resfriador é destinado a uma determinada área do assentamento, a fim de facilitar o acesso dos assentados que se incluem nesse projeto. O leite é armazenado durante três dias e, posteriormente, é recolhido pelos laticínios da região.

A manutenção do gado bovino baseia-se na alimentação com pastagens, milho e silagem, com variedades como napier, camerum e cana-de-açúcar. Alguns assentados utilizam rações prontas á base de proteínas concentradas para alimentar as vacas leiteiras. Elas comem ração durante ou após a ordenha. O manejo do rebanho consiste na alimentação, ordenha e cuidados sanitários (vacina, aplicação de vermífugas, combate a parasitas, etc.).

Todas as atividades realizadas para a produção de leite é determinada pela divisão de responsabilidades, que demarca com certa precisão quem faz e quem decide, mas cabe a todos os camponeses da família colaborar para que as tarefas sejam realizadas. Nesse sentido, em muitas

atividades, tais como conserto de cercas, plantio ou roçada das pastagens, a produção de silagem, a compra de utensílios e equipamentos, a inseminação artificial cabe a todos ajudarem na sua realização.

A produção leiteira desempenha um papel estratégico dentro da cultura camponesa, garantindo autonomia produtiva às famílias frente ao mercado explorador, tornando-se uma importante atividade de subsistência e de fixação do homem no campo. O leite é hoje, assim como há anos, a principal renda do camponês de Sul Bonito e dos demais assentamentos de Itaquiraí. Os assentados relatam que o leite garante uma renda mensal para que se possam suprir as necessidades da família e dos animais. O assentado Sr. Antônio relata que:

Olha, eu diria hoje, Itaquiraí num processo que veio andando, nós tamo no município aqui que foi a capital da mandioca, né. Em termo de produção, o Indaiá trabalho vários ano em produção de mandioca, nós tinha uma feclaria aqui, que mais enganava o povo do que cumpria, porque tipo assim, que pra você planta, vem aqui convence você faze um contrato, né; como que ninguém cumpri nada, não tem processo de... de juridicamente que te defende para isso, assinava os contrato pra planta, mas que nada cumpria nada com ninguém, em termo de valor... de produção. Claro que nesse período vem a decadência... o que o próprio povo foi descobrindo, certo? Então, tá. vo cita aqui: Você planta mandioca, você tem que fica aqui no mínimo... no mínimo oito mês, limpando, zelando, pra espera a produção, nesse meio, enquanto você tá zelando dela, se vai come o quê, se não tem renda né. O próprio povo assimilo com renda lata ou baixa pra ele, né. Que, seria a saída com renda mensal, com a produção de alguma coisa. Claro... que memo nós, nós tamo longe de chega o que a gente pensa em relação ao leite; somo produto de leite hoje, com.... simplesmente fazeno o processo de alimentação de matéria-prima, por que o que que agrega valor na cadeia de produção? É a industrialização, e nós sabemos disso, certo. Então, nós fizemo todo um processo organizativo de como vende, no caso da Prime vende, mas que encaminha a venda, que inclusive vai pra Frimesa, no Paraná, que tem a indústria, a indústria não tá na mão do pequeno, então nós somo mero produtor de matéria-prima, mas nós entendemo que é importantíssimo por quê? Porque ainda é o que te dá uma renda mensal, por muito você tem aquilo no final do mês, que dá pra você i aguentando a despesa de sua casa, estudando o filho devagarzinho né, é então pra suas ocupação mensal, quem se organizo e consegue produzi cem litro por mês, eu diria aí, já não passam necessidade das coisas, claro que você tem outras demanda né. (Antônio, Sul Bonito, 2015)

A produção leiteira e a policultura se tornou fundamental para a sobrevivência desta população no meio rural, atendendo as suas necessidades básicas e gerando, mesmo, um

excedente que permite a aquisição de automóveis, móveis, gerar melhorias na propriedade, assim como momentos de lazer.

Sobre a produção direcionada ao mundo globalizado e entendida como monocultura, o Sr. Antônio destaca a necessidade de organização dos camponeses sobre a diversificação da produção referente a cesta básica:

Os que continuaram plantando o monti de mandioca, com esse vai e volta da economia e cultura, quando a cultura de mandioca era cultura, simplesmente da agricultura familiar, tava viável, certo. Na medida de que ela viro cultura do agronegócio, do grande, ela se torna inviável, a não se que se planta mandioca amarela e vá vende na feculária, dentro desses programa do governo, do contrário inviabilizo, há outro coisa... que com os grande, a empresa já é deles , então eles tocam, onde tão próximo, onde tá a fecularia, eles mantém então os contrato garantido, num tá nem aí muito pra pequeno, tanto é que essa empresa aqui, ela meio que faliu, mudo de nome essa empresa que tinha aqui, que mexia com produção de mandioca, né. E hoje, no mercado, nós analisando inclusive tudo isso, o MST na época, ô menino; que o Brasil ia chega a isso, o Brasil não... o mundo, que a medida da economia globalizada ia chega a isso né. Então, ia globaliza várias coisa, nós sabe isso, que dependendo de que você mexe hoje, é viável, mas daqui seis meses não é mais, isso repercutiu muito nos assentamento aqui, que o povo teve várias das iniciativa aqui. Mas assim a economia, a relação de nível de mundo, mudava ação de determinado produto... quebra. Então, hoje no Brasil e no mundo tá vivendo assim, baseado na, no Brasil, exportação. Baseado no fenômeno natural ou baseado nas coisas que têm no outro país, porque tá globalizado; claro que isso é um choque, que o pessoal tá passando uma crise em nível de Brasil e não consegue entente, por quê? Porque nós depende de várias coisas a nível de mundo, nem de Brasil não é. Então, nem adianta faze crítica por causa do rolo da corrupção, porque não é! Ela vai continua acontecendo porque ela é tercerizada. Mas, assim, na agricultura e na agricultura familiar pega muito forte, e vocês vão entende assim por que ô, se pega assim no cenário hoje que tá muito forte, tá no setor de produção de feijão, por que já viu o agronegócio entra muito na produção de feijão? Então, hoje tá indo para um monte de real o quilo. Na agricultura familiar também o pessoal tá deixando de planta um pouco, que é foi a maio defesa que o MST faz... aliás a nível de mundo... né, que vai falta comida, porque ninguém planta comida, o pessoal só anda pensando em lucro. Agronegócio, então esses item básico da cesta básica vira um absurdo, porque isso inclui... da... da alimentação básica do povo, então por isso tem uma ofensiva muito forte hoje, de até você muda hábitos, nós precisa muda hábitos nos assentamento, não vamos te tanta coisa, mas basicamente aquilo que você pensa em consumi, tem que passa a produzi quem tá em área de assentamento. Eu acho que o da processo de alimento, ela tá apenas começando, como nós estudamo; a crise de água, quando eu era acampado em noventa e quatro, nós estudamo que em... dois mil e trinta ia falta água em várias região do Brasil, não chego dois mil e trinta, nós tamo em dois e... quinze, e você fala aquilo na época, ninguém acreditava não... dizia que nós era mintiroso, que alguém tava enganando, porque chove todo dia, chove e em algum lugar a água devia de tá,

já provo que não tá, ela soma, e outra, devia te o cuidado que devia de te! Nós temo exemplo na gleba aqui, na nascentzinha que não foi preservado, ela seco, encheu de terra, o cara meteu arado próximo, cabo, não existe! E isso é no resto do Brasil. Então, não adianta nós culpa aqui, porque levantamo aqui, algumas coisas, claro que saímo um pouco da tua pergunta, mas é interessante dize, nós analisa; nós tivemos um passe grande em modo de questão no código florestal ambiental em termo de rio, teve um povo que fico um período dizendo lá, que quem tive próximo ao Rio Paraná vão perde tudo, dependendo o que defini o código florestal, que não era fenômeno todo, que tá no processo de discussão é um avanço de consciência do povo que tá em área rural, porque ou se preocupa em relação ao meio ambiente, né, ou nós vamo contribui com a destruição de nós memo todo, porque todo sabe disso, só que eles sabem mais não faz ! E aí levantamo... ô menino, aqui ... tipo assim pega essa análise, todos os que desmato, Paraná, toda região, Mato Grosso do Sul, todos estado aqui, claro que nós era ... um processo mais conscientizado de vim luta pela terra, nós contribuimo, nossos pais sabia, que tinha arrendatário. Que tinha que desmata a fazenda pra nós planta um cantinho de roça pra depois eles i plantando pasto. Os mesmo que desmataram aqui, Paraná, São Paulo, tão tudo lá no norte devassando agora o resto da Amazônica, só você levanta a origem, se pega esse município aqui, tinha antigamente no ciclo da madeira, nos ano setenta... um pouco antes.... Naviraí... Naviraí tinha quarenta e poucas serraria, acho que aqui trinta e poucas. Se, se levanta a origem, quando era o mais véio que fazia isso, morreram, mas os fi tão lá no norte, por quê? Porque virou profissional nisso, né. Então, pra conte isso, vamo te muita crise de água, aliais, se o povo não se conscientiza, vamo te crise de alimentação, porque vai te item da própria cesta básica que o povo deixa de planta, e deixo de planta, de produzi isso, vai encarece, então vira uma bola de neve incontrolável, mas assim nos assentamento, respondendo, o leite! Né.. Tamo pecando por quê? Porque os pequeno não organizo os rolo da indústria pítia o mundo globalizado, porque é muito difícil, dificulto e muito. Mas o quê que agrega valor no produto? Industrializa ele, então, essa parte do lucro da... da ... da matéria-prima que nós produzimo, né. Não tá ficando com nós, com quem produz, tá ficando depois que sai pro caminhão que vai pra indústria, então tá ficando com grupo, nós tá servindo de matéria-prima porque somo pequeno, pros grande fica com lucro, essa é a realidade". (Antônio, Sul Bonito, 2015)

Os produtos da cesta básica devem ser visto com maior credibilidade na cadeia nacional, pois é ele que garante o alimento à população. Este produto tem sua origem no campesinato o que difere do latifúndio de origem da monocultura para exportação.

A produção de leite está pautada pela intermediação, neste sentido a produção camponesa apenas não seria intermediada se o camponês industrializasse sua produção, tornando-se ainda mais independente sobre seu modo de produzir. Para o assentado Sr. Antônio:

Tudo hoje tem intermediário, por quê? Porque os pequeno nunca teve nada, nós sempre fomo mandado, quando nós era empregado, né memo. Quando nós era empregado dos grande nós era mandado, então nós não

construiu esse processo de evolução da indústria e tal, você pega, tamo aqui de noventa e quatro pra cá, antes eu trabalhava por dia pra qualque um, certo. Então, esse processo nós tamo longe, porque eles manipularam os quinhentos anos de Brasil, com toda potência que vinha mandando nos pequeno, então hoje os pequeno têm o desafio pra com... compe... competitividade de capitalização, não conseguiu capitaliza pra isso, e nós temo a dificuldade que é do pequeno acredita nele mesmo, que é possível. Aonde eles passaram a fazer isso, aonde os pequeno fez, eu diria assim, nos estado do sul: até no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Evoluíram em termo de cooperativismo, onde eles partiram para o processo de industrialização. Nunca que a quebra se faz isso, porque você no teu produto passa a agrega valor. No estado que de mistura de cultura, igual o Mato Grosso do Sul, é difícil de até você mante uma cooperatizinha de assentado sabia. Por quê? Porque nós estamo num estado misto, onde tem gente de várias região do Brasil, Mato Grosso do Sul é isso! Tendeu. Tem diversas cultura aqui e diversos desentendimento, que são muito difícil você mante, porque é uma desconfiança, porque tem cara que desconfia dele mesmo tem hora. Só que aí o grande vem, manipula ele, ele acredita no grande e não nele mesmo. Certo, então temo muito esse... esse problema, não sei se é o Brasil inteiro, mas em vária região que a gente vê que há uma certa deficiência de unidade em alguma discussão, principalmente num objetivo maio que se tem. Mas, assim, enquanto a pequena agricultura não caminha pro processo de industrialização, começa nós faz as coisas aqui memo e começa pítia o mercado, nós vamo te altos e baixo, certo”. (Antônio, Sul Bonito, 2015)

Com a intermediação da venda do produto o camponês perde uma parcela da sua renda, desse modo sem a intermediação sua renda aumentaria assim como sua maior credibilidade do ponto de vista social, pois permitiria sua visibilidade como agente produtor.

No lote, em geral, o trabalho está a cargo da própria família, apenas quando necessário se utiliza mão de obra externa, sendo pela troca de diárias. Na propriedade cabe à mulher o cuidado das crianças menores de idade e os serviços domésticos, assim como o cuidado dos animais domésticos, poucos casos foram destacados com a lida na produção agrícola ou leiteira.

Aos filhos que podem ajudar no lote com sua força de trabalho, são destinados serviços de acordo com sua escala de idade, os adolescentes de 10 a 15 anos podem ajudar no trato dos animais e no cuidado com os pomares. Aos jovens acima dos 15 anos cabe todo o serviço que seja necessário sobre o lote.

Os homens, geralmente os pais de família, ficam com toda a responsabilidade sobre os cuidados e administração da propriedade, lida com lavouras, cuidados com porcos e gados, assim como a tiragem e transporte da produção leiteira.

Das propriedades em que foi realizada esta pesquisa, 80% produzem leite e, essa produção, é essencial para a administração do lote, pois é o leite que garante uma renda mensal

muito importante. No geral, tem-se uma média de 100 litros por dia por propriedade, o que é considerada uma boa média para se conseguir manter em dia as despesas da propriedade.

As dificuldades encontradas para se produzir o leite está no baixo preço pago pelas indústrias e pelas dificuldades em adquirir ordenhas e resfriadores, tendo em vista a dificuldade para se elaborar projetos para a aquisição desses equipamentos.

Da produção de leite se retira o pouco para a alimentação da família e o restante é comercializado, o preço do leite foi destacado por todos como de baixo custo, as cooperativas compram toda a produção, dessa forma o assentado não se preocupa em aumentar o seu rebanho e, tampouco, a produção. Como o preço é baixo, falta o resfriador para armazenagem e poucas famílias possuem ordenha mecânica, as famílias acabam buscando junto à Secretaria da Agricultura do município projetos para a aquisição de equipamentos.

A produção leiteira existente no assentamento Sul Bonito caracteriza-se como produção camponesa, pois possui as seguintes características: a direção dos trabalhos do estabelecimento é exercida pelo produtor; o trabalho familiar é superior ao trabalho contratado; o tamanho da propriedade é determinado pelo que a família pode explorar com base em seu próprio trabalho.

A ocupação do território e a consolidação de sua territorialidade são fundamentais para o campesinato, o lote é importante para a manutenção do seu processo de vida e as atividades produtivas têm garantido a sua permanência no meio rural. Para os assentados de Sul Bonito este processo de territorialização foi constituído por meio de uma economia de policultura e, em especial, com a produção de leite, que tem garantido o sustento das famílias e sua continuidade no meio rural.

3.5 - POSSIBILIDADES DE NOVAS CONFIGURAÇÕES TERRITORIAIS PARA O ASSENTAMENTO SUL BONITO DE ATIVIDADES NÃO AGRICOLAS

São poucos os assentamentos que possuem infraestrutura adequada que permita o desenvolvimento de atividades de características diversas, em que as famílias possam aplicar a diversidade de produção, atributo de importância em áreas rurais que possuem a agricultura sustentável como base econômica. Desse modo, o desenvolvimento sustentável da agricultura

familiar deve se basear na busca de ações que resultem em melhores condições ambientais e socioeconômicas das famílias que residem em assentamentos.

Com a crescente demanda da monocultura, já não se escolhe os locais para o plantio, o que tem acarretado a desmatamento de florestas, e consigo a destruição da fauna e da flora, contexto este que também se associa a destruição de mananciais. O turismo em determinados locais pode garantir uma maior visibilidade e dessa forma cobrir a sobrevivência de determinado local que servirá de lazer.

O assentamento é um local em que as relações de afetividade com a terra diferem do latifundiário, pois a terra é fonte de vida para o camponês, cabe a este indivíduo cuidar e zelar do seu pedaço de terra. Quando uma área de lazer está inserida em uma propriedade camponesa esta se torna algo a ser preservado, pois significa fonte de vida, contrariando a lógica mercadológica o que visa este local mercadologicamente.

Estas questões ficam pertinente no assentamento Sul Bonito, onde encontra-se inserido a prainha da Amizade que concentra-se em dois lotes do assentamento, no entanto o acesso a esta praia é gratuito. A mesma conta com infraestrutura para acesso, quiosques e área livre para camping.

Atualmente a prainha possui apoio da prefeitura que auxilia na manutenção e limpeza do local, dessa forma a prefeitura pode contar com o local para calendário de festas e torneios esportivos, assim como para lazer de toda a população.

O turismo no assentamento é privilégio que não cabe apenas as pessoas que vem das cidades ou de fora do município, se tornou também fundamental como lazer para os próprios assentados, é neste local onde podem mudar um pouco a sua rotina diária, que agrega valores culturais de sua existência nesta localidade.

Neste contexto, o assentamento Sul Bonito é privilegiado por contar com um modelo de desenvolvimento local voltado para o lazer, como é o caso da Praia da Amizade, que possui extensão de aproximadamente três quilômetros e 300 metros de margem de rio. É uma praia fluvial, está situada dentro de dois lotes do assentamento Sul Bonito e permite refletir sobre como está sendo implantado e difundido o lazer para os assentados. Como os assentados reagem à existência de um local voltado ao lazer e reconhecido como ponto turístico pela população local e regional. Este espaço está relacionado ao consumo do território como espaço de lazer e

isso provoca mudanças que tem sua necessidade de ser analisadas por meio dos estudos geográficos.

A praia conta com estrutura de base aos turistas, possui churrasqueiras com pias e água encanada, sistema de energia elétrica, área destinada ao camping, vestiários e banheiros espalhados pela área da praia, além de uma lanchonete e quadras de areia, ou seja, toda uma infraestrutura organizada para o uso do espaço enquanto lazer.

Figura 07 – Praia da Amizade



Fonte: Diário de Naviraí, 2015.

Próximo à praia há uma trilha para caminhadas e contemplação da mata nativa da região, são 1.600 metros; a trilha do Bugio está bem próxima do Rio Paraná, apresentando um relevo mais alto e com certos obstáculos devido aos troncos de árvores.

Pessoas do município de Itaquiraí são quem mais frequentam a prainha, mas também pessoas de todo o estado de Mato Grosso do Sul, Paraná e Mato Grosso, turistas que podem vir de todas as regiões do Brasil. O período de maior procura se destaca pelas férias de janeiro, junho, julho e dezembro, e também se associa as férias escolares, além do período que determina a Itaquipesca que compreende os dias 10, 11 e 12 de outubro.

A Itaquipesca é considerada a maior festa da pesca de todo o Sul de Mato Grosso do Sul. Contando com torneio disputado no rio Paraná, tem início a competição na Praia da Amizade. Por reunir centenas de pescadores do MS e dos estados vizinhos, a Festa da Pesca de Itaquiraí foi inserida no Calendário Estadual de Eventos, com o projeto aprovado na Assembleia Legislativa de MS.

Figura 08 – Itaquipesca



Fonte: Portal Cone Sul, 2015.

O período em que a praia recebe mais turista é a época da festa, que se tornou tradicional no município, a **Itaquipesca**, uma festa destinada à pesca esportiva, com campeonatos de esportes e shows regionais. Para competir, os pescadores devem fazer a inscrição, mediante o pagamento de uma taxa e estar preparado com barcos e equipamentos de pesca. Durante a festa, os pescadores amadores e profissionais se reúnem na praia com seus barcos e apetrechos para navegarem no rio Paraná, todos em busca do maior peixe ou do peixe classificado como sendo o que vale mais pontos. São várias as classificações, entre elas, o maior peixe, de escamas e couro, o pescador mais idoso e o mais jovem (SILVA, 2008).

A praia tornou-se um importante atrativo para as pessoas das proximidades e de outras regiões, como do Estado do Paraná e de São Paulo. O fluxo de visitantes no município, principalmente na Praia da Amizade, aumenta no período da festa, muitas pessoas ficam acampadas na praia, indo ao centro da cidade apenas para compras de alimentos, também existe uma comercialização dos alimentos do próprio assentamento por parte desses turistas. O acesso à praia é livre, nenhum visitante ou mesmo morador local pagará qualquer valor para conhecer e desfrutar do local e por lá permanecer pelo tempo que desejar.

Os assentados do Sul Bonito, interessados em desenvolver a atividade turística no local, investem em alguns projetos que possam lhes oferecer uma renda extra para complementar o orçamento familiar. Um exemplo que já está sendo colocado em prática é a construção de tanques de peixes; a produção de peixes servirá tanto para a venda no comércio e frigoríficos locais, quanto para a atividade turística como pesque pague.

O assentamento não oferece infraestrutura para pernoite dos turistas, sendo assim, existe a necessidade de construir uma pousada, que oferecerá um melhor conforto ao visitante e a facilidade no acesso até a praia, já que a Praia da Amizade está a 25 km do centro da cidade de Itaquiraí.

Associar o assentamento às atividades turísticas nos permite pensar na dinâmica dialética da posse pela terra e sobre o caráter complexo da atividade turística, tendo em vista que ela se tornou capaz de gerar renda e contribuir para a consolidação do assentamento Sul Bonito.

Embora a atividade turística da Praia da Amizade seja de grande importância, as ações do poder público para atrair um maior fluxo turístico para a praia, não considera os interesses dos assentados, pois não há uma participação efetiva dos mesmos e de suas entidades organizativas. Ocorre um distanciamento entre as ações do poder público em relação às festas que acontecem na praia e o cotidiano dos assentados. No entanto, acredita-se ser possível, a partir da mobilização em prol da atração turística e do interesse do grupo de assentados pela atividade turística, a realização de práticas integradoras.

O turismo rural pode garantir o desenvolvimento local para o assentamento, se tornando uma visibilidade relevante em meio às questões sociais e econômicas praticadas no local, lhe conferindo um olhar mais minucioso pelas autoridades políticas quanto às necessidades existentes no assentamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campesinato no Brasil está associado às disputas de terra com os latifundiários e às constantes ameaças e ações coercivas de grileiros, jagunços e milícias. Embora, nem sempre estes confrontos tragam resultados favoráveis, o camponês não deixa de se organizar em movimentos sociais e, assim dando continuidade a sua existência e permanência na terra.

A ocupação do território se define de diversas formas, constitui-se com diferentes pessoas e neste modo de entendê-lo que se destaca a territorialidade camponesa, com seu elo de afetividade com a terra.

Na territorialidade camponesa se determina a policultura, diversificação da utilização do território, gerando a subsistência da família e ao mesmo tempo abastecendo a mesa da população que vive na cidade e desfruta deste espaço organizado pela territorialidade camponesa. O campesinato, dessa forma, contribui para a geração de alimentos necessários para a sobrevivência do homem.

A territorialidade do assentamento Sul Bonito pouco se difere entre as propriedades do local. Geralmente as casas são de alvenaria, próximos a ela encontram-se animais domésticos, horta, pomares, chiqueiro com suínos, galináceos, o curral onde se retira o leite e é dado o trato ao gado. Uma parte da propriedade é dividida para pastagem. Do restante retira-se uma parte para construções de garagem, casa, e paióis. Planta-se mandioca, feijão, amendoim, abóbora, milho, entre outros utensílios.

A economia de policultura somada à produção leiteira tem contribuído para o sustento de inúmeras famílias no meio rural. No assentamento Sul Bonito não é diferente, entretanto, a produção leiteira ganha maior destaque por ser geradora de empregos, renda e tributos; esta atividade é importante pelo uso constante de mão de obra. O leite funciona como gerador de renda estável, embora a produção e a produtividade possam ser pequenas, no âmbito da agricultura familiar, é o leite que garante fluxo constante de receita para o camponês.

O que se objetivou nesta pesquisa, inicialmente, foi compreender a economia de policultura e a produção de leite no assentamento Sul Bonito, em Itaquiraí-MS, como parte das estratégias de resistência camponesa, todavia esta concepção deve ser confirmada, pois constatou-se, por meio dos dados colhidos, que a produção leiteira tem papel crucial na subsistência camponesa em Sul Bonito, e se destaca como ponto central da policultura praticada,

por conferir um ganho mensal e, neste sentido, é o que garante a manutenção do modo de vida camponês no campo de Itaquiraí.

O camponês de Sul Bonito encontra na economia de policultura e do leite a força para resistir às adversidades e, assim, permanecer no meio rural como expõe o assentado Antônio em suas falas. Entretanto, são muitas as dificuldades que ainda encontra, tais como o baixo preço do leite, a distância do assentamento até a cidade (25 km), entre outros problemas.

As argumentações do assentado Antônio serviu de base teórica da vivência deste mundo camponês presente em Sul Bonito, assim como para retratar o amor pela terra representado na sua territorialidade, na forma pela qual os camponeses ocupam seu território.

Este trabalho busca contribuir com entendimento do campesinato no Mato Grosso do Sul, mais especificamente no município de Itaquiraí. Destacou a grande concentração de assentamento no Estado e município, o que espera que novas interferências ou atitudes relacionadas as políticas públicas contribuam para o desenvolvimento local e da região. Neste sentido o campesinato retrata sua policultura praticada nos assentamento, o que tem conferido aos assentados uma diversificação na produção e, conseqüentemente, garantindo a geração de alimentos em suas mesas, suprimindo suas necessidades.

Diante do que foi exposto e da reflexão que viemos suscitando, mediante relatos e trabalhos de campo na coleta de dados, observa-se que o campesinato tem atribuído ao território uma melhor ocupação e manutenção da biodiversidade existente em cada propriedade, associando sua produtividade de acordo com o que o lote lhe proporciona em Sul Bonito esta diversidade se associa a piscicultura, pecuária de leite, de corte, suinocultura, avicultura, hortifrutigranjeiros, criação de bicho da seda, entre outros.

O turismo também está presente no assentamento conferindo maior visibilidade e representatividade ao campesinato, e ao mesmo tempo um lugar de lazer aos camponeses, este turismo praticado é gratuito e atrai pessoas de vários Estados a fim de conhecer o assentamento.

Sobre os assentamentos existentes no município de Itaquiraí constata-se que são pouco estudados. Estes merecem maior destaque não apenas nos contextos sociais, políticos, econômicos e ambientais, mas também de estudos voltados para se entender às questões sociais que permeiam essas territorialidades. Conforme o assentado Antônio destacou, para se chegar à efetivação de Sul Bonito, com os demais assentamentos do município não foi diferente. Neste sentido se torna interessante entender mais sobre esta concentração de assentamentos no

município e o que representa em termos gerais para a cidade e até mesmo para a região que agrega tais formas de relações espaciais.

Estudos podem ser elaborados para se entender a política que se desenvolve neste município desde a primeira ocupação até os dias atuais, de forma a interpretar a concentração de assentamentos que se localiza no município, retratando que apresenta 12 assentamentos. Examinar as políticas públicas relacionadas a criação destes assentamentos e o que eles representam em termos gerais, assim como questionar os acampamentos que ainda se encontram a beira de BRs sendo atualmente 2 no município e onde eles podem chegar.

Fato importante a ser levado em consideração nas transformações territoriais proveniente das relações estabelecidas pelos assentamentos é a abrangência com que afeta a economia do município, gerando mudanças e outras formas de retirar a renda da terra com a efetivação dos assentamentos. Trabalhos minuciosos e pesquisas são formas que podem refutar e retratar esta transformação a fim de entender até que ponto foi viável e o que pode mudar ao longo dos anos. Dessa forma, a economia local ganha destaque pelas divergências muito próximas entre o campesinato e latifúndios que se confrontam dia a dia. Neste sentido parece surgir uma fronteira ou contrastes entre estas economias.

Portanto após esta pesquisa novos estudos devem ser realizados envolvendo as questões socioambientais. Necessita-se entender sobre como está sendo a aplicação do código florestal nestes latifúndios e assentamentos, entender a monocultura e a utilização de agrotóxicos e o que isso pode acarretar nos assentamentos, no turismo rural. Preponderantemente estudos voltados para o assentamento Sul Bonito e suas divisas com o Rio Paraná e com o Parque Nacional de Ilha Grande, que favorece uma grande diversidade de animais que se deslocam nos corredores migratórios com destino ao interior do assentamento, com sua diversidade de mananciais que cruzam e entrelaçam as propriedades.

Para todas essas questões que viemos esboçando ao longo deste trabalho e refletindo sobre as mesmas, com os aportes dos referenciais teóricos, é que articulamos o pensamento geográfico com as condições sociais que envolvem os sujeitos que sobrevivem em assentamentos e dali retiram a sua forma de vida e estabelecem suas territorialidades. Entendeu-se que esses processos sociais foram o grande tema circunstanciado para pensar geograficamente a espacialidade dos sujeitos que fazem da terra o seu modo de vivência e local de morada.

As estratégias de resistência intensificam esses modos de vida a lutarem por uma condição social digna, a expressarem a territorialidade camponesa em meio a tantos conflitos que tentam usurpar a sua prática de sobrevivência na terra. Neste pensamento, cabe á ciência geográfica exprimir as suas formas de entender, ler e compreender a dinâmica do mundo e as espacialidades que se circunstanciam essa dinâmica. Foi o que buscamos minimamente expressar com tais apontamentos nos enlaço deste trabalho.

A ocupação do território e a consolidação de sua territorialidade são fundamentais para o campesinato. O lote é importante para a manutenção do seu processo de vida e as atividades produtivas têm garantido a sua permanência no meio rural. Para os assentados de Sul Bonito este processo de territorialização foi constituído por meio de uma economia de policultura e, em especial, com a produção de leite, que tem garantido o sustento das famílias e sua continuidade no meio rural.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: HUCITEC/UNICAMP, 1992.

ALMEIDA, R. A. **Identidade, Distinção e Territorialização**: o processo de (re) criação camponesa no Mato Grosso do Sul. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2003.

ALMEIDA, R. A. **A Questão Agrária em Mato Grosso do Sul**: Uma visão multidisciplinar / Rosemeire Aparecida de Almeida, organizadora – Campo Grande, MS. Ed. UFMS, 2008.

BOMBARDI, L.M. O bairro rural como identidade territorial: A especificidade da abordagem do campesinato na geografia. **Agrária**, v.1, 2004. 55-95 p.

BORGES, Jorge Luis. **Cinco visões pessoais**. Brasília: Universidade de Brasília, 1996.

CARVALHO, Horacio Martins. **Comunidade de Resistência e Superação**. Curitiba: Peres, 2002.

_____. **Na sombra da imaginação**: Reflexão a favor dos camponeses. Curitiba: UFRGS, 2010.

CARVALHO, J. C. M. de. **Camponeses no Brasil**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COELHO, M. A. **Geografia do Brasil**. São Paulo: Moderna, 1996.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. História – **Comissão Pastoral da Terra/Mato Grosso do Sul** (1978 – 1992). Campo Grande-MS, 1993.

CORRÊA, Roberto Lobato. Territorialidade e corporação: um reflexo. M. et. al. (Orgs.). **Território: Globalização e fragmentação**. 5. ed. São Paulo: Hucitec/Anpur, 2002.

_____. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 2003.

FABRINI, J. E. **A posse da terra e o sem terra no Sul de Mato Grosso do Sul**: o caso Itaquiraí. Publicação AGB, p.173. Corumbá, 1996.

_____. **Assentamentos de Trabalhadores Rurais Sem Terra**. 1. ed. V. 1, p. 154. M.C. Rondon: Edunioeste, 2001.

_____. **Os Assentamentos de Trabalhadores Sem Terra Enquanto Território de Ações Coletivas/Cooperativas Através da Coagri** (Cooperativa de Reforma Agrária e Trabalhadores Rurais da Região Centro-Oeste do Paraná). Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2002.

_____. **A resistência camponesa nos assentamentos de sem-terra**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2003.

_____. **Conflitos territoriais entre o campesinato e o agronegócio latifundiário**. João Edmilson Fabrini / Djoni Roos. – 1. ed. – São Paulo: Outras Expressões, 2014.

FERNANDES, E.N.; ZOCCAL, R.; GOMES, A.T.; et al. **Mapeamento da evolução da produção de leite no Estado do Mato Grosso do Sul, 1985/1996. Cadeia de lácteos no Brasil: restrições ao seu desenvolvimento**. Juiz de Fora – MG, Embrapa Gado de Leite, p. 365-377, 2001.

FERNANDES, B. M. **O uso da terra no Brasil: debates sobre políticas fundiárias** / Bernardo Mançano Fernandes, Clifford Andrew Welch, Elienai Constantino Gonçalves. São Paulo, Cultura Acadêmica: UNESCO, 2014.

FILHO, J. M. **Classificação e Caracterização Sócio-econômica dos Agricultores**. Porto Alegre, 1974.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, P. C. da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1996.

_____. **Cenários para a Geografia: sobre a espacialidade das imagens e suas significações**. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). Espaço e cultura: pluralidade temática. Rio de Janeiro: UDUERJ, 2008. 187-210 p.

GRZYBOWSKI, C. **Caminhos e descaminhos dos movimentos sociais no campo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

GUANZIROLI, C.H.; CARDIM, S.E. **Novo retrato da agricultura familiar – o Brasil redescoberto**. Brasília: Projeto de Cooperação Técnica, INCRA/FAO, p.56, 2000.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste**. Niterói: UFF. 1997.

_____. **Territórios alternativos**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

HESPANHOL, Antônio N. Dinâmica do espaço rural e novas perspectivas de análise das relações campo-cidade no Brasil. **Terra Livre**, v.II, n. 27, p.2-39, 2006.

MARQUES, M. I. M. O lugar do modo de vida tradicional na modernidade. In: MARQUES, M.I.M.; OLIVEIRA, A. U. (orgs.). **O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social.** São Paulo: Casa Amarela e Paz e Terra, 2004.

MARTINS, J. S. **A Sociedade Vista do Abismo.** Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. São Paulo: Vozes 2002.

MST. **Sistema Cooperativista dos Assentados.** Caderno de Cooperação Agrícola nº. 05. São Paulo: Concrab, 1997.

_____. **Cooperativas de Produção: Questões Práticas.** Cadernos de Formação nº. 21. 3. ed. São Paulo: Concrab, 1998.

OLIVEN, R. G. **Território, fronteiras e identidades.** In: SCHULER, F.; BARCELLOS, M de A. (Org.) *Fronteiras: arte e pensamento na época do multiculturalismo*, p. 157-166. Porto Alegre: Sulina, 2006.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder.** Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RODRIGUES, A. M. **Produção e consumo do e no espaço: problemática ambiental urbana.** São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. **“Conferência de abertura dos Setenta Anos da AGB: As transformações do espaço e a Geografia do Século XXI”.** In: Congresso Brasileiro de Geógrafos. Goiânia, 2004.

ROMERO, J. I. **Questão agrária: Latifúndio ou agricultura familiar.** São Paulo: Moderna, 1998.

SANTOS, Boa Ventura de Sousa. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira.** Tempo Social. Revista Sociologia USP, São Paulo, 1993.

SANTOS, M. **A natureza do espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Por uma nova Geografia: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico.** – 22 ed. Ver. E ampl. De acordo com ABNT – São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, A. C. **Geografia e lugar social.** São Paulo: Contexto, 1991.

SILVA, D. F. da. **A Geografia dos acampamentos de sem-terra: Estudo de caso do Acampamento Moeda em Três Lagoas/MS.** TCC (Monografia em Geografia). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Três Lagoas/MS, 2004.

SILVA, D. A. **A territorialidade turística no assentamento rural Sul Bonito/ MS: a influência da Praia da Amizade/ Rio Paraná.** Dourados: UFGD, 2008.

SILVA, D. Dos S. A produção camponesa de leite do assentamento Sul Bonito em Itaquiraí/MS, trabalho monográfico, 2011.

STÉDILE, J.P. **Assentamentos: a resposta econômica da reforma agrária.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço & Lugar.** A perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL. 1983.

VILELA, D. **Políticas e diretrizes para o agronegócio do leite e derivados no Brasil. Anais do Projeto Plataforma Tecnológica do Leite – Fase 02.** Embrapa. Documentos n. 86, p.19-35, 2002.

WEBGRAFIA: ASSENTAMENTO SUL BONITO. Disponível: www.itaquirai.ms.gov.br
Acesso em 20 de abril de 2015.

APÊNDICE – 01

ENTREVISTA

CAMPONESES ASSENTADOS DO ASSENTAMENTO SUL BONITO NO MUNICÍPIO DE ITAQUIRAÍ-MS

- 1- Nome do assentado?
- 2- Há quanto tempo reside no assentamento?
- 3- Participa de alguma organização?
- 4- Como adquiriu o lote?
- 5- O senhor (a) é o primeiro dono (a) do lote?
- 6- Já possuiu terra?
- 7- Qual a área do seu lote?
- 8- Possuía posses antes do assentamento como: casa, terra, gado, dinheiro, data urbana, trator, automóvel, etc.
- 9- O senhor (a) tem filhos?
- 10- Qual cooperativa comercializa produção de leite? Quais serviços você necessita da cooperativa?
- 11- A Cooperativa desenvolve alguma política que permita eliminar o atravessador?
- 12 – Participou de algum curso de aperfeiçoamento oferecido pela cooperativa?
- 13- Quantas horas trabalha por semana, qual atividade praticada e quantas horas gasta em cada atividade?
- 14- Possui produção animal?
- 15- Possui produção leiteira?
- 16- A cooperativa compra toda a produção de leite ou é estipulado uma quantia mensal?
- 17- A produção do leite é vendida para quem?
- 18- Você encontra dificuldades para comercializar a produção do leite?
- 19- Na produção, utiliza algum tipo de maquinário para ordenhar?
- 20- Possui outra renda fora da produção de leite?

21- A renda obtida é considerada suficiente para o sustento da família?

22- Faz financiamento para a produção?

23- Já recebeu Pronaf, em que ano?

24- Você recebe assistência técnica?

25- Para a produção no lote, há a utilização de mão de obra externa?

26- Quais as principais dificuldades encontradas para produzir no lote?

APÊNDICE – 02

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação:

Título da dissertação: **A TERRITORIALIDADE CAMPONESA NO ASSENTAMENTO SUL BONITO EM ITAQUIRAÍ – MS**

Pesquisador Responsável: **Dherwerson dos Santos Silva**

Instituição a que pertence o pesquisador: **Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon.**

Orientador: **Prof. Dr. Mauro José Ferreira Cury**

Nome do voluntário: _____

O Sr. (a) está sendo convidado(a) a participar da dissertação “**A TERRITORIALIDADE CAMPONESA NO ASSENTAMENTO SUL BONITO EM ITAQUIRAÍ - MS**”, de responsabilidade do pesquisador Dherwerson dos Santos Silva.

O **objetivo desta pesquisa** é compreender a territorialidade camponesa no assentamento Sul Bonito, em Itaquiraí-MS, como parte das estratégias de resistência camponesa pela posse da terra. Para isso, realizar-se-á, por intermédio de **entrevistas voluntárias gravadas** e em um processo dialógico, um levantamento de histórias de vida.

As **informações desta pesquisa serão utilizadas para elaboração da dissertação** e serão divulgadas em eventos ou publicações científicas; **haverá identificação dos voluntários.**

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, da dissertação acima descrita.

Itaquiraí, _____ de _____ de 2015.

Assinatura do participante